

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

**Instituto de Ciências Humanas
Curso de História – Bacharelado**



Trabalho de Conclusão de Curso

“Eu serei uma senhora importante. Vou ser muito importante”: a trajetória política de Nair de Teffé na Primeira República (1910-1922)

Bethânia Luisa Lessa Werner

Pelotas, dezembro de 2022

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

W492e Werner, Bethânia Luisa Lessa

“Eu serei uma senhora importante. vou ser muito importante”: a trajetória política de Nair de Teffé na primeira república (1910-1922) / Bethânia Luisa Lessa Werner ; Jonas Moreira Vargas, orientador. — Pelotas, 2022.

97 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História) — Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2022.

1. Nair de Teffé. 2. Trajetória. 3. História das mulheres. 4. Primeira república. I. Vargas, Jonas Moreira, orient. II. Título.

CDD : 305.4

Bethânia Luisa Lessa Werner

“Eu serei uma senhora importante. Vou ser muito importante”: a trajetória política de Nair de Teffé na Primeira República (1910-1922)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em História.

Orientador: Prof. Dr. Jonas Moreira Vargas

Pelotas, dezembro de 2022

Resumo

WERNER, Bethânia Luisa Lessa. “**Eu serei uma senhora importante. Vou ser muito importante**”: a trajetória política de Nair de Teffé na Primeira República (1910-1922). Orientador: Jonas Moreira Vargas. 2022. 97f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Pelotas, 2022.

A partir das renovações no campo da História Política, ampliaram-se os domínios e as abordagens sobre os objetos de estudo da área, também caracterizada, a partir de então, pela pluridisciplinaridade. Incorporando novos agentes, grupos sociais, trajetórias e sociabilidades, essa expansão possibilita, portanto, investigações sobre a presença feminina em espaços políticos. Partindo dessas concepções, portanto, é que se apresenta o presente trabalho. Com o objetivo de analisar a participação e a influência de Nair de Teffé - primeira dama durante o mandato presidencial do Marechal Hermes da Fonseca (1910-1914) - na política da Primeira República, são analisados tanto o conteúdo de suas memórias no livro *A verdade sobre a Revolução de 22* (1974), quanto a sua trajetória. Em sua narrativa percebemos a presença de traços biográficos, características do ambiente político do período, as redes sociais que envolviam a vida das elites e fatos sobre sua vida pública e privada antes, durante e após o casamento com o Marechal. Além disso, são observadas as ocorrências de menções à figura de Nair na imprensa do Rio de Janeiro, através de buscas na Hemeroteca Digital Brasileira, entre o período de 1910 até 1922 - quando ocorrem os levantes tenentistas que envolvem o ex-presidente e que são elaborados pela personagem em sua narrativa. Dessa forma, como consequência do cruzamento das informações encontradas nas fontes, avaliamos tanto as práticas da memória feminina a partir da escrita de Nair, quanto em quais redes de sociabilidade ela estava inserida e atuando naquele contexto. Assim, a partir de uma abordagem que dialoga com a elaboração de uma história social da política, buscamos colaborar nos debates historiográficos relacionados aos limites e possibilidades de atuação feminina nesse campo.

Palavras-chave: Nair de Teffé. Trajetória. História das Mulheres. Primeira República.

Abstract

WERNER, Bethânia Luisa Lessa. **“I will be an important lady. I'm going to be very important”**: a political trajectory of Nair de Teffé in the First Republic (1910-1922). Advisor: Jonas Moreira Vargas. 2022. 97f. Final paper (Bachelor in History) – Institute of Human Sciences, Federal University of Pelotas (UFPEL), Pelotas, 2022.

From the renovations in the field of Political History, the domains and approaches to the objects of study in the area were expanded, also characterized, from then on, by pluridisciplinarity. Incorporating new agents, social groups, trajectories and sociabilities, this expansion therefore makes possible investigations about the female presence in political spaces. Based on these conceptions, therefore, the present study is presented. With the objective of analyzing the participation and influence of Nair de Teffé - first lady during the presidential term of Marechal Hermes da Fonseca (1910-1914) - in the politics of the First Republic, both the content of her memoirs in the book *A Verdade sobre a Revolução de 22* (1974), as to its trajectory. In her narrative we noticed the presence of biographical traits, characteristics of the political environment of the period, the social networks that involved the lives of the elites and facts about her public and private life before, during and after her marriage to the Marechal. Furthermore, occurrences of mentions to the figure of Nair in the Rio de Janeiro press are observed, through searches in the Hemeroteca Digital Brasileira, between the period from 1910 to 1922 - when the lieutenant uprisings involving the former president and which are elaborated by the character in her narrative. Thus, as a result of crossing the information found in the sources, we evaluated both the practices of women memory based on Nair's writing, and in which sociability networks she was inserted and acting in that context. Thus, from an approach that dialogues with the elaboration of a social history of politics, we seek to collaborate in the historiographical debates related to the limits and possibilities of feminine action in this field.

Keywords: Nair de Teffé. Trajectory. Women History. First Republic.

Lista de figuras

- Figura 1** – Caricatura da artista Rêjane por *Rian*..... p. 45
- Figura 2** – Caricatura de Artur da Silva Bernardes e Nilo Peçanha, por *Rian*..... p. 48
- Figura 3** – “A distinta caricaturista *Rian*, senhorita Nair de Teffé, ex-collaboradora de *Careta*, noiva de S. Ex.^a o Marechal Presidente da República”..... p. 53
- Figura 4** – “O enlace presidencial” p. 54
- Figura 5** – Visita do casal à Vila Marechal Hermes em 1920..... p. 80
- Figura 6** – Matéria sobre o banquete oferecido pelas classes armadas ao casal..... p. 81

Lista de abreviaturas e siglas

PRR	Partido Republicano Rio Grandense
PRF	Partido Republicano Feminino
PRC	Partido Republicano Conservador
FBPF	Federação Brasileira pelo Progresso Feminino
LEIM	Liga para Emancipação Intelectual da Mulher
CPDOC	Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
AVAP	Acervo Alzira Vargas Amaral Peixoto

Agradecimentos

À quem me ouviu falar incansáveis vezes sobre essa pesquisa.
À quem me orientou, apoiou, incentivou e apontou possíveis caminhos futuros.
À quem me proporcionou autonomia nessa construção.
À quem me inspira, dentro e fora do meio acadêmico.
À quem acompanhou os meus processos de escrita e as reflexões que surgiram deles.
À quem eu conheci e com quem pude dialogar por causa dessa pesquisa.
À quem me acompanhou em eventos e viagens.
À quem me mostrou que as amizades feitas na graduação talvez sejam para a vida, sim.
À quem cruzou a minha trajetória ao longo dessa construção.
À quem possibilitou a minha permanência em outra cidade por alguns anos.
À quem me acolheu nessa cidade e à quem eu escolhi como minha segunda família.
À quem se fez casa, quando a minha estava distante.
À quem sempre esteve do meu lado, ainda que não fisicamente.
À quem confiou em mim e na minha capacidade.
À quem me ensinou (e possibilitou) a ir em busca dos meus sonhos.
À quem me deu suporte, carinho, afeto e atenção.
À quem soube me acalmar em momentos não tão fáceis.
À quem esteve comigo e se fez presente ao longo desses anos.
À quem já não está mais aqui, mas sei que de algum lugar está vendo essa conquista.
À quem compartilhou esse caminho ao meu lado e, por isso, fez ele ser mais bonito.
À quem nunca mediu esforços pra que eu estivesse aqui, hoje, agradecendo.
Muito obrigada!

Sumário

Introdução	10
1. Da literatura à imprensa e às memórias: o contexto político da Primeira República. 16	
2. Mulher, artista e primeira dama.....	34
2.1 Nair de Teffé Hermes da Fonseca ou, simplesmente, <i>Rian</i>	34
3. Pincéis, tinta, caricatura e... política!.....	59
Considerações finais	87
Referências bibliográficas:	91
Fontes	95

Introdução

Imagine um emaranhado de fios, todos eles distintos entre si. Todos eles estão interligados de alguma maneira, alguns mais próximos uns aos outros e de maneira mais forte, outros menos, com laços, às vezes, quase sendo rompidos. Aqueles que estão no centro desse emaranhado, possivelmente não possuem contato com os fios mais periféricos, dadas as ocupações de espaços por outros entre eles. Contudo, juntos, todos esses fios representam um todo. Esse todo constitui uma espécie de formação que, ao ser observada, só adquire sentido quando todos os fios estão presentes. A complexidade está, portanto, em analisa-los individual e coletivamente.

A metáfora descrita no parágrafo anterior busca explicar aos leitores a proposta desse trabalho. Nas páginas que seguem, tentamos evidenciar aspectos desse emaranhado. Buscamos compreendê-lo, nesse sentido, através do olhar direcionado a um dos fios que o compõem. A particularização se apresenta, por conta disso, como provável. No entanto, não descartando a importância de análise da mesma, também pretendeu-se compreender de que maneira essa observação particular pode auxiliar na compreensão do emaranhado como um todo, já que enquanto parte do mesmo, ela também o constitui. Nesse contexto, o emaranhado figura uma formação social e, seus fios, as diferentes trajetórias que a sustentam.

Nesse contexto, as escolhas metodológicas desse trabalho dialogam com a elaboração de uma história social. Uma história que seja “atenta aos indivíduos percebidos em suas relações com outros indivíduos”, ao mesmo tempo em que, interseccionando individual e social, permite “acompanhar o fio de um destino particular [...] e, com ele a multiplicidade dos espaços e dos tempos, a meada das relações nas quais ele se inscreve” (REVEL, 1998, p. 21). Paralelo a isso, outras concepções também são importantes para a compreensão do objetivo proposto aqui, como as discussões sobre história social das elites e história social da política.

Em relação às elites, buscamos “compreender, através da análise mais ‘fina’ dos atores situados no topo da hierarquia social, a complexidade de suas relações e de seus laços objetivos com o conjunto ou com setores da sociedade” (HEINZ, 2006, p. 8). Isto é, ao analisar individualmente a trajetória de uma personagem que estava inserida nesses meios, tentamos compreender quais eram as suas relações com os demais agentes sociais daqueles espaços e de que maneira a sua trajetória contribui para que seja melhor compreendido todo o emaranhado e as relações que o mantém/constituem.

Já em relação à história social da política¹ evidenciam-se – a partir das renovações que foram trazidas para o campo, bem como as transformações e a ampliação de seus objetos de estudo – as análises sobre as trajetórias e grupos sociais. No entanto, na história política é mais comum que se encontrem estudos sobre as trajetórias masculinas, as quais são evidenciadas com maior demora em detalhes para a compreensão de seus contextos e articulações sociais.

A partir dessas duas breves contextualizações, portanto, se apresenta outra abordagem histórica que atravessa esse trabalho: a história das mulheres. Assim, associados os conceitos apresentados acima, o objetivo a que esse trabalho se propõe é o de analisar a trajetória política de Nair de Teffé, primeira dama ao longo do mandato do Marechal Hermes da Fonseca, ao longo da Primeira República no Brasil, entre os anos de 1910 e 1922.

Nesse sentido, objetivando analisar o papel político exercido pela personagem feminina em um contexto primordialmente formado e estudado a partir de trajetórias masculinas, percebe-se o quanto o campo da história política surge renovado a partir dessas transformações metodológicas. Ou seja, evidencia-se o quanto “o universo político está em expansão” (RÉMOND, 2003, p. 23) e as diversas possibilidades de diálogos interdisciplinares.

A partir disso, as trocas estabelecidas entre a História das Mulheres e a História Política apresentam-se de maneira renovada. Contudo, ainda assim são percebidos alguns obstáculos, como aponta Simili

um dos problemas destacados por aqueles que estudam política e mulheres é a desigual presença e participação dessas personagens no cenário nacional e, por consequência, a dificuldade enfrentada para a obtenção de fontes de pesquisa que permitam conhecer e avaliar as experiências femininas e políticas do passado. (SIMILI, 2008, p. 14)

No entanto, esforços historiográficos vêm sendo realizados no sentido da ampliação dessas discussões. Alguns dos trabalhos que dialogam com as concepções de escrita de si (PAULA, 2008; GOMES, 2004), com as práticas de memória feminina (PERROT, 1989; 2005), as trajetórias políticas de outras mulheres (HAHNER, 1981; SIMILI, 2008; TORRES, 2002) e a análise de suas ações nos diferentes âmbitos sociais (KARAWJCZKY, 2013; ANGELI, BOMBARDELLI, 2022) colaboraram com as discussões aqui estabelecidas.

¹ Ver: CORADINI (1995); GRIJÓ (1998, 2005), VARGAS (2007), DAL FORNO (2020).

Ao se pensar sobre a política ao longo da Primeira República, nesse caso, a maioria das análises versam sobre a chamada política do café com leite, as disputas presidenciais e as alianças estabelecidas entre grupos das elites para a manutenção ou ampliação de poder nas diferentes esferas públicas. Pouco desse espaço ainda hoje é ocupado por narrativas e estudo de trajetórias femininas, especialmente quando a atenção do nosso trabalho se volta para as figuras das primeiras damas. Inseridas nos ambientes políticos e nas esferas do poder Legislativo, ainda que de maneira indireta em alguns casos, elas raramente são alvos de análises mais aprofundadas em relação à política presidencial, por exemplo, a partir das quais, como no caso dessa pesquisa, elas podem construir suas próprias trajetórias políticas. Nesse caso, destaca-se que a função de primeira dama não é concebida enquanto uma titulação oficial, contudo, “exerce, ou pode vir a exercer, papel de destaque na administração de seus cônjuges e no desenvolvimento de possíveis capitais políticos” (RODRIGUES, 2019, p. 177).

Nesse sentido, buscamos apresentar de que maneira, a partir de suas ações políticas, incertezas, desejos, memórias, vivências e relações sociais, a primeira dama Nair de Teffé se relacionou com a política da Primeira República. Contextualizando-a no cenário dos primeiros anos de estabelecimento da República no Brasil, portanto, buscamos analisar tanto as suas ações individuais e sua trajetória, quanto a forma com que essa se apresenta enquanto possibilidade para compreensão do contexto de modo mais amplo, entendendo suas nuances e apresentando outras perspectivas a partir de uma visão feminina.

As relações sociais estabelecidas por Nair com o ambiente político da época ultrapassam o período em que ela ocupou o cargo de primeira dama. Por conta disso, também buscamos apresentar um pouco mais sobre sua trajetória familiar, as redes de sociabilidade em que ela estava inserida e os espaços que ela ocupou ao longo de sua vida. Das memórias de infância às memórias do casamento, continuidades e rupturas são percebidas em sua própria narrativa. Nesse aspecto, e em relação às demais fontes utilizadas, importa destacar as diferentes temporalidades que atravessam a escrita desse trabalho.

Para a realização dessa pesquisa foram utilizadas, em diálogo com as vertentes historiográficas apresentadas anteriormente, a análise de conteúdo das memórias da primeira dama e a análise da imprensa do período, a fim de contrastar as narrativas preservadas pela personagem com aquelas veiculadas nos jornais da capital federal. As memórias da personagem são encontradas no livro intitulado *A verdade sobre a*

*Revolução de 22*², publicado em 1974, quando Nair já contava com 88 anos. Nessa obra a autora narrou aspectos de sua infância, juventude e vida adulta, priorizando momentos e diferentes situações que viveu ao lado de seu esposo, o Marechal Hermes da Fonseca. Nair apresenta uma narrativa envolvida pelo afeto, pelo carinho e pelo amor preservado pelo marido, demonstrando as subjetividades presentes no relato perpassado pela memória e as escolhas de destaque ou silenciamento sobre determinados episódios. Visando estabelecer um contraponto a essa fonte, realizaram-se paralelamente pesquisas na Hemeroteca Digital Brasileira.

Visando perceber em quais momentos e de que maneira a figura de Nair de Teffé era representada pela imprensa da capital federal, foram realizadas buscas nos jornais do Rio de Janeiro com o recorte temporal de 1910 a 1922. A escolha do recorte temporal se justifica a partir do diálogo com a narrativa da própria personagem em suas memórias. Dada a maior atenção de detalhes e o volume mais expressivo de narrativas de situações que envolviam sua vida após o casamento com Hermes da Fonseca, a análise das memórias foi realizada a partir da leitura de momentos antes, durante e após o casamento. Nesse sentido, como o matrimônio foi realizado em 1913, optou-se pelo início do mandato do Marechal na presidência, em 1910, como o marco inicial dessas buscas, visando mapear, antes do enlace, as relações em que ela estava envolvida política e socialmente. Da mesma maneira, a escolha pelo ano de 1922 ocorre a partir do envolvimento e da prisão de Hermes relacionados aos levantes tenentistas daquele ano, episódios sobre os quais Nair dedica longas páginas de sua narrativa, demonstrando suas preocupações, angústias e percepções acerca da política da época.

Dessa maneira, as buscas na Hemeroteca Digital Brasileira foram realizadas não apenas com a pesquisa do nome da personagem, mas também a partir dos seguintes termos: Nair de Teffé, Mme. Hermes da Fonseca, Mme, Nair da Fonseca, Mme Teffé, Nair da Fonseca, Nair Hermes, Sra Hermes e viúva Hermes. A partir disso, buscamos ampliar as possibilidades de encontro das ocorrências de menções à figura de Nair na imprensa³.

² **Escrita na década de 1970, no período da ditadura civil militar...** A obra foi publicada em 1974 pela Editora Gráfica Portinho Cavalcanti LTDA, no Rio de Janeiro. Ela divide-se em duas partes principais, sendo a primeira a narrativa de Nair de Teffé sobre sua trajetória e alguns dos acontecimentos políticos que a autora escolhe destacar, e a segunda, intitulada *As caricaturas de Rian*, a reunião de algumas das caricaturas produzidas por ela.

³ Foram encontradas ocorrências em uma quantidade expressiva de jornais do Rio de Janeiro, dentre os quais estão: *A Época*, *A Razão*, *A Faceira*, *A Imprensa*, *A Maçã*, *A Noite*, *A Notícia*, *A Rua – Semanário Ilustrado*, *A Tribuna*, *Arealense*, *A União*, *ABC – Política*, *actualidades*, *questões sociaes*, *letras e artes*, *Brasil Revista*, *Careta*, *Correio da Manhã*, *Correio da Noite*, *D. Quixote*, *Excelsior*, *Fon-Fon*, *Gazeta de*

Assim, esse trabalho se estrutura a partir de três capítulos. No primeiro são apresentadas algumas características do ambiente social e político da Primeira República ao longo do recorte temporal utilizado. A partir da análise da figura de Hermes da Fonseca, da mesma forma, buscamos contextualizar os leitores acerca das articulações políticas que envolviam aquele cenário, como foi elaborada a sua trajetória até a presidência da República e um pouco sobre suas relações sociais, explorando de maneira breve o papel desenvolvido pela primeira esposa – Orsina da Fonseca – e as redes de sociabilidade em que o mesmo estava inserido, destacando a proximidade com o senador Pinheiro Machado. Assim, em relação à metáfora descrita no início dessa introdução, é no primeiro capítulo que buscamos descrever o emaranhado, ou seja, compreender melhor quais eram os contextos em que os personagens estavam inseridos.

Já no segundo capítulo, a escolha narrativa se centra em um dos fios: a trajetória de Nair. Nesse capítulo buscamos apresentar ao leitor um pouco mais sobre a maneira como Nair de Teffé gostaria de ser lembrada, pois são utilizadas as suas memórias enquanto fonte para explicação sobre a sua formação familiar, intelectual, artística e social. Nesse espaço são descritas lembranças associadas à infância da personagem, o início de sua formação enquanto caricaturista e, ao mesmo tempo, evidenciadas algumas das relações sociais que eram mantidas por ela ainda antes do casamento, novamente destacando-se a figura do senador Pinheiro Machado, amigo em comum do casal, mas também as figuras de outras mulheres que estavam ocupando os ambientes públicos e políticos que Nair frequentava. Além disso, nesse capítulo também são apresentadas as articulações em torno do seu noivado e casamento com Hermes da Fonseca até a realização do mesmo.

Apresentado o emaranhado e escolhido um fio particular para análise, no terceiro capítulo os esforços foram, portanto, os de compreensão sobre as diferentes maneiras com que essa trajetória feminina específica atuou e agiu politicamente. Isto é, buscamos apresentar aos leitores os posicionamentos assumidos pela personagem em relação ao ambiente político da Primeira República, partindo tanto das escolhas narrativas e das memórias apresentadas por Nair de Teffé, mas também dos materiais veiculados na

Notícias, Jornal das Moças, Jornal do Brasil, Jornal do Commercio, Lanterna – Diário Vespertino, O Combate, O Imparcial, O Fluminense, O Malho, O Paiz, O Pharol, O Seculo, O Violão, Para Todos, Revista da Semana, Revue Franco-Braésilienne, Sport Illustrado, Vida Carioca e Vida Doméstica. Por conta das dimensões desse trabalho, não foram analisados todos os periódicos aqui mencionados, mas sim optou-se pela incorporação daqueles em que a maior quantidade de materiais foi encontrada. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso realizado em: 14/11/2022.

imprensa com menções a ela. Nesse capítulo também foram incorporados documentos referentes ao Poder Legislativo, destacadamente os *Anais do Senado Federal* e os discursos do senador Ruy Barbosa que apresentavam menções à figura da primeira dama. A partir disso, visamos entender as maneiras com que ela também foi representada nos discursos masculinos e de que modo a sua figura foi levada à discussão no âmbito da política federal. Buscou-se compreender, portanto, as diferentes formas de atuação política de Nair, suas estratégias, mas também as ações involuntárias, as consequências dessas e as influências públicas que foram geradas a partir das mesmas. Enquanto mulher inserida nos círculos sociais das elites da Primeira República, enquanto primeira dama, enquanto artista ou, melhor, *Rian*, a partir do fio de sua trajetória particular o emaranhado também pode ser visto através de outras óticas e com a incorporação de diferentes perspectivas.

1. Da literatura à imprensa e às memórias: o contexto político da Primeira República

Na história dos presidentes da República do Brasil, ele foi o primeiro a usar e entregar ao sucessor a faixa presidencial. No seu mandato, eclodiram a Revolta da Chibata⁴, a Guerra do Contestado⁵ e foi declarado Estado de Sítio. Foi também o primeiro gaúcho a ser eleito presidente do Brasil. Enquanto presidente do país ele foi o primeiro a casar-se, pela segunda vez, em meio ao exercício da função e, por conta disso, despediu-se do Catete ao som da música popular brasileira. Ao final do mandato, declarou: “Sou um homem livre! Cumpri o meu dever! Graças a Deus vou ver pelas costas esses malucos e idiotas que me atazanaram e me insultaram nesses 4 anos” (FONSECA, 1974, p. 61). Em um romance escrito à época, descreve-se que “os políticos levaram-no aos pináculos da carreira e da administração”, da mesma forma que “os jovens militares fizeram-no organizar espetaculosas manobras e tomar atitudes guerreiras” (BARRETO, 1956, p. 169).

Nas páginas a seguir buscamos contextualizar os leitores e leitoras, visando compreender um pouco mais sobre a conjuntura da Primeira República que compreende o recorte temporal desse trabalho, sendo esse de 1910 a 1922. Para isso, portanto, partiremos da figura do oitavo presidente do país, o Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca, e de sua inserção no ambiente político da época.

Nascido no Rio Grande do Sul na segunda metade do século XIX, em 1855, Hermes Rodrigues da Fonseca era filho de João Severiano da Fonseca e Rita Rodrigues Barbosa. Sobrinho do primeiro presidente do Brasil, o Marechal Deodoro da Fonseca, e filho de um militar, Hermes possuiu desde cedo em sua trajetória aproximações com o Exército. Em decorrência disso, a partir da influência dessa instituição na sua carreira política é possível compreender melhor sua chegada até a presidência do país.

No governo do presidente Afonso Pena (1906-1909), Hermes foi escolhido para estar à frente do Ministério da Guerra, fortalecendo o Exército e profissionalizando-o. Ao aparecimento do Exército enquanto uma instituição revigorada, dessa maneira, foi dado crédito à ele enquanto ministro, destacando sua atuação na “carreira militar, passando

⁴ Segundo o Atlas Histórico do Brasil produzido pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), a Revolta da Chibata foi uma rebelião ocorrida de 22 a 27 de novembro de 1910 onde a Marinha brasileira protestava de modo contrário aos castigos físicos direcionados aos militares de baixa patente. Ver mais em: <https://atlas.fgv.br/verbetes/revolta-da-chibata> Acesso realizado em 05/10/2022.

⁵ O conflito do Contestado ocorreu no ano de 1912 e foi um movimento social que, entre outras motivações, questionou os limites territoriais entre Paraná e Santa Catarina. Dadas as dimensões do movimento, em 1914 houve uma intervenção federal para impedir que o conflito se expandisse e comprometesse a política nacional. Ver mais em: RODRIGUES, Rogério Rosa. Guerra do Contestado. Verbetes, FGV.

rapidamente pelos escalões militares durante os primeiros anos da República” e, além disso, “ganhou fama nacional por ter debelado a revolta de cadetes no Rio, em 1904” (LOVE, 1975, p. 152). Em decorrência disso, no posto de Ministro da Guerra no governo de Afonso Pena ele também recebe o título de Marechal, o que lhe gera notoriedade e reforça seu capital simbólico, o qual “corresponde ao conjunto dos rituais (...) ligados à honra e ao reconhecimento” (BONNEWITZ, 2003, p. 54). Ainda no exercício dessa função, Hermes da Fonseca “enviou oficiais à Europa para treinamento avançado e ele próprio foi para a Alemanha Imperial, onde ficou impressionado com o moderno exército do Kaiser” (LOVE, 1975, p. 152). Essas aproximações com o cenário internacional e diplomático são igualmente percebidas através do envio de presentes pela celebração do segundo casamento do presidente, em 1913, como veremos no segundo capítulo (FONSECA, 1974, p. 40).

Sua indicação para a ocupação desse cargo parte das articulações políticas que envolviam a Primeira República e o estabelecimento de relações de trocas entre os grupos que sustentavam a eleição dos candidatos. Contudo, na gestão de Afonso Pena, segundo Viscardi (2012, p. 161), um dos indicativos de “aspiração por autonomia concretizou-se na montagem do Ministério”. A indicação de Hermes, portanto, visava contemplar a inclusão dos gaúchos a nível nacional no novo governo, os quais possuíam sua maior representação na figura do senador Pinheiro Machado naquele momento.

Pinheiro era “filho de um paulista que se transformara ao mesmo tempo em importante estancieiro no Rio Grande e membro do Parlamento Imperial, [...] nativo do Distrito das Missões” (LOVE, 1975, p. 32). Formou-se na Faculdade de Direito de São Paulo e, com o passar dos anos transformou-se, segundo Love (1975, p. 32), em “um dos homens mais poderosos no Senado Federal e um ‘mandachuva’ da política presidencial”. Articulador político tanto a nível nacional quanto estadual, após a morte de Júlio de Castilhos⁶, Pinheiro Machado é um dos responsáveis pela sustentação do nome de Borges de Medeiros⁷ na chefia do Partido Republicano Rio Grandense (PRR), com quem ele consagraria as reivindicações de representação do estado na sucessão presidencial (LOVE, 1975, p. 112).

⁶ Constituinte em 1891; Deputado Federal pelo RS 1891-1893; Presidente do RS 1891, 1892 e 1893-1898. Ver mais em: CASTILHOS, Júlio de. CPDOC, FGV.

⁷ Candidato único ao pleito de 25 de novembro de 1897, Borges de Medeiros foi eleito e tomou posse em janeiro de 1898. A escolha de Borges para sucessão na presidência do PRR foi fortalecida, além disso, pela afinidade ideológica mantida entre ele e Júlio de Castilhos, ambos com formação positivista. Ver mais em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/antonio-augusto-borges-de-medeiros>
Acesso realizado em: 10/09/2022.

Borges de Medeiros foi presidente do estado do Rio Grande do Sul entre 1898 e 1908, 1913 e 1915 e entre 1916 e 1928, sendo aquele que mais tempo ocupou o cargo no estado. Ao lado de Pinheiro Machado, portanto, os dois buscaram aumentar a influência do Rio Grande do Sul na Federação, coordenando a política estadual. Nesse sentido, ainda que uma das condições para a eleição de qualquer candidato fosse o aval de ambos, destaca-se que para a ocupação da pasta do Ministério da Guerra no governo de Afonso Pena, a indicação de Hermes “não resultou de sugestão de Pinheiro Machado ou de Borges de Medeiros” (VISCARDI, 2012, p. 161-162).

Dessa maneira, para compreender a chegada de Hermes da Fonseca até a presidência do país é preciso contextualizá-lo em uma análise das máquinas políticas estaduais e das instituições nacionais de mais importância à época (LOVE, 1975, p. 115). Joseph Love destaca a autonomia de três estados no contexto da Primeira República, sendo eles Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul, apontando para o estabelecimento de alianças entre os dois primeiros objetivando suprimir a influência do terceiro. A partir da aliança do Rio Grande do Sul com a instituição do Exército, contudo, o autor aponta a formação de “uma base alternativa para a obtenção do poder político nacional” (LOVE, 1975, p. 116). Em trabalhos mais recentes na historiografia, todavia, são refutados esses aspectos.

Viscardi (2012) busca demonstrar o quanto a ideia da vitória de um eixo alternativo de poder não se sustenta por essa perspectiva, “na medida em que a aliança mineiro-paulista ainda não havia se constituído” (VISCARDI, 2012, p. 191), e aponta o apoio da elite mineira à candidatura de Hermes da Fonseca. Por conta disso, a autora apresenta uma inversão, com a qual concordamos no presente trabalho, do eixo alternativo, sendo esse “representado pela campanha civilista, a qual lutava contra a aliança hegemônica mineiro-gaúcha, estabelecida a partir de 1906” (VISCARDI, 2012, p. 191). Nesse sentido, reforça-se a ideia de que a busca pela ocupação do cargo de Presidente da República “era de importância decisiva para o controle do sistema político” (LOVE, 1975, p. 121) demandando, por isso, a formação de alianças políticas. Dentre essas alianças, destacamos a ligação de duas instituições: o Exército e o Partido Republicano Rio Grandense (PRR).

Love (1975) aponta que as aproximações entre a instituição do Exército e o PRR foram estreitadas a partir da demonstração do estado em participar da disputa pelo poder nacional. Contudo, também são encontrados outros fatores que fortalecem esse apoio como as convicções ideológicas pautadas pelo positivismo, a defesa das verbas militares

no Congresso pelo PRR e, segundo o autor, a única possibilidade de aliança que restava aos gaúchos frente aos paulistas e mineiros (LOVE, 1975, p. 124). Assim, a entrada do Exército enquanto um novo agente político nessa conjuntura, como destaca Viscardi (2012), é também descrita enquanto um “elemento agravante, [pois] o Exército retornava à cena política, o que não ocorria desde o governo Floriano” (VISCARDI, 2012, p. 195).

Em meio à rede de alianças políticas que envolviam o cenário da Primeira República, a candidatura de Hermes da Fonseca foi sustentada, assim, tanto pelo apoio do Exército quanto pelo apoio de Minas Gerais – os quais buscavam manter-se próximos do poder nacional e, por isso, lançaram o nome de Wencelau Brás enquanto vice-presidente na chapa de Hermes. Além disso, devido ao falecimento do presidente Afonso Pena em 1909, o cargo presidencial foi ocupado pelo seu vice, Nilo Peçanha, que “embora tenha se comprometido em permanecer neutro, aderiu à campanha hermista de forma discreta” (VISCARDI, 2012, p. 186). Fazendo parte da rede de alianças políticas que apoiavam a candidatura gaúcha também foi recebido o apoio de José Joaquim Seabra⁸, deputado federal na Bahia, a despeito de suas divergências com Pinheiro Machado. Desse modo, dividia-se o estado baiano pois partia dali também a maior oposição à candidatura militar, a campanha civilista.

A oposição à candidatura de Hermes da Fonseca partiu, principalmente, da figura do senador baiano Rui Barbosa – o qual concorreu enquanto candidato à presidência da República em 1910 e 1919, em ambas as campanhas estabelecendo relações com Hermes. Em 1910, contudo, popularizou a chamada campanha civilista através de sua candidatura em oposição aos militares, fazendo com que pela primeira vez, o governo federal tivesse “uma oposição organizada, a dos civilistas, tendo à frente dois grandes estados, São Paulo e Bahia” (VISCARDI, 2012, p. 195). Dessa maneira, os “hermistas”, como descreve Joseph Love, respondiam à campanha alegando o caráter nacional do candidato militar, buscando apontar a sobreposição dos interesses do Exército em relação aos interesses estaduais ou regionais.

Da mesma forma, as fragmentações internas nos estados não se restringiam à Bahia. Ainda que Minas Gerais tivesse declarado apoio à candidatura de Hermes da

⁸ Constituinte 1891; Deputado Federal (BA) 1891-1893 e 1897-1902; Ministro do Interior e Justiça 1902-1906; Deputado Federal (BA) 1909-1910; Ministro da Viação 1910-1912; Presidente (BA) 1912-1915; Deputado Federal (BA) 1916-1917; Senador (BA) 1917-1920; Presidente (BA) 1920-1924; Constituinte 1934; Deputado Federal (BA) 1935-1937. Em 1922, J. J. Seabra também concorre à vice-presidência da República na chapa da Reação Republicana, junto com Nilo Peçanha. Ver mais em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jose-joaquim-seabra> Acesso realizado em 11/09/2022.

Fonseca e tivesse estabelecido uma aliança com os gaúchos, alguns setores internos do estado aderiram ao civilismo e às ideias de Rui Barbosa que, “para muitos brasileiros, [...] representava as mais elevadas esperanças de uma democracia liberal” (LOVE, 1975, p. 155). Destacam-se, dentre os apoios mineiros, as cidades de “Juiz de Fora e Belo Horizonte” e “dois importantes jornais do estado [...]: *O Pharol* e o *Correio de Minas*” (VISCARDI, 2012, p. 188).

Apesar disso, a campanha empreendida por Rui Barbosa, que “enfocava a questão, um tanto irrelevante, da autoridade civil *versus* a autoridade militar no Brasil” (LOVE, 1975, p. 156) não conseguiu apoio suficiente. A vitória da eleição foi atribuída ao Marechal Hermes da Fonseca, ainda que Rui Barbosa não tivesse admitido sua derrota, acusando “Pinheiro de ter manipulado a comissão parlamentar encarregada de apurar os votos” (LOVE, 1975, p. 156), explicitando o quanto “os resultados eleitorais favoráveis à situação foi uma norma de todos os processos eleitorais do regime, viabilizados pelo abuso da fraude e pelo controle do voto pelos coronéis” (VISCARDI, 2012, p. 318). Em relação a esse aspecto destaca-se a possibilidade da análise e de compreensões sobre os grupos sociais predominantes no período, suas relações e a tendência instalada para a reprodução de uma determinada ordem social (BONNEWITZ, 2003), nesse caso, a predominância e a influência de alguns grupos das elites dirigentes sobre outros e o apoio à candidatura militar.

Dessa maneira, assumindo a presidência do país, Hermes da Fonseca inspira-se na administração do presidente do estado do Rio Grande do Sul, Borges de Medeiros, que contava com um aliado político auxiliando sua administração, o governador Carlos Barbosa. No âmbito nacional, portanto, “o homem a quem confiaria a liderança política seria o Senador Pinheiro Machado” (LOVE, 1975, p. 157), dada a sua influência já estabelecida na política da capital e entre as elites da época. Nesse sentido, a participação de Pinheiro Machado lado a lado (ou em frente?) à administração presidencial, a partir da eleição da candidatura gaúcha, ganha novos delineamentos como, por exemplo, a organização do Partido Republicano Conservador (PRC).

O historiador Joseph Love (1975, p. 158) ao comentar sobre a figura de Pinheiro Machado, descreve que o mesmo “fez da política um meio de se tornar mais rico do que seria possível normalmente [...]”. Dessa forma, analisar a influência política desse personagem é, da mesma maneira, analisar a sua acumulação e a transposição de capitais, especialmente o capital social e o simbólico, ligados, respectivamente, “ao conjunto das relações sociais de que dispõe um indivíduo ou grupo” e ao “conjunto de rituais ligados

à honra e ao reconhecimento” (BONNEWITZ, 2003, p. 54). Assim, enquanto bacharel, Pinheiro serviu de espelho à algumas das tradições reproduzidas em relação a esse grupo, destacando a sua oratória e o investimento nas “ligações certas – e, acima de tudo, o casamento certo” (LOVE, 1975, p. 145), aspectos que permitiam a ascensão entre as oligarquias estaduais e a conquista de legitimidade entre elas.

Sobre essas tradições e a cultura predominante entre as elites à época, a literatura também traz contribuições para a análise, principalmente a partir das obras do escritor Lima Barreto, destacando-se o romance *Numa e a Ninfa* (publicado em folhetins no jornal *A Noite*, no Rio de Janeiro, em 1915) e a sátira intitulada *Os Bruzundangas* (publicado em 1923). Compreendendo ambas as obras dentro do campo da História enquanto vestígios do passado que permitem análises a partir de um olhar historiográfico, a literatura contribui para que sejam percebidos – e confrontados com outras fontes – aspectos nem sempre presentes na imprensa, que também reflete as escolhas editoriais do que deve ou não ser publicado, ou nas memórias biográficas de personagens – como no caso das escolhas narrativas de Nair, as quais discutiremos com mais detalhamento nos próximos capítulos.

Dessa forma, a partir das obras de Lima Barreto, por exemplo, podem ser percebidos alguns vestígios de expressões sociais que direcionavam leituras críticas sobre a política e os seus agentes à época. Assim como é percebido em alguns de seus contos, a narrativa de Lima Barreto denuncia “a ditadura militar, o estado de sítio imperante, a carestia econômica e as rebeliões populares que estouravam nesse momento; tudo devidamente alterado e com nomes camuflados” (BARRETO, SCHWARCZ, 2010, p. 51). Por isso, as semelhanças não são meras coincidências, nesse caso.

No romance *Numa e a Ninfa*, por exemplo, o escritor incorpora algumas das personalidades predominantes no contexto político da eleição de 1910 aos personagens, destacando a figura do General Bentes, o Dr. Bastos, o Xisto e o Velho, que seriam, respectivamente, o Marechal Hermes da Fonseca, o senador Pinheiro Machado, Davi Campista e Afonso Pena. Dentre os diálogos presentes na obra, portanto, percebe-se a proximidade com o contexto eleitoral que envolvia a candidatura militar de Hermes em 1910, a partir da sucessão de Afonso Pena, como vemos:

- Olha, queres saber de uma cousa: o Xisto não vai.
- Corre isso.
- Pois eu te digo que sim. Está tudo preparado... Bastos ainda não deu o sim, mas quem vai é o Bentes.
- Ouviste dizer isto?
- O Manuel não te disse nada?

- Nada. E o Álvaro?

- Álvaro não diz coisa com coisa, mas ouço as conversas deles... Quem vai mesmo é o Bentes... Quem fez a República, não foram eles? Então fizeram a república para os outros? Não achas? (BARRETO, 1956, p. 71)

Ao analisar esse trecho do diálogo entre os personagens do romance, percebe-se a discussão sobre a sucessão presidencial e, além disso, evidencia a influência de Pinheiro Machado (Bastos, no romance) nas decisões sobre o processo eleitoral e seu apoio à candidatura militar de Hermes da Fonseca. Além disso, em outros momentos do texto o autor reforça a concepção de interferência de Pinheiro Machado já na administração presidencial do Marechal e na ocupação dos cargos políticos e ministeriais no novo governo, como quando narra: “Acontecia que nem sempre o candidato de Bastos era de Bentes; e, às vezes, o de Bastos era inimigo de Bentes e o de Bentes era inimigo de Bastos, coisa vulgar” (BARRETO, 1956, p. 126). Evidenciam-se, dessa forma, as alianças políticas e a importância das mesmas, por distintas que fossem, assim como suas relações de dependência mútuas.

Além disso, o prestígio e o apoio à candidatura de Hermes tanto por setores das elites quanto pelo Exército também são delineados na narrativa literária quando o autor menciona que “aliaram-se os militares políticos e os organizadores da nação armada em torno da figura que nascia toda inteira do pensamento diplomático” (BARRETO, 1956, p. 171). Ou seja, analisar a narrativa literária de Lima Barreto para a compreensão do contexto político e social em questão é compreender a literatura enquanto um produto da realidade sobre a qual versa, agindo sobre ela de maneira crítica, como no caso do autor. Nesse sentido, a incorporação da análise de *Numa e a ninfa* no presente trabalho visa, como apontam as interpretações de alguns historiadores, compreendê-la enquanto “[...] uma crítica veemente ao sistema político brasileiro e às falsidades que iam da esfera pública à privada” (BARRETO; SCHWARCZ, 2010, p. 39), auxiliando na reflexão sobre o contexto histórico de desenvolvimento da Primeira República.

Enquanto autor negro nascido em 1881, ao final do Império, Lima Barreto reflete em suas obras questões sobre a inclusão social e racial e, “sua biografia não só mostra um perverso e silencioso preconceito existente no Brasil, como permite problematizar uma noção mais idealizada de mestiçagem” (BARRETO; SCHWARCZ, 2010, p. 44). Isto é, suas narrativas apresentam aspectos, ainda que entrelaçados à criação literária, que delineiam o ambiente social do Rio de Janeiro ao longo da transição do século XIX para o XX e as transformações políticas que envolveram esse processo. Como vimos no trecho citado anteriormente, as figuras políticas eram alguns desses alvos em suas narrativas

literárias, sendo nessa e em outras de suas obras reforçadas as denúncias que Lima Barreto fazia contra “[...] o florianismo, a política fraca de Rodrigues Alves, o hermismo e a militarização, o autoritarismo, intolerância que era manifestada não só na política, mas também nos demais campos de atuação e do saber” (BARRETO; SCHWARCZ, 2010, p. 47). Da mesma forma, a figura de Rui Barbosa é denunciada por Barreto enquanto a reunião de todos os aspectos criticados pelo autor, sendo Rui a união entre “o porte altivo, a atitude elitista, a escrita discursiva, o corpo avantajado, o sucesso na política e na literatura” (BARRETO; SCHWARCZ, 2010, p. 47).

Ambas as obras, *Numa e a Ninfa* e *Os Bruzundangas*, apresentam críticas fortemente direcionadas ao sistema político brasileiro naquela conjuntura. No primeiro, Lima Barreto “escancara a prática dos políticos que teriam aberto mão de qualquer idealismo, sendo movidos apenas por interesses práticos, materiais e imediatos” (BARRETO; SCHWARCZ, 2010, p. 44). Da mesma forma em *Os Bruzundangas*, onde novamente o autor critica o sistema e seus atores.

De volta à *Numa e a Ninfa*, é nessa obra que o autor descreve a influência de Bentes (que seria o Marechal Hermes da Fonseca), destacando que alguns dos personagens buscavam participar de reuniões e festividades na casa de pessoas influentes, “principalmente à de Bentes que vivia sempre cheia” (BARRETO, 1956, p. 175). Essa descrição pode nos remeter à aproximação das descrições sobre a organização de recepções pelo personagem e sua esposa, que posteriormente viria a ser primeira dama, aspecto que também foi largamente veiculado na imprensa da época, especialmente quando da chegada de Hermes à presidência do país. Algumas dessas recepções ficaram bastante famosas, como a Noite do Corta Jaca (a qual voltaremos no capítulo 3), contudo, cabe destacar o quanto as repercussões dessas reuniões corroboram com a ideia de que as elites da época, ou seja, “seus políticos e intelectuais não teriam conseguido associar as manifestações populares, suas peculiaridades e potencialidades, à identidade da nação e da arte brasileira” (GOMES; ABREU, 2009, p. 10).

Em alguns de seus contos, Lima Barreto também tece críticas ao governo e à administração de Hermes da Fonseca, destacando aspectos relacionados à declaração do Estado de Sítio⁹, a íntima relação mantida entre o presidente e o senador Pinheiro

⁹ Referência ao conto *Projeto de lei*, datado de 4 de setembro de 1915, presente na coletânea *Contos completos de Lima Barreto* (2010).

Machado¹⁰ e algumas de suas ações ao longo do mandato, como os investimentos na chamada Vila Operária¹¹ – onde posteriormente foi instalada uma escola feminina que levou o nome de sua segunda esposa, Nair Hermes da Fonseca (*O Jornal*, 02/11/1927, p. 8). Nessas narrativas encontram-se descrições que podem ser associadas tanto à figura do Marechal quanto à sua administração, como quando o escritor narra que: “Sabia que era impopular, que o povo ridicularizava com canções satíricas a sua pessoa desgraçada, e proclamava também os seus méritos intelectuais com anedotas hilariantes” (BARRETO; SCHWARCZ, 2010, p. 355). Tal aspecto é reforçado pela historiografia quando das constatações de que “o fato de Hermes não atuar politicamente, enquanto um representante de uma unidade federal, contribuiu para a fragilização do exercício de seu poder”, além das críticas cada vez mais presentes nos jornais da oposição, dentre os quais encontravam-se o *Correio da Manhã*, *O Século*, *A Noite* e *O Imparcial* (VISCARDI, 2012, p. 199) – destacando, dentre outros episódios, a prisão do Sr. Macedo Soares (diretor d’*O Imparcial*) quando decretado o estado de sítio pelo presidente (*A Notícia*, 05/03/1914 e 06/03/1914, p. 1). Assim, atribui-se papel importante a ser analisado à imprensa do período, especialmente a da capital federal e as representações que essa fazia em relação à Hermes da Fonseca.

Em contraponto, destacam-se alguns dos títulos que, a partir de ações do Partido Republicano Rio-Grandense, influenciaram a opinião pública na capital federal à época, “dando cobertura financeira a vários jornais cariocas, principalmente *A Tribuna*, *Correio da Noite*, *A Imprensa*, *Gazeta de Notícias* e o prestigioso *Jornal do Commercio*” (LOVE, 1975, p. 161). Além disso, o jornal *O Paiz* estava sob o controle de Pinheiro Machado, logo, sua cobertura buscava favorecer a imagem do presidente. Dessa maneira, tanto durante a corrida eleitoral quanto após a vitória e a posse de Hermes na presidência, sua vida enquanto figura pública já veiculava na imprensa da época, fosse ela favorável à sua candidatura ou não, dada a multiplicação dos jornais de oposição ao longo de seu quadriênio. Logo, empossado como presidente da República, suas atividades e as de sua família tornaram-se objeto de curiosidade não apenas pela oposição. Nesse contexto, destacamos a figura das primeiras damas (sim, no plural!).

¹⁰ Referência aos contos *Abertura do Congresso*, datado de 8 de maio de 1915, e *Uma anedota*, datado de 29 de maio de 1915, presentes na coletânea *Contos completos de Lima Barreto* (2010).

¹¹ Referência ao conto *S. A. I. Jan-Ghothe*, datado de 22 de maio de 1915, presente na coletânea *Contos completos de Lima Barreto* (2010).

Ao longo de seus quatro anos de governo, o Marechal Hermes da Fonseca teve duas esposas. Sendo o primeiro presidente a casar-se durante a vigência do seu mandato, foram as suas relações matrimoniais alvos de discursos inclusive no Senado, como veremos no capítulo três. Nesse aspecto, cabe destacar que o foco na análise do presente trabalho recai principalmente sobre a segunda esposa e primeira dama, Nair de Teffé, em detrimento de análises que privilegiam a figura da primeira, Orsina da Fonseca. Contudo, ao longo dessa pesquisa foram encontrados materiais que apresentavam a presença de ambas as mulheres e, por conta disso, contextualizações fazem-se necessárias.

Ao buscar estudar aspectos sobre a trajetória de uma personagem, como é o caso dessa pesquisa, faz-se importante sua contextualização perante ao ambiente social em que essa estava inserida e as pessoas com quem essa estabelecia laços. Sobre a importância do contexto no estudo de biografias, Levi destaca que

[...] qualquer que seja a sua originalidade aparente, uma vida não pode ser compreendida unicamente através de seus desvios ou singularidades, mas, ao contrário, mostrando-se que cada desvio aparente em relação às normas ocorre em um contexto histórico que o justifica (LEVI, 1998, p. 176)

Ou seja, a partir disso torna-se necessária a compreensão tanto de uma perspectiva macro – considerando o contexto – quanto micro – considerando as especificidades daquela trajetória, e nesse caso, sua relação com as demais. À vista disso, a concepção de estudo da sociedade apresentada por Pierre Bourdieu também dialoga com essa análise pois considera tanto que “a sociedade global é hierarquizada em classes sociais, definidas, numa abordagem estática, por posições sociais ligadas à desigualdade de distribuição dos capitais”, quanto através de uma “abordagem dinâmica, por trajetórias sociais diferenciadas” (BONNEWITZ, 2003, p. 73). Em decorrência disso, para interpretar a rede de relações existentes e mantidas tanto pela personagem quanto ao seu redor, possibilitando até mesmo uma análise comparativa, apresentaremos brevemente um pouco mais sobre Orsina da Fonseca.

A primeira esposa de Hermes da Fonseca, Orsina Francione da Fonseca, era também sua prima. A proximidade entre as famílias havia sido estabelecida desde a infância e a adolescência de ambos e, em decorrência disso, “o casamento aconteceu em 17 de dezembro de 1877, exatamente no dia em que a noiva completava 18 anos” (GUEDES, MELO, 2019, p. 56). Orsina ocupou o posto de primeira dama ao lado de Hermes entre 1910 – 1912 e, desde então, passou a receber as pessoas com quem se relacionava e mantinha laços de sociabilidade, nas dependências do Catete. Dentre essas, destaca-se a amizade da primeira dama com a feminista Leolinda Daltro e seu apoio “às

iniciativas do Partido Republicano Feminista, fundado pela amiga em 1910” (GUEDES, MELO, 2019, p. 57) primeiro ano do mandato de Hermes na presidência. Além disso, a aproximação da primeira dama com o PRF pode ser considerada bastante íntima, dada sua posição enquanto presidente honorária do partido (FREIXO, 2021, p. 83).

Na imprensa essa aproximação também foi objeto de notas como da realização de discursos onde Orsina saúda a figura da professora Leolinda publicamente (*O Seculo*, 18/10/1910, p. 2). Somado a isso, o PRF fundou uma escola, a qual posteriormente foi chamada Escola Orsina da Fonseca, em homenagem à primeira dama. Sobre essa instituição também são encontradas notícias na imprensa¹² da capital federal onde tanto a professora Leolinda Daltro quanto a poetisa Gilka Machado discursaram saudando a figura de Orsina e as matrículas das alunas recebidas no período, destacando a justificativa desse empreendimento:

O Partido Republicano Feminino, á custa de um esforço innédito, de uma labutação contínua, fundou a Escola Orsina da Fonseca, para instruir a Mulher, afim de que ella se exalce, se dignifique, se liberte e possa, também, dar à Pátria cidadãos perfeitos. (*A Imprensa*, 23/09/1911, p. 4)

Além disso, o PRF também demonstrou apoio à Hermes da Fonseca quando das suas viagens pelo país e retornos à capital federal, como no discurso de Olga Araújo, representante do partido, numa das recepções ao Marechal, onde ela cita que:

O Partido Republicano Feminino, acompanhando v. ex. através de todas as phases políticas, cumpre, hoje, o seu dever cívico, vindo trazer os seus patrióticos saudaes pelo vosso regresso do Estado da Bahia. O nome glorioso de v. ex., a quem cabe, hoje, dirigir os destinos da pátria, e manter a integridade da República, elevou-se completamente na admiração patriótica do povo. A recepção que tivestes, na Bahia, é a prova ultima da glorificação do vosso nome. (*A Imprensa*, 24/07/1911, p. 2)

A partir disso percebemos, além do apoio do grupo feminino, a manutenção das alianças estabelecidas inclusive antes da chegada de Hermes à presidência – como o apoio de J. J. Seabra, mencionado anteriormente – a partir do estado da Bahia. Nesse sentido, desde a chegada do Marechal à presidência em 1910, o PRF se apresenta em apoio à sua administração, recebendo com honras principalmente a primeira dama Orsina da Fonseca (*Jornal do Brasil*, 19/10/1910, p. 8).

Por outro lado, enquanto primeira dama, a trajetória de Orsina também cruzou-se com as instituições e práticas assistencialistas. Associada a instituições católicas e em prol da infância, foi nomeada pelo Círculo Catholico enquanto presidente de honra e

¹² Optamos, nesse trabalho, pela manutenção da linguagem e escrita originais nas reproduções das matérias e trechos dos periódicos analisados.

participava da organização de festivais em benefício dessas crianças, sendo saudada pela ajuda que dispndia aos desamparados (*Jornal do Brasil*, 18/12/1911, p. 7; *A Tribuna*, 01/08/1911, p. 2).

A partir desses aspectos, faz-se necessária a análise entre a associação das figuras femininas a essas práticas, somando-as ao caráter religioso, como destaca Simili:

[...] enquanto os problemas relacionados à pobreza, ao desamparo da população foram concebidos como não pertencentes aos assuntos do Estado, enquanto a pobreza foi tida como problema a ser resolvido pela sociedade civil e pela Igreja, deixando seu equacionamento como gesto benemérito dos homens e mulheres bons, criaram-se as bases para o desenvolvimento de práticas caritativas pela sociedade, orientadas pelo ideário de caridade cristã de amor ao próximo, que tinham nas mulheres as suas principais praticantes. (SIMILI, 2008, p. 44)

Essa concepção alia-se às delimitações entre espaços públicos e privados, além de estabelecer funções prerrogativas às mulheres, as quais concordamos que precisam ser estudadas “nos seus próprios termos, à luz das atividades que executam e das posições que ocupam em suas próprias sociedades” (HAHNER, 1981, p. 16). Ou seja, ainda que tais funções estivessem primordialmente direcionadas à atuação feminina, Orsina da Fonseca não estava voltada somente a elas. A primeira dama também se fez presente em meio às articulações que envolviam a presidência da República, como quando da ocorrência de solicitações de sua intervenção junto à presidência¹³. Dessa maneira, ainda que o objeto de estudo do presente trabalho não seja a análise da trajetória política de Orsina da Fonseca, os aspectos mencionados anteriormente demonstram o quanto sua atuação estava direcionada a várias frentes políticas diferentes.

Companheira de Hermes da Fonseca ao longo de seus dois primeiros anos de governo, em 17 de abril de 1912, o jornal *A Imprensa* publica em uma nota a celebração referente ao longo matrimônio do casal: “O sr. e a sra Hermes da Fonseca receberam ontem à noite, no Guanabara, as pessoas de sua maior intimidade, que ali foram cumprimenta-los pela passagem do 33º aniversário do seu casamento” (*A Imprensa*, 17/04/1912, p. 2). Contudo, naquele mesmo ano viria a falecer Orsina da Fonseca. Seu falecimento foi amplamente divulgado e os pêsames à família partiram tanto de diferentes estados do país quanto do exterior.

¹³ Na edição de 6 de fevereiro de 1912 do jornal *A Imprensa* é publicada uma nota onde lê-se: “O ministro da Côrte de Justiça, dr. Ferreira Coelho, e o dr. Muniz Freire andam com um abaixo assignado, dirigido a Mme. Hermes da Fonseca, angariando assignaturas das senhoras espiritosantenses. Nesse abaixo assignado é pedido a Mme. Hermes que intervenha junto ao sr. Presidente da Republica para que seja empossado, com a intervenção federal, o dr. Getulio Santos, no cargo de presidente do Estado, ao invés do candidato eleito, dr. Marcondes Alves de Souza” (*A Imprensa*, 06/02/1912, p. 2)

Ao fim da primeira metade de seu mandato presidencial, portanto, Hermes da Fonseca ficara viúvo. Contudo, tal condição não se prolongou por mais de um ano, dado o pedido de casamento que o Marechal fez à Nair de Teffé no ano seguinte, 1913. Falaremos sobre a segunda esposa e o segundo matrimônio realizado por Hermes ao longo dos próximos capítulos, contudo, antes disso (e por conta da presença dessa outra figura feminina) alguns apontamentos sobre o cenário político nacional são importantes de serem mencionados.

Nair de Teffé esteve ao lado do Marechal Hermes da Fonseca enquanto primeira dama ao longo da segunda metade do mandato presidencial deste. Após 1914 e a saída de Hermes da presidência foi inaugurada “uma nova fase da política republicana” (VISCARDI, 2012, p. 225) com o estabelecimento de relações mais próximas entre os estados de Minas Gerais e São Paulo em busca de maior hegemonia nacional. Contrário à essa possibilidade de aliança política entre ambos os estados, o Rio Grande do Sul, recém saído da presidência com a figura do Marechal, busca alianças com os estados da Bahia e do Rio de Janeiro e, “contra a provável associação dos dois estados em prejuízo dos demais, formou-se uma ‘concentração de estados’, que se ampliaria e se fortaleceria mais tarde, por ocasião da Reação Republicana” (VISCARDI, 2012, p. 226), sendo esse um movimento caracterizado enquanto uma “aliança em apoio à candidatura Nilo Peçanha contra Arthur Bernardes à presidência da República em 1922” (GRIJÓ, 1998, p. 153).

Nesse contexto, mesmo já distante da presidência da República, as relações entre Hermes da Fonseca e a política nacional continuaram sendo estabelecidas constantemente, principalmente através da figura de Pinheiro Machado. No ano de 1915, buscando manter a hegemonia do Rio Grande do Sul e sua representação à nível nacional, “Pinheiro recomendou Hermes a Borges, para uma vaga aberta [no Senado] em junho e Borges concordou. Mas a incompetência do último presidente não tinha sido esquecida” (LOVE, 1975, p. 182). Ainda assim, mesmo que tenha terminado seu mandato presidencial de maneira impopular, Hermes da Fonseca é eleito para o Senado naquele ano. No entanto, a impopularidade não se restringia ao ex-presidente, caindo também sobre a figura de Pinheiro Machado que, perdendo gradualmente seu poder de influência à nível nacional, também “vinha recebendo ameaças de morte e pressões populares contra sua ação política” (VISCARDI, 2012, p. 232).

Em setembro de 1915 Pinheiro Machado foi vítima de assassinato. Tal acontecimento desencadeia uma série de consequências para o cenário político,

considerando o capital de relações sociais acumulado pelo senador ao longo de sua trajetória (GRIJÓ, 1998). Dentre essas estão a desarticulação do PRR com o PRC, partido que era liderado até então por Pinheiro, destacando que sua morte “teve um impacto político importante, na medida em que o PRC perdia o seu maior esteio” (VISCARDI, 2012, p. 233). Sem essa direção “para garantir autonomia do partido estadual na organização nacional, Borges virtualmente abandonou o PRC” (LOVE, 1975, p. 188), criando uma espécie de isolamento gaúcho em relação ao poder nacional.

No entanto, Hermes da Fonseca havia sido eleito para o Senado ainda em 1915, antes do assassinato de Pinheiro, cargo ao qual decide renunciar. Rumores na imprensa da capital alegavam que Borges considerava Hermes “inútil sem Pinheiro e estava insistindo em sua renúncia” (LOVE, 1975, p. 189), o que fora negado pelo presidente do estado do Rio Grande do Sul, mas sem sucesso na tentativa de reverter a decisão do Marechal. Em 28 de setembro de 1915, portanto, Hermes escreve uma carta para o Dr. Pedro Augusto Borges – primeiro secretário do Senado Federal – e para Borges de Medeiros, comunicando que, a partir do assassinato do senador Pinheiro Machado, “acabou também a minha carreira política, da qual me retiro definitivamente, cômico de haver honrado o elevado cargo, que somente por instâncias suas exerci até 15 de novembro do ano passado” (FONSECA, 1974, p. 67).

Hermes descreveu o histórico de sua candidatura ao Senado atribuindo a razão de seu aceite para concorrer ao cargo aos apoios tanto de Pinheiro Machado quanto dos membros do PRR, narrando que o primeiro “com sua lógica irresistível provou a necessidade de aproveitar tão propícia ocasião para uma manifestação de apreço a minha pessoa”, além de utilizar o mesmo fato para “demonstrar ao País a força de coesão e a disciplina partidária do poderoso e patriótico Partido Republicano Rio-Grandense” (FONSECA, 1974, p. 68). Em sua carta de manifestação, dessa maneira, são perceptíveis aspectos que caracterizavam as estratégias políticas do período, como a importância das relações de reciprocidade no âmbito político, ou seja, nos “recursos baseados no controle pessoal de um líder político ao centro de uma rede de relações de reciprocidade” (GRIJÓ, 1998, p. 23). Nesse contexto,

Isso configura uma concepção de que a possibilidade do exercício da política é uma extensão da condição social de origem e cujas regras são baseadas nas relações de reciprocidade estruturadas em facções centradas em líderes mediadores que controlam grupos não-corporados, o que viabiliza a notorização de tais líderes adquirida em comandos militares e/ou em práticas retórico-oratórias. (GRIJÓ, 1998, p. 23)

Ou seja, o capital de notoriedade acumulado tanto por Pinheiro Machado quanto por Borges de Medeiros serviu de sustentação à candidatura de Hermes ao Senado, naquele contexto. No entanto, diferente de ambos, o Marechal, especialmente após a finalização de seu mandato presidencial, não acumulou o mesmo prestígio, ainda que nas memórias de sua segunda esposa, caso “quisesse ele pegar o ‘pião’ na unha, seria o sucessor de Pinheiro Machado, na liderança da política nacional, acéfala com a morte do grande líder” (FONSECA, 1974, p. 69). Tal concepção, contudo, parece pouco provável. Em primeiro lugar devido às críticas sociais direcionadas à administração de Hermes e exemplificadas anteriormente através de contos e romances que circularam à época, demonstrando a insatisfação popular em relação ao seu governo e à presença militar no âmbito político nacional. Além disso, a situação econômica em que o país encontrava-se ao final de seu mandato também era preocupante, considerando que “o advento da I Guerra Mundial afetou a demanda externa e o fluxo de capitais para o país, agravando, mais ainda, o equilíbrio financeiro nacional” (VISCARDI, 2012, p. 234). À vista disso, mesmo que a renúncia ao cargo no Senado tenha sido atribuída à “desambição política, de nojo e de cansaço” (FONSECA, 1974, p. 69), o afastamento do Marechal Hermes da Fonseca da política nacional se prolongaria somente até o ano de 1922 quando ocorreram os levantes tenentistas.

Após o final do seu mandato, já em 1916, o casal retirou-se do Brasil e viajou para a Europa, onde estabeleceram-se por algum tempo devido à necessidade de cuidados médicos por parte de Nair. Em um cenário às vésperas da Primeira Guerra Mundial, nesse período, estreitaram-se alguns laços diplomáticos internacionais, dentre as quais são lembrados por Nair as figuras dos príncipes Nicolau e Cristoffer, da Grécia, que solicitaram a ela “fazer uma caricatura da Rainha-Mãe”, a qual, ao receber sua ilustração, “muito solene, escreveu-me uma carta de agradecimento” (FONSECA, 1974, p. 73). No entanto, nesse período, segundo Nair de Teffé, o Marechal buscava distanciamento dos assuntos que envolviam o cenário político, lembrando ela que “na convivência com a alta aristocracia e o mundo oficial – Civil e Militar – o Marechal Hermes nunca tratou de assuntos políticos do Brasil” (FONSECA, 1974, p. 72).

Contudo, em 1920 o casal retorna ao Brasil e esse momento é lembrado pela primeira dama enquanto ela descreve que “O Marechal deixou o governo sem os aplausos populares, mas retornava ao Brasil cercado da maior manifestação pública que recebeu em toda sua vida. Foram comoventes as manifestações de alto apreço e carinho popular” (FONSECA, 1974, p. 80). Tal recepção contava, ainda, com a notícia de que Hermes

havia sido eleito enquanto presidente do Clube Militar, fato que viria a despertar posteriormente o seu envolvimento nos levantes tenentistas e nas prisões a que será submetido. A partir da publicação das cartas de autoria atribuídas à Artur Bernardes, nas quais haviam insultos à “Nilo Peçanha e, principalmente, [aos] oficiais do Exército” e, além disso, “lançavam calúnias sobre os generais que defendiam a Reação Republicana¹⁴”, o Clube Militar mobiliza-se para uma revolta e Hermes, “que era presidente do Clube, esqueceu, então, todo seu desencanto de 1915 com a política” (LOVE, 1975, p. 208).

Nesse sentido, destaca-se a importância da atribuição de novas funções ao novo ator no campo político nacional, o Exército, o qual atuava a partir de agora enquanto uma “caixa de ressonância dos anseios dos setores urbanos” (VISCARDI, 2012, p. 256). Dessa maneira, o contexto das eleições de 1922 demonstrava o quanto eram latentes as divisões entre as elites políticas – demonstradas pelas alianças e relações de reciprocidade mantidas entre os membros da Reação Republicana, por exemplo – e as transformações ocorridas no próprio sistema político, em comparação às eleições de 1910 quando o Exército sustentou a candidatura de Hermes da Fonseca à presidência. Em 1922, porém, a mesma instituição tentaria impedir a posse do candidato eleito, Artur Bernardes.

A disputa pela sucessão presidencial era discutida, portanto, em torno dos nomes de Nilo Peçanha e Artur Bernardes. Quando eleito presidente do Clube Militar, Hermes acabou projetando “o seu nome como uma alternativa à sucessão de Epitácio Pessoa” (VISCARDI, 2012, p. 274) o que acaba não se concretizando. As insinuações em torno do lançamento do nome de Hermes para a disputa também vinham de políticos que, outrora, em 1910, lhe foram opositores, como Rui Barbosa. Em um episódio das memórias narradas por Nair de Teffé em seu livro, a personagem lembra das insistências de Rui para que Hermes considerasse a candidatura, fato que a incomoda e a faz intervir respondendo ao político: “Não, Dr. Ruy. O Marechal não aceitará a candidatura. Agora o Presidente deve ser o Sr., para castigo... O País precisa de um presidente “civilista” para enfrentar a oposição Civil e Militar” (FONSECA, 1974, p. 95). A partir desse trecho, evidencia-se tanto a incorporação das inimizades políticas estabelecidas num período

¹⁴ Viscardi destaca que o movimento da Reação Republicana pode ser descrito enquanto a “formação de uma oposição consistente à candidatura veiculada pelo Catete, que resultou em uma eleição disputada voto a voto, com ativa participação dos grupos hegemônicos mais importantes do regime oligárquico, além do Exército e dos setores urbanos, em intensa mobilização”. Além disso, a autora também aponta que esse movimento pode ser lido enquanto uma representação de certa “dissonância em relação aos padrões estruturados de comportamento político, tradicionalmente em vigor” (VISCARDI, 2012, p. 255).

anterior por Hermes com outros políticos, pela sua esposa, quanto o posicionamento da mesma em relação à aspectos que caracterizaram a política nacional, como a campanha civilista na disputa pela presidência em 1910. Além disso, também é possível perceber a transformação das redes de relacionamento entre os próprios agentes políticos daquele contexto, como lembrado por Nair quando “o ‘eterno candidato’ Ruy Barbosa tinha reatado relações de amizade com o Marechal, de maneira pública, na esperança de ser apoiado por ele” (FONSECA, 1974, p. 94), evidenciando a diferença na mobilização de apoios em distintos contextos políticos da Primeira República.

Na narrativa da primeira dama, ainda, é lembrada a suposta neutralidade assumida por Hermes em relação às eleições de 1922. Tanto “Arthur Bernardes procurou o apoio de Hermes” quanto “Nilo Peçanha, que estava no jogo, quando soube que o Marechal recebeu os emissários de Bernardes, estremeceu as suas relações e ficou magoado porque Hermes aceitou o convite feito [...] para visitar Belo Horizonte em caráter oficial” (FONSECA, 1974, p. 94). Acentuam-se, assim, as buscas por legitimidade e apoio político de ambos os lados tanto por parte do Catete – na figura de Epitácio – quanto pelo Exército – na figura de Hermes. Entretanto, fazendo referência ao episódio das cartas falsas, com autoria atribuída supostamente a Artur Bernardes, Nair lembra que entre ambas as figuras (Epitácio e Hermes) inicia-se “a maior luta política da história” (FONSECA, 1974, p. 95) quando:

Na qualidade de presidente do Clube Militar, Hermes tinha de ficar equidistante do problema e nele foi envolvido como alvo principal de uma provocação sem igual na história política do Brasil, forjada por um falsário e chantagista a serviço das “forças ocultas”... (FONSECA, 1974, p. 94).

Enquanto presidente do Clube Militar, Hermes da Fonseca envolveu-se em um enfrentamento com as forças do presidente Epitácio Pessoa que preparava-se para intervir com suas tropas nas eleições em Recife. O Marechal “instou o comandante da guarnição a resistir às instruções do Presidente para interferir na política local” (LOVE, 1975, p. 215), fato que precede a reação de Epitácio que mandou, portanto, prender Hermes e fechar o Clube Militar. Nesse contexto, em 5 de julho os tenentes levantam-se e estoura uma revolta no Rio de Janeiro, a qual fora “organizada precipitadamente em resposta ao tratamento dado a Hermes e ao Clube Militar pelo Presidente” (LOVE, 1975, p. 216).

Ao descrever tal acontecimento em suas memórias, Nair lembra que nesse momento, dada a intimação de prisão ao seu marido, o governo havia dado “o primeiro passo para uma demonstração de força e de garantia para assegurar a posse de Arthur

Bernardes, ameaçada pelos jovens oficiais, agrupados no ‘tenentismo’ que nascia na ‘procissão’ que iria sair em 22 e 24” (FONSECA, 1974, p. 100).

Quando da primeira prisão de Hermes, Nair descreve sua insistência para que pudesse permanecer ao lado do marido em tempo integral, para onde quer que fosse levado, reiterando: “Vou com você, dê no que der” (FONSECA, 1974, p. 103). Assim, em meio aos acontecimentos que acometeram a vida do casal, especialmente a de Hermes, nos anos de 1921 e 1922, Nair escolhe estar ao lado do Marechal em todos os momentos que lhe fosse permitida (e, às vezes, até quando não) a presença. Através das suas caricaturas, expressões artísticas pelas quais Nair se torna bastante conhecida, ela também reflete aspectos da política do período, fosse ao longo do mandato de Hermes ainda na presidência ou após, destacadamente na disputa eleitoral de 1922. Dessa forma, sua atuação política reverbera em diferentes contextos, ainda que, aparentemente, pouca atenção tenha se dado a mesma. Dito isso, voltemos nossa atenção para ela, a segunda primeira dama de Hermes da Fonseca.

2. Mulher, artista e primeira dama

Aos olhos do pai, ela era considerada uma “menina-prodígio”. Pelo Ministro Barthou, do governo francês, foi intitulada “Officier de l’Instruction Publique”. Enquanto a primeira mulher a publicar caricaturas no Brasil, sua produção mais comentada “mostrava Arthur Bernardes e Nilo Peçanha”. Em relação ao seu casamento, a busca pelo seu futuro marido também era preocupação de outros homens, como o Barão do Rio Branco¹⁵ que, “fazia força para arranjar um casamento para mim”, e Pinheiro Machado¹⁶, que ao encontra-la em recepções, dizia: “Preciso pescar um rapaz para você. Já é tempo de arranjar um casamento”. Por fim, foi do Presidente da República que ela lembra ter ouvido a frase: “Queria fazê-la minha esposa”. (FONSECA, 1974, p. 15; 16; 30-34; 40).

Com uma trajetória marcada pelo envolvimento em espaços primordialmente ocupados por figuras masculinas, suas memórias a eles retornam quando ela é convidada – por outro homem, agora um jornalista – a escrever sobre as lembranças de sua vida numa obra que pretendia-se biográfica. A partir das palavras da própria artista, portanto, neste capítulo buscamos apresentar ao leitor um pouco sobre quem foi – ou um pouco sobre a forma como gostaria de ser lembrada – Nair de Teffé Hermes da Fonseca.

2.1 Nair de Teffé Hermes da Fonseca ou, simplesmente, *Rian*

No final do outono de 1886, aos dez dias do mês de junho, nasceu, no Rio de Janeiro, Nair. Em meio a virada do século XIX para o século XX, sua vida foi marcada pela transição política que ocorria no Brasil, o qual passava da condição de Império para, então, buscar estabelecer-se enquanto uma jovem República. Para melhor compreensão do contexto e da análise da personagem no mesmo, consideremos, portanto, alguns recortes necessários.

Algumas abordagens historiográficas utilizadas a partir do final do século XIX, considerando o contexto às vésperas da abolição da escravidão no Brasil, deram espaço e favoreceram, como aponta Dias (1995, p. 14), “uma história social das mulheres, pois vem se voltando para a memória de grupos marginalizados do poder”. Ao analisar as transformações do contexto urbano brasileiro ao final do século XIX, Dias destaca o quanto a observação do cotidiano é pertinente ao estudo da vida das mulheres nesse

¹⁵ Deputado geral MT (1869-1875); cônsul Liverpool (1876-1900); ministro de Berlim (1901); ministro das Relações Exteriores (1902-1912). Ver mais em: RIO BRANCO, José Maria da Silva Paranhos do. CPDOC, FGV.

¹⁶ Constituinte (1891) e senador pelo RS (1891-1915). Ver mais em: MACHADO, Pinheiro. CPDOC, FGV.

período, compreendendo-as entre outros recortes, a partir das divisões de gênero. Levando isso em conta, importa considerar na leitura de nosso trabalho a utilização do conceito de gênero elaborado por Joan Scott, como a autora apresenta:

Minha definição de gênero tem duas partes e diversos subconjuntos, que estão interrelacionados, mas devem ser analiticamente diferenciados. O núcleo da definição repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. (SCOTT, 2017, p. 86)

Nesse sentido, ao considerar a produção e as transformações do conceito de gênero ao longo do desenvolvimento da história, concordamos com Pedro (2005, p. 87) quando refletimos sobre o quanto “[...] uma narrativa histórica que nunca é neutra, e que apenas relata fatos em que homens estiveram envolvidos, constrói, no presente, o gênero”. Logo, tal aspecto reverbera no olhar e na análise que é direcionada à narrativa de Nair. Ainda que a proposta de uma escrita biográfica e da reunião de alguns trabalhos artísticos versasse, no senso comum, sobre narrar lembranças de sua vida, colocando sua trajetória enquanto protagonista ao longo das páginas, suas escolhas narrativas nos possibilitam outras compreensões. Ao demorar-se na descrição de momentos onde ela, por vezes, coloca-se em segundo plano, constrói-se a interpretação de um protagonismo do contexto – e das memórias que permaneceram com ela, para além dos seus 80 anos – marcadamente masculino.

Nesse sentido, ao analisar sua trajetória e o conteúdo de suas memórias buscamos compreender a presença, as ações, influências e posições por ela ocupadas em relação aos papéis “que as mulheres mantêm na sociedade enquanto comparados aos ocupados pelos homens” (HAHNER, 1981, p. 17), além da interpretação sobre as representações que a própria Nair escolhe descrever. Ou seja, consideram-se suas experiências individuais dentro de contextos históricos que carregam valores específicos e o quanto as memórias e “os modos de registro das mulheres estão ligados à sua condição, ao seu lugar na família e na sociedade” (PERROT, 1989, p. 15).

Além disso, para compreender de maneira mais ampla a atuação e a presença da personagem no contexto da época, importa destacar as diferentes trajetórias e as interseccionalidades que atravessavam a vida de outras mulheres que, assim como Nair, tiveram suas vidas entrelaçadas às articulações políticas em meio a transição entre o Império do Brasil e a República. Nesse período foram fortalecidas as fronteiras entre o público e o privado, em grande medida a partir de pressupostos sexistas que demarcavam

as representações do que seria referente ao universo feminino e o que seria referente ao universo masculino, opondo-os, como afirma Simili:

Nessas representações, o poder a e política aparecem como atividades masculinas, pela capacidade e pelas habilidades “naturais” dos homens para a racionalidade, para o controle das emoções e para a tomada de decisões, entre outras características e competências. E a vida privada como espaço feminino, pelas qualidades e propensões também “naturais” das mulheres para a casa, a família e a maternidade. (SIMILI, 2008, p. 32-33)

Por conta disso, a presença das mulheres nos ambientes urbanos, como aponta Dias (1995), é uma das maneiras de expressão de participação pública – e política – de demonstração de resistência e de tensionamento às ordens vigentes do período. Indo na contramão das normas sociais daquela época, o simples ato de fazer-se presente em ambientes que teoricamente não lhes era permitida a permanência, já se apresenta como um ato de resistência cotidiana. Sobre tal aspecto, distinguem-se as vivências entre as próprias mulheres¹⁷, apresentando diferentes realidades dessas ocupações quando observamos suas posições sociais e funções naquela sociedade, como o caso da poetisa Gilka Machado.

Envolvida igualmente com as artes – nesse caso, através da literatura – e a política da Primeira República, Gilka possuía uma escrita “vinculada a uma crítica política à sociedade patriarcal e ao modelo ideal de mulher, exercendo um papel fundamental na propagação dos ideais do movimento sufragista” (NÓBREGA, 2022, p. 630) e que, por conta disso, tem seus poemas duramente criticados à época. Além disso, cabe destacar que enquanto “escritora de literatura erótica, mulher negra, heterossexual e cis gênero [...] suas contradições e suas tensões são atravessadas por opressões de gênero, raça e classe” (NÓBREGA, 2022, p. 629). Dessa maneira, ainda que presentes no mesmo contexto histórico, ambas as trajetórias – de Nair e Gilka, por exemplo – são atravessadas por diferentes recortes, os quais destacam-se a partir das abordagens feministas que, “só muito recentemente passam a pensar as relações de sexos nas intersecções com outras relações sociais” (SOHIET; COSTA, 2008, p. 35), considerando os recortes de gênero, mas também raça e classe social¹⁸.

Consequentemente, envolvendo-se através da literatura com a política da época, Gilka estabelece laços com outras mulheres que, apesar de não diretamente relacionadas às artes, envolviam-se na luta pelos direitos das mulheres, como a professora Leolinda

¹⁷ Outras trajetórias femininas ao longo da Primeira República também vem sendo objeto de estudo da historiografia, destacando os trabalhos recentes de CARLONI (2021); PENNA-FRANCA (2021); SILVA (2021); FREIXO (2021) e PEREIRA (2021).

¹⁸ Ver mais em: CALDWELL (2000); CARNEIRO (2003); NEPOMUCENO (2018) e bell hooks (2019).

Daltro e a primeira dama Orsina da Fonseca (*A Imprensa*, 23/09/1911, p. 4; *O Paiz*, 23/09/1911, p. 2). Em decorrência disso e da manutenção dessas redes de relacionamento, evidenciam-se como plano de fundo os movimentos reivindicatórios pelos direitos das mulheres, os quais adquiriram maior força durante a segunda metade do século XIX, quando

surgiu o que se pode chamar de um movimento de mulheres, pedindo agora não somente igualdade no quesito educacional – apesar de este continuar a ser um mote importante na luta, mas também uma maior participação no mundo público e político. (KARAWEJCZYK, 2013, p. 49)

Essa organização e as reivindicações advindas da mesma também se espelham na contestação das fronteiras entre o público e o privado, respectivamente considerados como os universos masculino e feminino, como destacado anteriormente. Contudo, para uma análise mais efetiva, é importante que ambos sejam compreendidos em relação complementar um ao outro, e não em situação de oposição ou anulação. Dessa forma, também a partir das reflexões possíveis com o uso da categoria gênero nas pesquisas históricas, interessa-nos prestar atenção igualmente nas relações estabelecidas por “Mulheres mais ou menos audaciosas que procuravam fazer valer os seus direitos e buscaram aliados entre os políticos da época para dar legitimidade as suas reivindicações” (KARAWEJCZYK, 2013, p. 21).

Antes mesmo da proclamação da República, na segunda metade do século XIX, inúmeros periódicos coordenados por mulheres veicularam na imprensa com contestações sobre o *status quo* vigente, demonstrando a ocupação desses espaços urbanos pelas mulheres. Essas movimentações geravam visibilidade para as demandas femininas, trazendo-as para o debate público enquanto pautas importantes, destacando, nesse caso, novamente as publicações dos poemas de Gilka Machado, ainda que a crítica lhes fosse direcionada. Consequentemente, já nas primeiras décadas do século XX, “surgiam organizações formais pelos direitos da mulher à medida que a causa sufragista ganhava aceitação limitada entre os setores da elite brasileira [...]” Hahner (1981, p. 26) demonstrando a importância dos recortes sociais e da análise também dos papéis masculinos nesse processo.

Dessa forma, analisando a questão do movimento sufragista e seus primeiros passos, Karawejczyk pontua que, apesar do apoio de alguns parlamentares em reuniões da Constituinte, haviam grupos contrários à concessão do sufrágio feminino, os quais sustentavam seus argumentos na concepção de que o espaço privado pertenceria às mulheres e que o papel “[...] de mãe e de filha não só a definiria como auxiliar do homem

como também a impediria de exercer qualquer papel fora desse ambiente” (KARAWEJCZKY, 2013, p. 327). Sobre esse aspecto, Karawejczyk divide didaticamente dois grupos para analisar o movimento sufragista brasileiro, seu surgimento e suas movimentações iniciais, sendo o grupo masculino e o feminino, sobre os quais a autora destaca:

O grupo masculino é representado pelos parlamentares brasileiros que, através de propostas de projetos e emendas às leis do país, tentaram incluir as mulheres no rol dos eleitores durante toda a vigência da Primeira República. Já o grupo feminino é mais heterogêneo e suas representantes principais fazem parte de duas associações femininas do início do século 20, Leolinda de Figueiredo Daltro, à frente do Partido Republicano Feminino (PRF) e Bertha Maria Júlia Lutz, líder da Liga para Emancipação Intelectual da Mulher (LEIM) e da sua sucessora, a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF). (KARAWEJCZKY, 2013, p. 22)

Dessa maneira, homens e mulheres são observados para melhor compreensão do processo que culmina no sufrágio feminino em 1932, buscando valorizar as articulações políticas em que as mulheres engajavam-se e as alianças que as mesmas faziam para justificar e legitimar suas demandas, além do ganho de maior visibilidade. Assim, incluindo a participação dos homens – e mais especificamente a dos políticos brasileiros – Karawejczyk busca quebrar a segregação da luta em prol do sufrágio feminino que, muitas vezes, volta-se somente às contribuições das mulheres. E quando falamos em mulheres, novamente, algumas conceituações são importantes.

O uso das categorias ‘mulher’ e ‘mulheres’ foi, ao longo do percurso do movimento sufragista e dos estudos de gênero, sendo constantemente reelaborado. A partir das reivindicações de uma “diferença dentro da diferença” (PEDRO, 2005, p. 82) por mulheres negras, indígenas, pobres, trabalhadoras, mestiças – as quais não viam-se representadas na identidade feminina como apenas em contraponto à identidade dos homens – a categoria ‘mulheres’ torna visível a pluralidade dentro do próprio grupo e as diferentes demandas de cada uma delas a partir de suas trajetórias. Ressalta-se, portanto, o quanto “as sociedades possuem as mais diversas formas de opressão, e o fato de ser uma mulher não a torna igual a todas as demais” (PEDRO, 2005, p. 82). Nesse sentido, compreender o processo de luta pelo sufrágio feminino demanda, anteriormente, a compreensão de quem eram essas mulheres. Da mesma forma, compreender o espaço social em que estão inseridas as vivências de Nair de Teffé, bem como os agentes participantes de suas redes de sociabilidade, seu lugar de fala, sua posição social e os privilégios promovidos pela mesma, são fatores importantes para a análise de sua trajetória.

Assim, enquanto uma mulher pertencente às elites urbanas, sua formação, educação e aproximação com o mundo público também foram orientadas por tais marcadores, evidenciando o quanto “as diferenças sociais também repercutiam em uma educação diferenciada para meninas pobres e as da elite” (SIMILI, 2008, p. 24). Contudo, mesmo que tais influências lhe coubessem e que suas ações tenham sido influenciadas pelos valores patriarcais do período, aspecto revelado em sua narrativa, por exemplo, pelas constantes opiniões do pai guiando as suas decisões, Nair também participou e envolveu-se politicamente, em consonância com o que destaca Hahner (1981, p. 28) quando comenta que: “Tais mulheres puderam exercer influência indiretamente, nos bastidores, sobre homens que ocupavam cargos de importância na esfera pública”. Porém, como veremos adiante, nem sempre só indiretamente e nos bastidores ela exerceu sua influência. Essa perspectiva historiográfica é igualmente elaborada por Karawejczyk (2013) quando a autora faz um levantamento bibliográfico sobre a exclusão das mulheres das cenas políticas, destacando os estudos de Perrot (1988) e Scott (2002) em relação às mulheres na França e, a partir da perspectiva da já atuação feminina, aponta para a criação de uma imagem da mulher como “mãe redentora que salvaria a República e moralizaria a política” (KARAWEJCZKY, 2013, p. 21).

Em relação às memórias biográficas de Nair cabe destacar que, ao analisa-las, também abre-se um campo de possibilidades, onde são possíveis de serem encarados “tanto os constrangimentos normativos e estruturais como as brechas para a criação e atuação dos indivíduos” (SCHMIDT *apud* ZIMMERMANN, MEDEIROS, 2007, p. 34) quando da criação de suas biografias. Nesse sentido, assim como destaca Bourdieu (1998), é importante que, para evitar a ilusão biográfica o sujeito esteja contextualizado em seu espaço social, entendendo “o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado [...] ao conjunto de outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis” (BOURDIEU, 1998, p. 190). Logo, reitera-se a importância de analisar as lembranças narradas por Nair e compreendê-la a partir tanto da posição social que ela ocupava naquele período, quanto aos códigos sociais a que estava submetida, assim como enquanto escrevia, já na década de 1970, analisando-a em cada contexto.

À vista disso, pensar sobre sua trajetória através da análise do conteúdo de suas memórias implica relacioná-la tanto aos homens que a rodeavam e as relações mantidas entre eles com ela, alguns deles já mencionados no começo desse capítulo, como a forma

com que o relacionamento dessas figuras masculinas entre si também influenciou na sua trajetória. Começamos, assim, pelo seu pai.

Enquanto “filha de um monarquista, personalidade ligada à elite aristocrática da época, seu destino foi delineado por essas circunstâncias” (CAMPOS, 2016, p. 24). O pai de Nair, Antônio Luiz von Hoonholtz, o almirante Barão de Teffé, é um dos personagens que colabora na aproximação da filha com os espaços políticos da época, manifestando inclusive o desejo de que o nascimento da mesma tivesse ocorrido em dia posterior, 11 de junho, para que pudesse comemorar junto a mais um aniversário da batalha do Riachuelo, onde “Antônio Luiz teve uma participação brilhante, dando mostras de sua coragem, perícia e sangue frio” (SANTOS, 1999, p. 19). Além disso, delineando as aproximações com articulações e redes políticas que partiram da figura do pai, Nair destaca logo nas primeiras páginas do seu livro a homenagem recebida pelo Barão quando “foi lembrado pelo Excelentíssimo Presidente Emílio Garrastazú Médici, que de acordo com a Lei nº 5.745, de 1º de dezembro de 1971 denominou o Porto de Antonina de Porto Barão de Teffé, no Estado do Paraná” (FONSECA, 1974, p. 12), tornando a figura do Barão um símbolo passível de homenagens, do Império à ditadura civil-militar no Brasil.

Antônio Luiz von Hoonholtz foi oficial do Império do Brasil, amigo próximo de D. Pedro II e defensor da monarquia. Filho do Conde Frederico Guilherme, oficial prussiano e de Joana Cristina von Hoonholtz, Antônio Luiz iniciou a sua carreira na Marinha no ano de 1852 e, durante sua trajetória, destacou-se em trabalhos envolvendo hidrografia, tema sobre o qual escreve o primeiro tratado publicado no Brasil (FONSECA, 1974, p. 12). Também recebeu destaque devido a sua atuação durante a Guerra do Paraguai, no comando da canhoeira “Araguari” (SANTOS, 1999) e foi condecorado enquanto “Oficial da Imperial Ordem da Cruz, em 1867, por serviços prestados na Guerra do Paraguai”, além de também ter sido “agraciado pelo Imperador Dom Pedro II com o título de Barão” (FONSECA, 1974, p. 13). O Barão se destacou no campo intelectual com a publicação de obras literárias, além de ser “eleito membro correspondente da Academia de Ciências de Paris, ingressando no Instituto de França, onde, até sua morte, apenas mais dois brasileiros – D. Pedro II e Rui Barbosa – tiveram assento” (SANTOS, 1999, p. 20). Curiosamente, é com Rui Barbosa que Nair, posteriormente, estabeleceu relações nem sempre tão harmoniosas. Dessa maneira, a partir de sua proximidade com as atividades culturais, intelectuais, políticas e sociais do período, o Barão faz com que tais elementos também façam parte da vida de sua família

e, conseqüentemente, de sua filha, a qual “tinha acesso a uma vida social quase impossível para a maioria das moças de sua época” (SILVA; SIMILI, 2011, p. 126).

Um ano após o nascimento de Nair, em 1887, seu pai é designado pelo imperador para cumprir uma missão na França, levando consigo toda a família e lá estabelecendo residência. Apesar de ser próximo de D. Pedro II e ser considerado um defensor da monarquia, a partir da Proclamação da República em 1889, o Barão é mantido com o cargo de Ministro Plenipotenciário, nomeado pelo Marechal Deodoro da Fonseca. A flexibilidade e a adaptação do Barão ao novo modelo que orientava as bases da política nacional no país são também lembradas pelos comentários de seus companheiros da Guerra do Paraguai nas memórias da filha, especialmente a partir da figura do Conselheiro Silva Costa, arrecadador de impostos da família imperial, que ao saber da eleição do Barão como Senador pelo Estado do Amazonas, vira-se à figura do mesmo, dizendo-lhe: “Não quero vê-lo, Sr. Barão! Como é que pode o Senhor, amigo do Imperador, metido com essa gente da República?” (FONSECA, 1974, p. 23). Tal aspecto evidencia dois pontos importantes: a permanência de uma posição de destaque do Barão a partir da implantação da República e a importância do apoio de sua figura na transição entre os regimes de administração nacional. Por conta disso, enquanto uma figura de prestígio à época, sobre a posição de seu pai Nair também lembra da orientação do mesmo a partir da máxima de que “naquele tempo servia-se à Pátria e não ao regime” (FONSECA, 1974, p. 13). Contudo, sua demissão foi lembrada por Nair em suas memórias a partir de um cômico episódio, quando

Amália, nossa criada, num dia chuvoso e frio, arrumava as minhas coisas e os meus quatro cachorrinhos entraram na mala e enrolaram-se na Bandeira do Império. Ficamos com pena dos pobrezinhos e os deixamos dormir ali. No dia seguinte, aconteceu o inevitável... os cachorrinhos urinaram na Bandeira. Amália, pela manhã, estendeu a bandeira na sacada. Na hora do almoço, apareceu um jornalista lá em casa e viu o pavilhão pendurado naquele lugar. Escreveu ao Marechal Floriano Peixoto, dizendo que apesar da implantação da República, meu pai ainda era a favor da Monarquia. (FONSECA, 1974, p. 13)

A família Teffé tentou retornar ao Brasil em 1893, mas o Barão percebeu que o ambiente não lhe era favorável devido a sua posição na Marinha e manteve a esposa e os filhos na Europa. Dessa forma, toda a infância e boa parte da juventude de Nair de Teffé deram-se no ambiente europeu, com as influências da *Belle Époque* e com a inserção da jovem nos ambientes diplomáticos e políticos internacionais, o que lhe rendeu “uma desenvoltura e coragem marcada por uma educação liberal para época” (SILVA, SIMILI, 2011, p. 123).

Ao comentar sobre sua infância e as experiências educacionais a que teve acesso, Nair destaca as instituições pelas quais passou durante sua trajetória, tendo realizado seus estudos “nos conventos do Sul da França, no ‘*Assomption*’, ‘*Fidèles Compagnes de Jesus*’, ‘*Sainte Ursule*’, sempre como aluna externa e mais tarde no curso ‘*Vivaudy*’, a mais fechada ‘*finishing school*’ da Riviera [...]” (FONSECA, 1974, p. 15). A partir disso, além da possibilidade de perceber a influência religiosa em sua formação é também notável, desde a sua infância, a proximidade com o ambiente francês, fator que a acompanhará em diferentes momentos artísticos e sociais ao longo de sua trajetória, como veremos adiante. Nesse sentido, ao contrário do que se percebia em relação à educação das mulheres na sociedade brasileira desse período, “na Europa, Nair teve não só a oportunidade de viver em ambientes sofisticados, mas também de receber uma educação severa [...] que permitiu a aquisição de conhecimentos mais amplos” (CAMPOS, 2016, p. 25). Ou seja, sua formação educacional na Europa contrastava com os moldes da educação feminina no Brasil no mesmo período, onde a maioria da população feminina ainda era analfabeta¹⁹ e “a educação das mulheres restringia-se a atividades que fossem úteis ao ambiente doméstico, desprovidas de valor no mercado de trabalho da época” (SILVA, SIMILI, 2011, p. 123). Ainda em relação à sua formação educacional, em suas memórias ela destaca que, “Na Europa, nasceu a caricaturista Rian. Rian, todos sabem, é meu pseudônimo. Foi no Convento da Ursulina, na França, onde eu estudava. [...]” (FONSECA, 1974, p. 15), e apresenta, assim, também o início de sua formação artística, ainda na infância.

A relação estabelecida com o pai perpassava sua educação, sendo ele um de seus incentivadores na busca por conhecimentos exatamente “para que ela pudesse se portar nos ambientes mais elegantes que frequentasse” (CAMPOS, 2016, p. 27), demonstrando aspectos morais e regras sociais as quais ela deveria se submeter devido, inicialmente, a ser mulher, mas também devido a ser uma mulher pertencente às elites da época. Ou seja, as percepções sobre quais deveriam ser os lugares ocupados por mulheres e as suas atitudes podem ser apontados enquanto fatores que a impulsionaram em um sentido contrário, buscando liberdade de expressão (destacadamente artística) e indo contra os padrões da época, como destacam Silva e Simili:

A coragem de Nair revela, em seu percurso, aspectos diferentes dos padrões sociais e culturais preconizados aos segmentos femininos, visto que ela ousou em se tornar caricaturista. Sua atitude deve ser considerada de vanguarda,

¹⁹ Recenseamento Geral do Brasil em 1872 – (Quadros gerais). Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv25477_v1_br.pdf

capaz de romper barreiras da intolerância e abrir novos espaços para a participação das mulheres na esfera pública. (SILVA, SIMILI, 2011, p. 124)

Naquela sociedade, regida pelas regras morais do Segundo Reinado no Brasil, as mulheres eram vistas cada vez mais como seres idealizados, firmando o ideal da mulher brasileira no tripé: “rainha do lar, súdita do homem e escrava da moda” (CAMPOS, 2016, p. 28). Além disso, cabe destacar a necessidade, nesse aspecto, de considerar as diferenças construídas a partir dos contextos políticos em que estão inseridos os agentes em questão e a criação dos significados da diferença sexual a partir dos mesmos, possibilitando “verificar como [...] o ‘verdadeiro homem’ ou a ‘verdadeira mulher’ são diferentes em cada período do passado, procurando sempre se diferenciar um do outro, e ao mesmo tempo nunca coincidindo com as pessoas de ‘carne e osso’.” (PEDRO, 2005, p. 87). Ou seja, o ideal de verdadeira mulher aplicava-se, principalmente, às mulheres pertencentes às elites, que coordenavam os ambientes privados dos lares a partir de ordens dadas aos seus empregados e que tinham acesso às mais recentes novidades sobre moda e o mundo artístico, como no caso de Nair, do cenário internacional. No entanto, mesmo já na primeira metade do século XX, algumas distinções nessas perspectivas podem ser observadas ao analisar a personagem. Pode-se perceber um distanciamento das suas condutas e das situações vividas por ela em relação aos moldes da época previstos às mulheres, como, por exemplo, quando após o casamento ela se percebe no Palácio do Catete “assustada por estar casada e não saber nada de organização de casa” (FONSECA, 1974, p. 42). Ao retomar o aspecto da educação que lhe fora oferecida nesse contexto Nair também lembra de falas de seu irmão, Oscar, quando o mesmo declara a ela: “Você nasceu para ser artista, e artista não cuida de casa” (FONSECA, 1974, p. 42), delineando o estabelecimento de fronteiras e hierarquias de funções a serem exercidas ou não pelas mulheres pertencentes às elites.

Nesse sentido, já no começo do século XX, no ano de 1905 foi quando a família Teffé retornou ao Brasil e estabeleceu residência em Petrópolis, no Rio de Janeiro, cidade descrita pela personagem enquanto “capital da moda, da cultura, da política e do ‘flirt’” e que lhe rendeu a inspiração para os “melhores modelos das caricaturas que fiz na década de 1910 a 1930” (FONSECA, 1974, p. 23). O retorno ao Brasil foi lembrado por Nair como algo paralelo aos interesses do pai com o futuro da filha, única mulher entre os demais filhos do Barão e da Baronesa de Teffé, pois “às vésperas dos seus 17 anos, seu pai teria decidido retornar ao Brasil, pois não queria que ela casasse com um ‘estrangeiro’.” (CHAGAS, 2016, p. 60), o que demonstra certa limitação em suas ações,

seja a partir do direcionamento do seu casamento pela figura paterna ou do aceite do mesmo para sua circulação em determinados espaços. Retorna-se, como mencionado no início desse capítulo, às percepções de interferência das figuras masculinas em sua trajetória, decidindo sobre ela, por ela. Mais tarde, o casamento que adquirira seria uma das maneiras com que Nair associaria suas práticas artísticas à política, tendo “usado as penas e tintas para defender esse homem público e as críticas que recebia em função de seu modo de ser” (GALETTI, SIMILI, 2013, p. 130).

Assim, ao dedicar-se a sua carreira artística, aprimorando boa parte de seus estudos na Europa e, no Brasil, iniciando a exposição de suas caricaturas, Nair expressa sua maneira de ver o mundo que a rodeava e seus agentes. Em relação ao início de sua carreira artística no Brasil, ela lembra de Laurinda dos Santos Lobo²⁰, a “Marechala da moda” (FONSECA, 1974, p. 15), que ao ver seus primeiros trabalhos a incentiva e, tempos depois, colabora na organização do seu casamento com o presidente da República, sendo uma de suas amigas mais próximas, segundo a própria Nair.

As caricaturas, durante o período de 1910 a 1930, voltavam-se, em sua maioria, para “aspectos cotidianos das cidades, além de fatos políticos e de figuras ligadas às rodas do poder, cenas e tipos populares, e das condições de vida do povo carioca” (CAMPOS, 2016, p. 37), aspecto também narrado por ela quando lembra que: “As charges que fiz ao longo desses anos, todas escolhidas entre gente da sociedade, damas, cavalheiros, políticos, diplomatas, nobres e artistas, parece-me que agradaram” (FONSECA, 1974, p. 15). Ou seja, enquanto primeira caricaturista mulher do Brasil, Nair destacou-se pela representação de tipos sociais, sendo “em Petrópolis, por volta de 1906-07, que ela iniciaria sua brilhante carreira” (SANTOS, 1999, p. 27), assinando-as com seu pseudônimo, Rian, o qual apresenta diferentes interpretações, dentre as quais a proximidade sonora “com ‘rien’ que, em francês, significa ninguém” (SILVA; SIMILI, 2011, p. 124).

Já no ano de 1909, na edição de 31 de julho da revista *Fon-Fon!* (*Fon-Fon*, 31/07/1909, p. 40), Nair de Teffé tem a publicação de sua primeira caricatura na imprensa

20 Laurinda também foi uma das mulheres envolvidas com a política nacional no contexto da Primeira República. Foi esposa do empresário Hermenegildo Santos Lobo e era considerada bastante influente na cena política e cultural do Rio de Janeiro. Ela também colaborou na Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, na Legião da Mulher Brasileira e em outros movimentos reivindicatórios dos direitos femininos naquele contexto. Ver mais em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/personalidades-laurinda-santos-lobo-a-marechala-da-elegancia/>

brasileira, sendo essa um “portrait-charge”²¹ de Rêjane, uma artista de teatro francesa (Figura 1).

Figura 1 – Caricatura da artista Rêjane por Rian



Fonte: *Fon-Fon*, 31/07/1909, p. 40.

A partir dessa produção, a própria artista afirma que “Graças às caricaturas de Rejane, recebi diversos convites para colaborar em jornais e revistas francesas” (FONSECA, 1974, p. 28), demonstrando o quanto seu sucesso artístico foi também internacional. Vale lembrar, ainda, da proximidade de Nair com o ambiente francês desde a sua infância, como mencionado anteriormente, país onde ela realizou boa parte de sua formação educacional e iniciou os estudos das artes, aspecto que colabora em seu reconhecimento artístico. Além disso, no ano de 1911, dado seu sucesso artístico e a rápida veiculação de suas produções, Nair foi agraciada com a condecoração de “*Officier de l’Instruction Publique*” pelo ministro Barthou da “Instrução Pública de França”, “título esse que lhe garante o direito de abrir uma escola em qualquer parte da França”, além de ter sido também interpretado enquanto “uma recompensa da enorme coleção de caricaturas da Rêjane que inaugurou nosso Teatro Municipal em 1909” (FONSECA, 1974, p. 126). Dessa forma, o seu sucesso profissional no universo artístico parece

²¹ Segundo Maria de Fátima Hanaque Campos, o “portrait charge” pode ser considerado como algo oposto ao retrato, avesso “à fisionomia séria, retocada, à fixação das virtudes e dignidade do retrato, contrapõe-se a fisionomia de traços carregados e os defeitos claramente apresentados”. (CAMPOS, 2016, p. 58)

bastante notório. Mas cabe o questionamento: suas caricaturas eram de sucesso nacional ou de sucesso entre alguns grupos das elites?

Para pensar sobre tal aspecto, é importante situá-la também em seu campo social. Seu prestígio artístico e nacional é ampliado a partir dos locais e dos ambientes de sociabilidade a que tinha acesso, além das relações estabelecidas com seus agentes. Ainda em relação à França, por exemplo, a própria personagem destaca que nas recepções a que era convidada “Os salões do Rio e Petrópolis viviam borbulhantes de rapazes de Paris ou impregnados do ar parisiense [...]” (FONSECA, 1974, p. 22), possibilitando o delineamento do perfil dos frequentadores dos espaços sociais que ela estava presente. Logo, a partir desse recorte, é possível identificar suas relações com a diplomacia internacional antes mesmo do casamento, momento em que ela mais se aproxima dos envolvimento com a política nacional.

Além disso, sua presença em meio aos espaços diplomáticos ocorre desde cedo. Aos 7 anos de idade Nair é “apresentada à sociedade, no dia 7 de setembro de 1893, nos salões do ‘Vilino de Renzis’, ao ensejo das comemorações da data da independência” (FONSECA, 1974, p. 18), mesma data em que, no ano de 1913, ela é “apresentada ao mundo oficial e diplomático reunido no palanque armado no Campo de Santana, como noiva do Presidente da República” (FONSECA, 1974, p. 19). Assim, como mencionado anteriormente, ainda antes do casamento a personagem já institui laços que lhe rendem prestígio e reconhecimento em seus círculos sociais. Devido a sua amizade com a cantora Pallermine, por exemplo, Nair começa a frequentar aulas de canto, estudos que a envolvem com o contexto de eclosão da Primeira Guerra Mundial, como ela destaca:

Graças a esses estudos de canto, durante a 1ª Guerra Mundial, tive a oportunidade em Lausane de dar a minha contribuição ao esforço de guerra, sendo convidada para participar na cidade de Gstaad de um festival em benefício dos mutilados de guerra cantando trechos do Guarani, de Carlos Gomes, no Winter Palace, para uma seleta assistência de oficiais franceses, ingleses e os nobres da realeza “sem coroa” do “grand-monde” europeu e nessa ocasião também expus e foram leiloadas várias caricaturas, dentre elas uma do Príncipe Christopher, da Grécia, irmão do Rei Constantino. (FONSECA, 1974, p. 21)

Outro exemplo pertinente para analisar a formação dessa rede de contatos estabelecida, principalmente a partir das recepções e festividades que a personagem se fazia presente, é a relação com o Embaixador dos Estados Unidos, Edwin Morgan. Os primeiros contatos com o embaixador são lembrados por Nair desde a primeira vinda de Edwin ao Brasil, em 1912, quando ela narra: “Tive o prazer de ser a primeira moça a ser-lhe apresentada, o que fez nascer uma grande amizade. Morgan era joia rara, ‘gentleman’,

culto, inteligente. Coisa difícil em norte americanos” (FONSECA, 1974, p. 22). Se foi a primeira moça a lhe ser apresentada, parece inverossímil, contudo, destaca-se no mesmo contexto as relações do embaixador com a primeira esposa de Hermes da Fonseca, Orsina da Fonseca, que o recebe no Palácio da Guanabara na companhia de Álvaro de Teffé (irmão de Nair e secretário do Presidente da República), Lauro Muller e Gastão Teixeira (*A Imprensa*, 22/06/1912, p. 1; *Jornal do Brasil*, 30/06/1912, p. 11), colocando Orsina enquanto outra figura feminina no contexto político. Para além disso, a amizade constituída com o embaixador rendeu à Nair convites para recepções organizadas pelo mesmo, inclusive após o casamento, podendo ser interpretada, nesse caso, a proximidade de Edwin Morgan principalmente com Hermes da Fonseca (*O Paiz*, 05/07/1914, p. 3). Esse aspecto é evidenciado ainda nas memórias de Nair quando ela recorda-se de um baile a fantasia que Edwin Morgan promoveu, em 1915, estando entre os convidados o casal Hermes da Fonseca. Nesse baile, as divergências políticas são evidenciadas e, através da narrativa da autora, descritas:

Recordo-me que em 1915, o Embaixador Morgan promoveu um baile a fantasia. O Comendador Liberal, inimigo político do Marechal Hermes, anunciou aos quatro ventos que iria fantasiado de "Marechal Dudu", numa sátira ao Marechal Hermes. Apesar da tradição do Comendador Liberal, escudada no título, no dinheiro e na beleza de sua filha Dulce, que acabou casando-se com João Lage, nosso amigo, o Embaixador Morgan, ao saber da intenção do Comendador Liberal, mandou cancelar o convite, pois não permitiu que a figura do Marechal Hermes fosse ridicularizada na sua presença. (FONSECA, 1974, p. 25)

Dessa forma, esboçam-se outros espaços e agentes a partir dos quais suas relações com o campo político e diplomático se avizinham, favorecendo o estabelecimento e a manutenção de laços.

Além disso, outras aproximações são visíveis no âmbito da política nacional. Ainda no ano de 1909, durante o breve mandato presidencial de Nilo Peçanha, Nair e a família Teffé foram convidados a participarem das conhecidas recepções do então presidente. Em uma dessas ocasiões, Nair foi recebida pelo presidente com o seguinte discurso:

Mademoiselle Teffé! Que prazer! Estou encantado em recebê-la em Palácio. É uma honra, para mim e minha senhora, tê-la em nosso convívio social. Quero marcar o meu Governo com um traço de união entre a República e a nobreza. Desejo unir os republicanos e monarquistas. Apresente as minhas homenagens ao Sr. Barão e à Senhora Baroneza de Teffé. Esteja em casa. (FONSECA, 1974, p. 28)

A partir dessa memória, Nair deixa explícita sua trajetória enquanto uma mulher entre a arte e a política. Ainda em relação aos laços estabelecidos com a figura de Nilo

Peçanha, figura que a acompanha em outros momentos de sua narrativa e reaparece posteriormente em sua trajetória, a personagem descreve em suas memórias: “No Brasil, a caricatura mais comentada mostrava Arthur Bernardes e Nilo Peçanha, com a legenda: ‘Na Inglaterra, em 1400: guerra das duas rosas; no Brasil, em 1921, guerra dos dois cravos (cravo vermelho e cravo branco)’.” (FONSECA, 1974, p. 16), (Figura 2) delineando suas expressões artísticas no âmbito político, seu envolvimento nos acontecimentos de 1922 e fazendo referência à Reação Republicana (LOVE, 1975, p. 206).

Figura 2 – Caricatura de Artur da Silva Bernardes e Nilo Peçanha, por *Rian*



Fonte: Museu Histórico Nacional (Item NT13 (032.250))

Nesse aspecto, cabe destacar o quanto a análise de memórias requer a compreensão de que quem escreve, escolhe o que falar e, logo, o que deseja que seja lembrado, apontando para possibilidades de ocultar fatos ou modifica-los a partir de escolhas narrativas. Dessa forma, em relação à análise de memórias dentro do campo historiográfico, é importante a compreensão de que, tanto para quem escreve a biografia de outro indivíduo, quanto para quem lê uma autobiografia,

[...] a biografia não pode ser narrada como a revelação de um sentido já dado a priori ou como a realização de um plano pré-fixado e conhecido pelo historiador que parte de uma visão retrospectiva. Cabe, então, ao biógrafo, acompanhar o “fazer-se” (parodiando Thompson) do indivíduo ao longo de sua vida, levando em conta os diferentes espaços sociais por onde ele se movimentou, mas também suas percepções subjetivas, oscilações, hesitações e mesmo o acaso. (SCHMIDT, 2003, p. 69)

Considerando tais reflexões na análise das memórias e da construção narrativa da personagem, a verossimilhança é bastante presente, uma vez que sua trajetória e seu noivado explicitam sua posição social. Logo, sua vivência com pessoas pertencentes às elites políticas e econômicas da época, ainda antes do casamento com o Marechal Hermes

da Fonseca, é algo intrínseco em sua narrativa e impulsionado pela posição social ocupada pela família naquele contexto.

Paralelo a isso, sua carreira artística também lhe rendeu aproximações pois, para além de suas caricaturas, o teatro era uma de suas paixões. Apesar da não aprovação do pai em relação à atuação nos palcos, demonstrando novamente o quanto a figura paterna influía na sua liberdade, Nair de Teffé nunca distanciou-se dos mesmos, pois enquanto “grande amiga e admiradora de Artur de Azevedo²², talvez esse fato a tenha entusiasmado a participar de peças teatrais, como ‘Miss Love’, de Coelho Neto²³ [...] preparada especialmente para ela, em 1912” (SANTOS, 1999, p. 32), peça a qual ela destaca ter representado “15 vezes no antigo Cassino Beira Mar, no Passeio Público e em Petrópolis” (FONSECA, 1974, p. 18). Nesse sentido, é também a partir da sua paixão pelo teatro que, alguns anos mais tarde, Nair cria a companhia chamada ‘Troupe Rian’, a qual era

[...] integrada de moças, senhoras e rapazes da sociedade trabalhando e representando em benefício das obras da Catedral de São Pedro de Alcântara, encenando peças de: Claudio de Souza, Afranio Peixoto, Reinaldo Chaves, Abadia Faria Rosa e Alvaro Moreira, cuja esposa a extraordinária e exótica Eugenia, contracenou comigo várias vezes. (FONSECA, 1974, p. 18)

Dessa maneira, por conta do estabelecimento dessas relações, pouco a pouco pode-se perceber a formação do ambiente em que Nair de Teffé inseria-se. Nesse sentido, voltemos a algumas das figuras masculinas mencionadas no início do capítulo e às lembranças da personagem sobre os mesmos na sua construção biográfica. Uma das menções mais recorrentes em sua narrativa é ao senador José Gomes Pinheiro Machado, figura também bastante próxima de Hermes da Fonseca, mas presente em suas memórias ainda antes de seu casamento e descrito por ela:

Pinheiro Machado, quando nos viu, veio para o nosso grupo. Fora da política, nas reuniões, Pinheiro Machado era afável, simples, alegre e brincalhão. Entretinha-se com as moças, senhoras e rapazes, como se fosse um jovem de 20 anos. Queria sempre saber e sabia de todas as novidades. (FONSECA, 1974, p. 19).

Por ser considerado, segundo ela, um de seus amigos mais próximos, Pinheiro Machado preocupava-se com a escolha de um marido considerado socialmente adequado

²² Artur Azevedo (Artur Nabantino Gonçalves de Azevedo), jornalista e teatrólogo, nasceu em São Luís, MA, em 7 de julho de 1855, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 22 de outubro de 1908. Figurou, ao lado do irmão Aluísio Azevedo, no grupo fundador da Academia Brasileira de Letras. Ver mais em: <https://www.academia.org.br/academicos/artur-azevedo>

²³ Coelho Neto (Henrique Maximiano Coelho Neto), romancista, crítico e teatrólogo, nasceu em Caxias, MA, em 21 de fevereiro de 1864, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 28 de novembro de 1934. Foi fundador da Cadeira 2 da Academia Brasileira de Letras. Ver mais em: <https://www.academia.org.br/academicos/coelho-neto>

para Nair, estando “interessado em ser responsável pelo seu casamento” (RODRIGUES, 2002, p. 64). Sua preocupação com o não atraso desse acontecimento na vida da jovem reforça o ideal da época previsto às mulheres: sua meta de vida deveria ser a conquista de um bom casamento. Nesse aspecto, apesar de ter se casado com 27 anos, Nair já era considerada atrasada nesse quesito, mas também foge à regra, pois “para ela, o momento de casar viria após a realização profissional e o amadurecimento pessoal” (CAMPOS, 2016, p. 31). A não ser que o pedido viesse do Presidente da República...

Ainda que priorizasse sua carreira intelectual e artística, fora o pedido de casamento vindo do Marechal Hermes da Fonseca que a fez insistir – mesmo com a inicial desaprovação do pai – no matrimônio. Hermes da Fonseca foi Presidente da República entre 1910 e 1914, mas sua carreira política já se iniciara anteriormente, destacando sua atuação enquanto Ministro da Guerra no governo de Afonso Pena. A partir de sua vitória na campanha para a presidência contra o civilista Rui Barbosa, o Marechal ocupa o cargo presidencial em 1910 e, desde o episódio de sua posse, Nair já o menciona em suas memórias:

No dia 15 de novembro de 1910, dia da posse do Marechal Hermes, na Presidência da República, fiquei triste e desolada. Papai fora convidado para assistir a solenidade. Meus pais encomendaram em Paris um lindo vestido para mim, especialmente para o ato de posse e recepção no Palácio do Catete. O Marechal Hermes era um homem de estatura média. Não consegui vê-lo na hora da transmissão do cargo. Depois de muito custo consegui vê-lo no meio dos representantes das nações estrangeiras, que o cercavam num grupo de homens altos e depois cercado de políticos. Não aproximei-me para cumprimentá-lo porque não o conhecia pessoalmente. Ao voltar para casa, disse com certa tristeza para minha mãe:
- Que pena! O Presidente não pôde ver o meu lindo vestido feito sob medida em Paris, especialmente para a posse dele. (FONSECA, 1974, p. 29)

A relação do Marechal com a família Teffé também envolvia o Barão e os irmãos de Nair, como apontado anteriormente: “Meu irmão Alvaro, era grande amigo do Marechal e exercia as funções de Secretário da Presidência da República” (FONSECA, 1974, p. 29). Ou seja, existiam relações entre ambas as famílias através de contatos mais diretamente associados à política e à cargos administrativos da época. Na edição de 25 de novembro de 1912 do jornal *A Noite*, uma nota deixa explícita o estabelecimento dessas relações quando descreve: “O Sr. Dr. Álvaro de Teffé resolveu adiar a sua viagem para a Europa, á vista do estado de Mme. Hermes da Fonseca” (*A Noite*, 25/11/1912, p. 3). Logo, apesar da demonstração de preocupação com o estado de saúde da primeira dama Orsina da Fonseca, o contato estava mais restrito aos homens da família e, por isso, Nair e

Hermes nunca haviam trocado muitas palavras, até o convite do Barão do Rio Branco para um baile no Itamarati, quando os dois conversaram pela primeira vez.

Assim como Pinheiro Machado, o Barão do Rio Branco também era amigo próximo da família Teffé. Em suas memórias Nair lembra que os convites para tais ocasiões vinham com a insistência de sua presença “a fim de entreter os jovens oficiais” mas também porque Rio Branco “queria a todo custo, casar-me com o seu secretário Araújo Jorge” (FONSECA, 1974, p. 30). Acentuam-se, nesse episódio, as funções sociais que eram preconizadas às mulheres, principalmente quando solteiras, envolvendo-as entre servir como distração num ambiente predominantemente masculino ou submeter-se a uma espécie de “exposição” nesses locais para encontrar um marido.

Durante o baile, ela é convidada por um jovem oficial para dançar, pedido ao qual aceita e, em suas lembranças, faz questão de descrever sobre aquele momento em que: “Vendo que durante a dança não falava nada, iniciei uma conversação em francês de maneira informal, perguntando os objetivos da missão e o porque do nome. O meu par, manteve-se mudo.” (FONSECA, 1974, p. 30). Finalizada a dança, o Marechal Hermes faz sinal para que a jovem se sentasse próximo a ele e, afim de iniciar um diálogo, Nair comenta da conversa inexistente durante a dança:

- Dancei com esse oficial e falei o tempo todo em francês e ele não me respondeu. Deve ser mudo.
O Marechal respondeu meio formalizado:
- Não! Ele não é mudo. O mudo ficou em casa.
Levantou-se de fisionomia fechada e afastou-se. Só mais tarde é que vim a saber que tinha dançado com o seu filho Mario, cujo irmão era mudo e surdo.
(FONSECA, 1974, p. 30)

Em meio aos primeiros contatos estabelecidos entre o futuro casal, em suas memórias ela comenta sobre um episódio ao qual demonstra enorme gratidão ao Marechal. Fora no ano de 1912, quando Carlos Rodrigues – que era dono do Jornal do Comercio – solicita que ela realize uma exposição nos salões da sede, convidando o Marechal Hermes da Fonseca para a inauguração. Tal episódio ficou marcado em suas lembranças pois, no dia da exposição ocorreu uma chuva torrencial e, ainda assim, o presidente se fez presente e “riu-se muito com as caricaturas de seus amigos e conhecidos” (FONSECA, 1974, p. 31). Na imprensa carioca a exposição também foi noticiada, adicionando, todavia, a presença da primeira dama Orsina da Fonseca ao lado do Marechal, figura não mencionada por Nair mas que, assim como o presidente, supostamente direcionou “palavras de franco elogio para as caricaturas expostas” (*A Imprensa*, 08/06/1912, p. 2). A análise de suas escolhas narrativas, nesse caso, omitindo

a presença da primeira esposa de Hermes, podem ser analisadas de modo a considerar as subjetividades da memória, além da possibilidade de seu olhar já carregado de afetos que é lançado ao passado.

Apesar de alguns contatos prévios e, inclusive, da presença de Nair no Palácio da Guanabara em meio às homenagens em comemoração ao aniversário do Marechal em 1911 (*O Paiz*, 13/05/1911, p. 1), a convivência entre ambos se estreitou a partir do verão de 1913 quando o Marechal, após a morte de sua primeira esposa, decide passar algum tempo em Petrópolis, cidade em que residia a família Teffé. Nesse sentido, em apoio e respeito ao luto de seu amigo, o pai de Nair vai até a estação receber o Marechal, que “saiu abatido do trem [...]” e, por conta disso, “[...] o Barão fez as ponderadas homenagens, apresentando-lhe a filha” (RODRIGUES, 2002, p. 62). Sobre esse episódio, Nair escreve em suas memórias: “Notei que os seus olhos ficaram diferentes. Apertou a minha mão e olhou-me com viva ternura. Percebi que não era um olhar qualquer. Os seus olhos falaram tal qual os de um rapaz de 25 anos” (FONSECA, 1974, p. 31), mas, no momento, não atribui tanta importância a esse acontecimento.

A partir disso, seus encontros – e posteriormente o pedido de casamento – se deram nos passeios a cavalo que Nair realizava durante as manhãs. Em um desses passeios o Marechal a avista e, aproveitando-se da amizade próxima que nutria com o Barão, aproxima-se da jovem e comenta sobre o perigo de andar sozinha, recebendo como resposta, a reação imediata de Nair: “Não tem perigo, porque estou acostumada com o meu cavalo. Ele é muito manso. Só não gosta de parar perto dos outros para eu conversar” (FONSECA, 1974, p. 31). Apesar da resposta da jovem, o Marechal a acompanhou de volta até sua casa e solicita ao Barão a permissão para acompanhá-la, no dia seguinte, a um passeio, evidenciando o quanto a palavra de outro homem, sob o qual estava a “tutela” da mulher em questão, valia mais do que a da própria. Mais tarde, o Marechal telefona para agendar um passeio com a família e, nesse dia, Nair sofre um acidente com seu cavalo, que não lhe deixa graves ferimentos, mas que oportuniza a rápida aproximação do Marechal para socorrê-la e contar-lhe o suposto sonho que havia tido com a moça. Nesse momento, “falou-lhe que estava encantado com a sua beleza e que gostaria de tê-la como esposa” (RODRIGUES, 2002, p. 64), causando surpresa em Nair que, àquela altura, “não pensava em casamento. Especialmente com um Presidente da República” (FONSECA, 1974, p. 33).

Em resposta ao pedido, Nair confessou ao Marechal que o casamento não estava em seus planos, mas lhe concedeu esperanças ao solicitar um prazo de seis meses para

pensar. Nos dias que se seguiram ela conta à família sobre o pedido de casamento e a oposição surge fortemente, especialmente na figura de seu pai, que a considerava jovem demais para casar-se com um homem com idade tão avançada como a de Hermes que, na época, contava 58 anos (Figura 3). O Barão, nas lembranças da filha, chega a sugerir que um bom casamento para o presidente seria a “viúva do general Dionísio Cerqueira” (FONSECA, 1974, p. 33), Ana Torres de Cerqueira. Sobre tal aspecto, apesar da diferença de idade entre ambos, Nair ainda situava-se de modo distante em relação aos padrões da época. Diferente das outras mulheres naquela sociedade, as quais geralmente casavam-se “entre os 15 e 20 anos de idade, ela permaneceu solteira até os 27 anos, sem a preocupação de ser considerada ‘solteirona’, fato que gerava preconceito por parte da sociedade” (SILVA; SIMILI, 2011, p. 125), aspecto que vai ao encontro da constante preocupação dos homens a sua volta em arrumar-lhe o que consideravam um bom casamento.

Figura 3 – “A distinta caricaturista *Rian*, senhorita Nair de Teffé, ex-collaboradora de *Careta*, noiva de S. Ex.^a o Marechal Presidente da República”



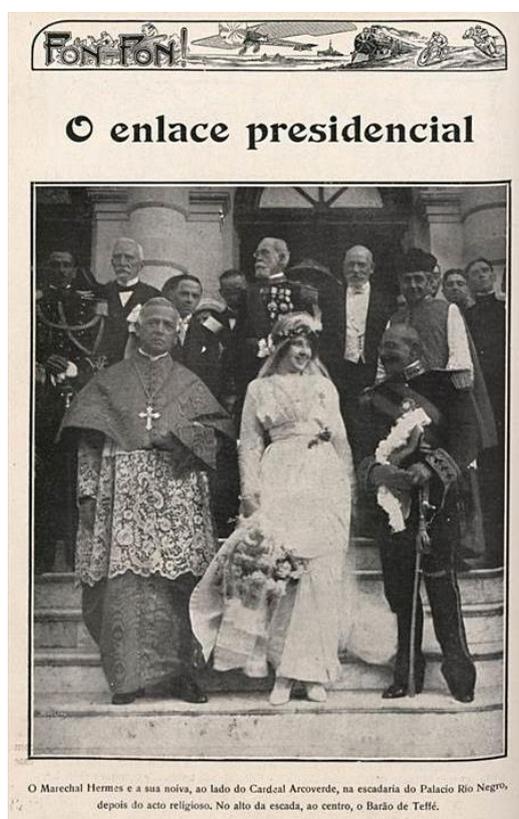
Fonte: *Careta*, 13/09/1913, p. 13.

Por outro lado, a reação negativa em relação ao casamento também partiu da família de Hermes, assim como será igualmente criticada pela imprensa do período. Essa oposição foi confirmada quando, em um banquete para a comunicação oficial do

casamento, “Não compareceu nenhum membro da família Fonseca” (*A Epoca*, 18/09/1913, p. 1). Tal oposição parece ser reforçada, igualmente, pelo recente falecimento da primeira esposa de Hermes, Orsina, que havia falecido em 30 de novembro de 1912, cerca de um ano antes, demonstrando o quanto “o luto do viúvo foi bem menor do que o costumeiro para a época” (GUEDES, MELO, 2019, p. 59).

Apesar das oposições, após as insistências de Nair, o Barão aceitou o casamento e permitiu o enlace – fato que reforça a submissão de seus desejos à vontade e aprovação masculina – consumado em dezembro de 1913 (Figura 4). Em relação a isso, a aprovação do casamento pelo pai da personagem pode ser interpretada tanto a partir da consideração de prestígio e importância associadas à figura do Marechal, mas também com relação a continuidade da manutenção da filha no mesmo círculo social. Apesar disso, ressalta-se a pobreza econômica e a situação do Marechal que “não tinha dotes para oferecer à Nair, como era costume da época” (SILVA, SIMILI, 2011, p. 128), reflexos que foram sentidos por ela até o final da sua trajetória e lembrados quando destaca que: “O Marechal Hermes sofreu tenaz campanha, surda e ostensiva de seus amigos, filhos e parentes, por ter se casado pela segunda vez, com uma ‘menina’ rica, sendo ele pobre, viúvo e ‘velho’.” (FONSECA, 1974, p. 71).

Figura 4 – “O enlace presidencial”



Fonte: *Fon-Fon*, 13/12/1913, p. 26.

Nesse sentido, de acordo com Galetti e Simili, “O pacto firmado pelo casal em 1913 pode ser tomado como momento inaugural da inserção de Nair no mundo das mulheres casadas, prescrevendo-lhe condutas, comportamentos, atitudes e posturas” (2013, p. 132), ou seja, a publicidade de sua vida e ações a partir desse momento seriam medidas e lidas com a força das pré concepções direcionadas a essas mulheres. A partir desse momento, portanto, sua trajetória entrelaça-se a do Marechal Hermes da Fonseca e, conseqüentemente, é a ele e aos fatos que o envolvem que ela dedica maior atenção e descrição no restante das páginas de sua narrativa, encerrando-a quando também se encerra a vida do marido, em 1923.

Confirmada a realização do enlace matrimonial, as escolhas dos padrinhos e testemunhos apresentam aspectos das redes sociais de cumplicidades que envolviam o novo casal. Como narrado pela própria personagem,

Convidamos Pinheiro Machado, grande amigo de papai e do Marechal. Oscar, meu irmão mais velho, casado com Mercedes. O Marechal escolheu Álvaro, meu irmão e sua mulher Nicola²⁴. Álvaro no início do Governo do Marechal tinha sido Secretário da Presidência e seu irmão, Deputado Dr. João Severino Hermes da Fonseca, Líder do Governo, na Câmara Federal. (FONSECA, 1974, p. 36)

Ou seja, os convidados dividiam-se entre familiares e amigos do casal, contudo, aproximavam-se todos a partir do estabelecimento prévio de relações através da política nacional, orientando a consagração do enlace também a partir dos princípios de aliança política. Nesse sentido, as movimentações acerca da organização do evento vieram de vários lados. Em sua narrativa, lembrando de algumas das mulheres que estiveram presentes nesses momentos, Nair destaca que: “Laurinda dos Santos Lobo, Gabriela Gaspar da Rocha, Sra. Sofia Ayarragaraj, esposa do Ministro da Argentina e minhas primas, filhas do Barão de Frontin, começaram a bordar e a ajudar a fazer o enxoval” (FONSECA, 1974, p. 38), sinalizando aspectos da formação de sua rede de apoio feminina mais próxima.

Sendo o noivado e o casamento do Presidente o primeiro a se realizar durante o mandato presidencial, as repercussões ultrapassaram as fronteiras nacionais. Evidenciaram-se, segundo a própria Nair, o recebimento de presentes de políticos internacionais, reforçando aspectos diplomáticos. Dentre estes, foram enviados ao mais novo casal, presentes do Embaixador de Portugal, Bernardino Machado e sua filha, Mlle.

²⁴ Nas buscas realizadas na Hemeroteca Digital Brasileira, ocorrências referentes à Nicola, cunhada de Nair, também foram encontradas a partir de pesquisas pelo termo “Mme. Teffé”. Nessas ocorrências, percebemos algumas atividades em que Nicola estava envolvida, como com a fundação da Associação da Mulher Brasileira, instituição relacionada à proteção do trabalho feminino (*A Noite*, 08/09/1916, p. 1).

Joaquina, do General Julio Roca, ex-presidente da Argentina, dos Ministros do Governo – sendo lembradas por Nair as homenagens prestadas por Herculano de Freitas, Rivadávia Correia, Alexandrino de Alencar, Vespasiano de Albuquerque, José Barbosa Gonçalves, Manoel Edwiges de Queiroz Vieira e Lauro Muller – além de presentes de colegas do Exército do Marechal. Contudo, é o presente do Kaiser da Alemanha aquele que ela descreve com maior carinho, sendo o objeto “uma reprodução de bronze em pedestal de mármore, do monumento de Frederico, o Grande” (FONSECA, 1974, p. 40).

Aliado ao prestígio evidenciado pela recepção de homenagens de diplomatas ao redor do mundo, o envio dos mesmos pode demonstrar tanto o alinhamento do governo com algumas das orientações na política internacional quanto o prestígio de seu governo militar, bastante criticado internamente, fora das fronteiras nacionais. No entanto, devido a não linearidade dos relatos memoriais, ao escrever sobre a recepção dos presentes de casamento, Nair logo retorna para a realidade de onde escreve, na década de 1970, lembrando da doação de muitos desses itens para o Museu da República e de como perdeu quase tudo, “vendendo e empenhando para sobreviver esses longos anos de solidão” (FONSECA, 1974, p. 40).

Consumado o casamento, a carreira artística é gradualmente deixada de lado na narrativa de suas lembranças, exceto em momentos de rivalidades políticas e da necessidade de dar-lhes alguma resposta “à altura”, como veremos no próximo capítulo em relação à Noite do Corta Jaca. Balizando-se, novamente, na presença e nas figuras masculinas, sua produção artística também é afetada fortemente pelas trajetórias dos mesmos. Tanto quando da morte do Marechal, momento em que ela se descreve como “desiludida e desgostosa de tudo, comecei a perder o entusiasmo pelas artes” (FONSECA, 1974, p. 16), quanto quando do falecimento de seu pai, Nair gradualmente vai, em suas próprias palavras, “isolando-me de tudo, afastando-me cada vez mais da sociedade e dos meus afazeres” (FONSECA, 1974, p. 16).

Sobre as mulheres e as perdas que sofreu em sua trajetória, a morte da mãe é mencionada brevemente quando relacionada a esse momento de reclusão apontado pela personagem, sendo, contudo, justamente a maternidade um dos meios que ela encontra para seguir. Nesse momento, outra proximidade faz-se interessante para analisar pois, é a partir de sua amizade com a primeira dama Darcy Vargas, esposa de Getúlio Vargas, que Nair adota três crianças: “Carmem, Tania e Paulo, com as quais eu retirei-me para um sítio em Pendotiba, no Estado do Rio, próximo a Niterói” (FONSECA, 1974, p. 16). A maternidade, associada às mulheres enquanto algo natural e quase compulsório, chega

na vida de Nair somente posterior à morte do Marechal, colocando-a inclusive no *status* de mãe solo. Em relação a esse aspecto da vida privada do casal não há um consenso sobre o motivo de ambos não terem tido filhos, contudo, há a interpretação que

[...] de acordo com Rodrigues (2002), é mais provável que tenha sido uma decisão dos dois para evitar comentários maldosos e complicações com os filhos de Hermes que consideravam o pai velho demais, argumentando que seus filhos seriam mais novos que seus netos. (SILVA, SIMILI, 2011, p. 128)

Logo, as articulações políticas em torno do contrato do segundo casamento de Hermes da Fonseca também geraram intrigas familiares. A partir da imprensa, podemos observar o papel mediador exercido pelo irmão do Marechal, o sr. Fonseca Hermes, em relação às alianças políticas, destacando os acenos do mesmo à Hermes, os quais indicavam “a reconciliação dos seus filhos em torno de sua nova família” e a promessa de “adesão do sr. Mario Hermes” às propostas políticas pensadas em relação às sucessões (*O Imparcial*, 13/11/1913, p. 2). Na mesma matéria, o jornal destaca que no mesmo contexto de todas essas movimentações, “está a ameaça de inauguração do mausoléu de d. Orsina da Fonseca, de veneranda memória, no mesmo dia do casamento de seu desolado viuvo” (*O Imparcial*, 13/11/1913, p. 2).

Reforçada por esses aspectos, a relação dos filhos do Marechal Hermes da Fonseca com Nair inicialmente se caracterizou pela oposição a sua figura e ao segundo casamento do pai. A ausência da família do noivo foi, inclusive, objeto de notas na imprensa, noticiando que os membros da família Fonseca “não compareceram ao almoço, nem mesmo os seus dois filhos, tenentes Leonidas e Euclides Hermes, que fazem parte da sua casa militar” (*A Noite*, 17/09/1913, p. 2). Contudo, com o passar do tempo as relações entre madrasta e enteados vão tornando-se mais sólidas e aproximam ambas as partes. Em sua narrativa, por exemplo, Nair destaca a lembrança das últimas palavras expressas pelo Marechal antes de falecer quando ele menciona, estando ao lado dela e de Mário, seu filho: “Estou olhando para o meu anjinho... vocês... quando me casei... não conheciam a verdadeira Nair... é uma criatura muito boa” (FONSECA, 1974, p. 117), reiterando a resistência dos filhos em aceita-la como integrante da família, num primeiro momento.

Além desse episódio, também nos envolvimento referentes aos levantes tenentistas ocorridos em 1922 os filhos do primeiro casamento do Marechal são mencionados por ela em suas memórias. No momento em que Hermes é solto após sua primeira prisão, Nair lembra da presença de Hermes Filho e de Mário junto dela nos festejos de recepção ao pai, destacando que o primeiro, “ficou ao meu lado, procurando

me defender daquelas manifestações explosivas de solidariedade de amigos, correligionários e admiradores”, enquanto o segundo se dirigia a ela, percebendo sua preocupação, dizendo: “Dona Nair, não acredite nesses oficiais que querem fomentar a revolução” (FONSECA, 1974, p. 105). Nesse sentido, os momentos políticos em que estavam envolvidos tanto os filhos do primeiro casamento, quanto o Marechal Hermes e Nair de Teffé, em 1922 acabam aproximando as partes. Por fim, é também nesse momento que evidencia-se o protagonismo político da caricaturista e a força de sua expressão artística, utilizada para defender o homem com quem se casou, como veremos no capítulo a seguir.

3. Pincéis, tinta, caricatura e... política!

Política, estratégia²⁵ e tática. Três palavras que, quando associadas, provavelmente não remetem o leitor ou leitora a pensar sobre as histórias das mulheres. Isto é, as tentativas de escrita dessas histórias, quando relacionadas à política nos diferentes períodos historiográficos, referem-se à processos de ruptura. Ruptura com os supostos silêncios das fontes, com as tradicionais concepções que colocam as mulheres em segundo plano e, ainda, com os apagamentos ou a diminuição das suas ações, protagonismos, articulações e transformações enquanto agentes históricas. Nesse capítulo, buscaremos relacionar as três palavras iniciais desse parágrafo à trajetória e às movimentações políticas de uma mulher, Nair de Teffé. Em relação às estratégias e táticas, ambas foram concepções elaboradas por Michel de Certeau, o qual compreende a primeira enquanto algo que “postula um lugar capaz de ser circunscrito como um próprio e, portanto, capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta” (CERTEAU *apud* RODRIGUES, 2019, p. 181) e a segunda como “ações ‘desvianistas’, que geram efeitos imprevisíveis”, ou seja, “possibilitam aos indivíduos a capacidade de escaparem às empresas de controle e tornarem-se parte no jogo em questão” (RODRIGUES, 2019, p. 181-182). Ou seja, tentaremos demonstrar de que forma Nair estava agindo em seu meio social, como se relacionava com o mesmo e como as suas ações refletiam no campo político. Compreendendo ainda, como cita Perrot, a concepção dos direitos políticos a partir de três facetas, “o sufrágio, a representação e o governo” (PERROT, 2019, p. 160), nosso esforço será de demonstrar aos leitores as possibilidades e as limitações de atuação dessa personagem ao longo da Primeira República nessas três esferas.

Ao longo da década de 1970, entre processos de escrita, lembranças e inúmeras lembranças, quando já sentia “os cabelos embranquecidos pela poeira dos grandes percalços da vida” (FONSECA, 1974, p. 09), ela narrou: “nem tudo foi perdido, conservei a memória” (FONSECA, 1974, p. 74). Ao escrever, já em meio ao contexto da ditadura civil militar brasileira, sobre acontecimentos que foram vividos ao longo da Primeira República, Nair conservou, além da memória, uma das fontes que tornaram possível este

²⁵ Em relação ao conceito de estratégia, buscamos desenvolver a noção que a considera, como afirma Jacques Revel, “levando em conta em suas análises uma pluralidade de destinos particulares”, onde os historiadores “[...] procuram reconstituir um espaço dos possíveis – em função dos recursos próprios de cada indivíduo ou de cada grupo no interior de uma configuração dada” (REVEL, 1998, p. 26). Ou seja, buscamos analisar tanto as ações sociais, a partir de uma racionalidade limitada, quanto as possibilidades de atuação, com todas as suas incertezas e campo de possibilidades, apresentadas à personagem, compreendendo de maneira mais ampla o modo de funcionamento do espaço social em que ela se inseria.

trabalho. Nesse sentido, no presente capítulo, buscando compreender um pouco mais sobre a atuação política da primeira dama Nair de Teffé Hermes da Fonseca, analisaremos a seleção de memórias reunidas pela mesma em seu livro *A verdade sobre a Revolução de 22*, publicado em 1974. Além disso, compreendendo a subjetividade e as escolhas presentes na elaboração de uma escrita de si, também buscaremos apresentar as maneiras pelas quais a figura de Nair foi representada pela imprensa da capital federal ao longo dos anos de 1910 a 1922. Para isso, partiremos de algumas discussões teóricas importantes para balizar as análises aqui propostas.

A partir da proposta historiográfica de “restaurar o papel dos indivíduos na construção dos laços sociais” (CHARTIER, 1994, p. 102), novas abordagens foram propostas para o estudo de trajetórias e biografias no campo da história. Considerando essa renovação, “a recuperação dos sujeitos individuais pode ser vista como uma reação aos enfoques excessivamente macroestruturais” (SCHMIDT, 1996, p. 171), colocando, a partir de então, o indivíduo como parte importante do processo de compreensão entre as relações “entre indivíduo e sociedade, entre unidade e fragmentação social, entre narração e explicação e entre público e privado” (SCHMIDT, 1996, p. 166). Nesse sentido, diferenciando-se dos conceitos de história e biografia, a partir dos quais é elaborada uma “[...] mera troca de palavras que apenas reforçam o que Bourdieu chamou de ‘ilusão biográfica’, ou seja, a noção corrente de que uma vida se organiza ‘como uma história (no sentido da narrativa)’” (GRIJÓ, 1998, p. 9), a análise de uma trajetória social requer um trabalho associado à compreensão sobre “os múltiplos fios que ligam um indivíduo ao seu contexto, sem cair nem no individualismo exacerbado [...], nem na determinação estrutural estrita” (SCHMIDT, 1996, p. 180). Em consonância com o que apontam os autores, buscamos realizar a análise aqui proposta com base nesses pressupostos, evidenciando algumas das diferentes dimensões sociais da trajetória de Nair de Teffé, suas estratégias, táticas e seu envolvimento com parte dos demais agentes históricos do período.

Compreendemos que ao analisar uma trajetória, conseqüentemente, analisamos “uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações” (BOURDIEU, 1998, p. 189). Tais transformações são evidenciadas no presente trabalho, por exemplo, a partir da distância temporal que há entre a escrita das memórias e o acontecimento das mesmas, demonstrando possíveis mudanças de

percepções na própria personagem, suas escolhas narrativas e a subjetividade da memória.

Ao buscar empreender um relato autobiográfico com a reunião de memórias sobre sua infância, juventude e vida adulta, a personagem deixa explícita uma característica desse tipo de escrita de si. Evidencia-se “a relevância de dotar o mundo que os rodeia de significados especiais, relacionados com suas próprias vidas [...]” e, paralelamente, ao escrever, constituir “uma identidade para si através de seus documentos, cujo sentido passa a ser alargado” (GOMES, 2004, p. 11). Logo, ao escrever sobre sua trajetória, a personagem recorre a uma seleção de acontecimentos que a evidenciam em várias das posições e funções sociais ocupadas ao longo do período, especialmente enquanto primeira dama e artista. Ao narrar esses episódios, Nair demonstra a forma como via o seu próprio cotidiano, ou seja, permite ao leitor a compreensão sobre a “percepção do mundo pela ótica do singular” (SCHMIDT, 1996, p. 188). No entanto, essa análise requer um tensionamento, visto que “essa dimensão universal, rotineira, heterogênea e hierarquizada da vida humana não deve ser examinada de forma autônoma, desprovida de historicidade, descolada das demais relações sociais” (SCHMIDT, 1996, p. 188) e, por conta disso, “o que passa a importar para o historiador é exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa” (GOMES, 2004, p. 15).

Nesse sentido, buscamos estabelecer um cruzamento de fontes a partir da utilização de jornais da Hemeroteca Digital Brasileira, entendendo, por conta disso, que “os elementos, ritmos, temporalidades e espaços que constituem e onde se desenvolve a cotidianidade só se tornam plenamente compreensíveis quando inseridos em redes mais amplas de práticas e representações” (SCHMIDT, 1996, p. 188). Dialogando com essa perspectiva, portanto, insere-se a problemática a que buscamos atentar no presente trabalho: “a forma de ‘tramar’ as vivências singulares com os contextos onde elas se realizaram, sem subsumi-las ao coletivo e, ao mesmo tempo, sem destaca-las dele” (SCHMIDT, 2017, p. 46). Contextualizemos, portanto, a escrita das memórias de Nair de Teffé.

Publicadas em 1974, o cenário político em que a personagem escreve possui, além da distância temporal, outra configuração – a ditadura civil militar. Ao propor o estudo dessa trajetória, interessa-nos analisar quais eram as relações estabelecidas entre Nair e os demais agentes sociais de seu tempo, especificamente ao longo da Primeira República. Contudo, dado o contexto temporal em que são escritas suas memórias, é possível – e importante – notar algumas continuidades e transformações em suas redes de

sociabilidade. Evidenciam-se, nesse cenário, duas relações estabelecidas pela primeira dama.

A primeira delas diz respeito à amizade e relação de afeto mantida com a família do ex-presidente Getúlio Vargas. Em sua narrativa, Nair lembra de sua proximidade com Darcy, primeira dama de Getúlio, como mencionamos no capítulo anterior, e tal relação de afeto também se estende à filha do casal Vargas, Alzira Vargas do Amaral Peixoto. Cartas de 1971 – no contexto de escrita de suas memórias – apresentam a relação de proximidade e afeto entre as duas mulheres. Nessas correspondências são abordados assuntos pessoais como, por exemplo, a lembrança do aniversário de Alzira, por Nair (CPDOC, AVAP vpr cp 1971.11.22), o que demonstra o prestígio de suas relações pessoais e a configuração do seu capital social, o qual implica “um trabalho de instauração e manutenção das relações, isto é, um trabalho de sociabilidade” (BONNEWITZ, 2003, p. 54). Ou seja, a partir da análise dessas trocas de correspondências também podem ser realizadas leituras sobre o cuidado no estabelecimento dessas relações sociais e a criação desse espaço mais íntimo enquanto “preferencial para a construção de redes e vínculos que possibilitam a conquista e a manutenção de posições sociais, profissionais e afetivas” (GOMES, 2004, p. 21).

Já a outra relação, que pode ser lida enquanto uma permanência na trajetória da personagem, é a sua proximidade com o setor do oficialato militar em ambos os períodos, demonstrando que possivelmente boa parte de sua vida foi rodeada por militares, estabelecendo relações com seus familiares e esposas. Nas páginas finais de seu livro, enquanto uma leitura sobre o contexto em que está produzindo essas memórias, ela escreve:

Desde 1889, data em que o Marechal Deodoro implantou a República, vários presidentes desfilaram pelo Palácio do Catete. Uns deixaram saudades, outros não. Afinal surgiu Médici, um Presidente que agradou a todos. Agora veio Ernesto Geisel que tem o apoio de toda a nação. (FONSECA, 1974, p. 189)

A partir disso, são delineados algumas das percepções da personagem e de sua trajetória individual, evidenciando sua posição social e parte de seu *habitus*, sendo esse um “sistema de disposições duradouras adquirido pelo indivíduo durante o processo de socialização” (BONNEWITZ, 2003, p. 77). O modo como Nair se relaciona com seu meio social, portanto, reflete aspectos de sua formação social, cultural e familiar. Ou seja, entendendo a formação educacional que foi dada à personagem, podemos refletir sobre seu papel na colaboração de determinadas reproduções culturais ligadas a sua classe social de origem e aos interesses mantidos pela mesma, colocando o *habitus* enquanto um

aspecto que auxilia na compreensão da lógica de funcionamento de uma sociedade e, conseqüentemente, dos indivíduos que a compõem.

Sendo assim, o que a permitia escrever e publicar uma obra completa versando sobre os setores militares em meio à ditadura? O acúmulo e a manutenção de capital social, mencionados anteriormente, podem ter colaborado nesse cenário. À vista disso, considerando a análise da narrativa e do conteúdo das memórias de Nair também podemos observar o contexto e as redes em que a mesma se encontrava inserida e que a permitiam versar sobre determinados temas em períodos tão delicados em relação à história política do Brasil, ampliando as perspectivas sobre suas atuações e a formação de seu *habitus* também a partir da consideração de que

[...] o objeto fundamental de uma história cujo projeto é reconhecer a maneira como os atores sociais investem de sentido práticas e seus discursos parece-me residir na tensão entre as capacidades inventivas dos indivíduos ou das comunidades e os constrangimentos, as normas, as convenções que limitam - mais ou menos fortemente, dependendo de sua posição nas relações de dominação - o que lhes é possível pensar, enunciar e fazer. (CHARTIER, 1994, p. 106)

Por isso, importa perceber que, a partir de sua posição social, de seus alinhamentos e das relações mantidas pela personagem em seu contexto histórico, o trabalho historiográfico também parte de uma análise que busca “transmitir ao leitor a tensão entre a vida contada e o mundo que a tornou possível” (SCHMIDT, 2017, p. 47), novamente inserindo-a em seu contexto e em suas redes de sociabilidade.

No entanto, como apontado anteriormente, as aproximações de Nair de Teffé com os setores militares não foram estabelecidas apenas na década de 1970. Seu casamento com Hermes da Fonseca em 1913 acabou aproximando sua vida desses setores e seus movimentos e, conseqüentemente, influenciando sobre sua atuação política. Em relação à essa atuação, assim como pontuado na trajetória da primeira dama Darcy Vargas, pode-se dizer que ela “participava da festividade política, ainda que em posição secundária, na condição de primeira-dama, ouvinte e espectadora dos atos públicos e políticos do marido e governante do país” (SIMILI, 2008, p. 63). Entretanto, ainda assim, em alguns momentos o protagonismo de Nair foi evidenciado a partir de situações narradas por ela e, dadas as repercussões das mesmas, veiculadas pela imprensa da capital.

Entre as práticas previstas e esperadas das mulheres que ocupavam os cargos de primeira dama estava a “organização de reuniões, chás e festas com fins beneficentes” (SIMILI, 2008, p. 121), aspecto presente nas festas organizadas por Nair, como, por exemplo, quando da organização da festa “greco romana, realizada em favor do Instituto

de Protecção e Assistencia à Infancia do Rio de Janeiro” (*Gazeta de Notícias*, 25/10/1914, p. 6), de sua presença na inauguração da nova sede do Centro Catholico, instituição ligada à práticas de caridade (*O Imparcial*, 15/02/1913, p. 3) ou de sua presença, ainda antes do casamento, em festas de caridade como aquela em benefício das famílias das vítimas do naufrágio do “Guarany” (*Correio da Manhã*, 17/11/1913, p. 2; *A Imprensa*, 17/11/1913, p. 2). Além disso, após o casamento, sua associação com ações de caridade foi percebida a partir de sua presença e apoio a iniciativas como as sessões e encontros promovidos pela “Assistencia de Protecção á Infancia” (*A Epoca*, 15/07/1914, p. 3). Contudo, essa concepção contrasta com outras reuniões organizadas por Nair, as quais, segundo ela, “tão criticadas na época, eram feitas na base dos meus tempos de solteira” (FONSECA, 1974, p. 43). Assim, através da organização desses encontros festivos foi que a primeira dama gerou inúmeras repercussões, especialmente as que partiram da oposição.

A personagem nos lembra que, no início de 1914, “reuni um grupo de amigos para um recital de modinhas interpretadas por Catulo da Paixão” (FONSECA, 1974, p. 44), artista considerado um grande amigo do casal. Nessa ocasião fizeram-se presentes inúmeras pessoas do corpo político e diplomático do país como Edwin Morgan, o General Vespasiano de Albuquerque (Ministro da Guerra), Almirante Alexandrino de Alencar (Ministro da Marinha) e sua filha Evangelina de Alencar, David Campista, Paulo de Frontin, mas também artistas como a pianista Guiomar Novais, e a imprensa a partir da presença dos críticos Fernando Mendes, do *Jornal do Brasil*, e Oscar Guanabario, do *Jornal do Commercio* (FONSECA, 1974, p. 44). A recepção foi lembrada pela personagem enquanto um sucesso, porém, Nair também escreveu que

No dia seguinte a esse íntimo acontecimento, a turma do “contra” caiu em cima do Marechal e de mim. Diziam que foi uma vergonha nacional, levar para dentro do Palácio do Governo (que era transitoriamente a nossa casa) – um violão, instrumento inseparável de boêmios e baderneiros. (FONSECA, 1974, p. 44)

A partir da narrativa desse episódio nota-se o quanto “as críticas ao liberalismo político da Primeira República se irradiaram para o mundo cultural pela sua associação aos valores europeus, distantes de nossas originalidades e tradições populares” (ABREU, GOMES, 2009, p. 10). A repercussão negativa desse episódio, portanto, também pode ser lida enquanto reflexo de uma sociedade ainda fortemente associada aos moldes e costumes da vida europeia enquanto modelo a ser seguido. Nesse sentido, trazendo cada vez mais a música popular brasileira para o interior das esferas do poder político, ainda em 1914 Nair organiza outra recepção que marca sua passagem pelo posto de primeira

dama, a qual entrou “para a história e para os anais do senado, graças ao Ruy Barbosa, que não perdoava e nem deixava passar nada em brancas nuvens” (FONSECA, 1974, p. 43): a famosa Noite do Corta Jaca.

A recepção que ficou conhecida como “Noite do Corta Jaca” ocorreu em 26 de outubro de 1914, nas dependências do Palácio do Catete enquanto uma cerimônia de despedida da administração presidencial de Hermes da Fonseca. Organizada pela primeira dama, a noite que a teve como protagonista foi originada a partir de pedidos do músico Catulo, segundo ela, que “pediu-me para interpretar alguma música nossa” (FONSECA, 1974, p. 44), dada a predominância das valsas, óperas e músicas em idiomas estrangeiros que tradicionalmente marcavam presença nessas reuniões. Nair aceitou a proposta e lembra que, a partir disso, “Catulo falou com Chiquinha Gonzaga, grande Maestrina, a quem não tive a honra de conhecer pessoalmente. Chiquinha compôs especialmente para mim o famoso ‘Corta Jaca’, com partitura para violão e piano” (FONSECA, 1974, p. 44).

Composição feita e artista escolhida, restava a efetivação do show. Em meio a amigos seus e do Marechal, ela lembra: “Lancei o ‘Corta Jaca’ entre os aplausos alegres dos convidados. Foi uma noite ‘prafrentex’” (FONSECA, 1974, p. 45). Sobre essa noite, vários aspectos são observáveis. A personagem comenta em suas memórias que para o lançamento da canção, nessa recepção, havia caprichado na escolha de um “repertório bem brasileiro” (FONSECA, 1974, p. 45). No entanto, no dia seguinte, a programação veiculada pela imprensa carioca mostrou um contraste, sendo a maioria das canções apresentadas na noite anterior internacionais e tocadas com acompanhamento do piano, excetuando a marcha *Nair*, de Ernani de Figueiredo, executada ao violão, e o *Corta Jaca* (*O Paiz*, 27/10/1914, p. 4). Nesse sentido, ainda que a partir de uma presença bastante tímida, ao interpretar uma música como o Corta Jaca no interior das dependências do Catete, Nair levava a cultura popular para dentro das esferas de poder e inseria nos assuntos políticos nacionais, ainda que de maneira indireta, a valorização da identidade brasileira.

Anterior à realização dessa recepção, na imprensa, circulavam apenas notas informando os trajes adequados, sendo “para os militares [...] o segundo uniforme; para os civis, como de costume, traje de rigor” (*O Paiz*, 25/10/1914, p. 5). Assim, em relação aos convidados, as presenças também foram variadas. Dentre algumas das pessoas presentes estavam

O Dr. Lauro Muller, ministro das relações exteriores; almirante Alexandrino de Alencar, ministro da marinha; general Vespasiano de Albuquerque, ministro da guerra; Dr. Herculano de Freitas, ministro da justiça, e senhora; Dr. Rivadavia Correia, ministro da fazenda, e senhora; Dr. Barbosa Gonçalves, ministro da viação, e senhora; Dr. Edwiges de Queiroz, ministro da agricultura, e senhora; Dr. Frederico de Carvalho, sub secretário das relações exteriores; Dr. Coelho Rodrigues e Mlle. Coelho Rodrigues; Dr. Alfredo Iarrazabal, ministro do Chile; Dr. Adolpho Paoli, ministro da Alemanha [...] (*O Paiz*, 27/10/1914, p. 4)

Nota-se, portanto, a presença de grande parte dos ministros do governo de Hermes da Fonseca e, em alguns casos, a presença de suas esposas, as quais quando mencionadas, o foram somente a partir do sobrenome do marido ou pela palavra designativa “senhora”, como na citação acima. Tal aspecto reforça a posição que as mulheres, nesse caso as que circulavam entre as elites da época, ocupavam perante a imprensa e a sociedade, não sendo interessante a descrição de seus nomes, mas sim os de com quem eram casadas ou estavam acompanhadas. Em relação à análise das memórias da primeira dama, ainda que sujeitas ao esquecimento e às escolhas descritivas, o nome de algumas mulheres foi lembrado em algumas de suas recepções, destacando as figuras da “Senhora Sofia Ayarragay, esposa do ministro argentino [...] Laurinda dos Santos Lobo, Gabriela da Rocha Figueiredo, [...] [e] a pianista Guiomar Novais [...]” (FONSECA, 1974, p. 44). Contrastam-se, nesse sentido, as descrições, ainda que apenas em relação ao nome, de outras mulheres do período. Percebemos, aqui, uma ruptura com os tradicionais silêncios a que são postas.

Além dos políticos mencionados acima, também estavam presentes nessa recepção outros deputados, senadores, secretários, generais, barões, almirantes, coronéis e civis, como Pinheiro Machado e o Dr. Paulo de Frontin e suas esposas, figuras também lembradas por Nair em outros episódios das suas memórias. A partir desse mapeamento se possibilita a percepção sobre quais eram algumas das redes de sociabilidade em que estavam inseridos tanto a primeira dama quanto o próprio Marechal. Ausentes estavam, por óbvio, os opositores. No entanto, suas personalidades (e ações) foram narrados pela primeira dama em suas memórias quando ela destacou que

Se o Palácio do Catete parecia uma “Versaille do século XVI” no dizer de Ruy Barbosa, era porque lá não entrava a “entourage” de aproveitadores. Só convidava pessoas realmente dignas de frequentarem uma casa de família, que sabia pelo seu apanágio darem aquele brilho de beleza do século XVI, trazendo a inteligência e a cultura que nunca feneceu ao passar dos séculos. (FONSECA, 1974, p. 43)

Assim, cercados por apoiadores políticos, por grupos do Exército e por alguns grupos civis, a última recepção organizada no governo de Hermes da Fonseca gerou

reações da “turma do ‘contra’” e, além disso, foi lembrada por Nair enquanto o momento em que “Ruy Barbosa, aproveitou o lançamento do ‘Corta Jaca’ para inserir nos anais do Senado, a sua costumeira verborragia [...] babando contra mim, a sua orgulhosa cantilínaria de insopitável ódio ao governo” (FONSECA, 1974, p. 45). A partir disso, a figura da primeira dama, bem como as suas ações no ambiente privado de sua casa (sendo essa, coincidentemente, a sede do Poder Executivo à época) foram tratados como assunto de uma reunião do Senado Federal.

Apesar da pouca presença de músicas populares brasileiras no repertório que foi divulgado na imprensa, a presença do violão e a execução, com o acompanhamento do mesmo, da canção *Corta Jaca* pela primeira dama, serviram de estopim para que inúmeras críticas fossem direcionadas tanto ao governo e à administração de Hermes da Fonseca na presidência, quanto à figura de Nair²⁶. A noite foi considerada uma vergonha nacional, sendo veiculada na imprensa a partir de manchetes como “Os abutres da desgraça: O povo acorda emfim para encontrar a patria sem dinheiro, sem credito e sem honra” (*A Epoca*, 31/10/1914, p. 1) e sendo relacionada, dentre outras medidas, ao Estado de Sítio declarado pelo Marechal e os ataques à imprensa. Nessa mesma edição do jornal *A Epoca*, a Noite do Corta Jaca é lembrada a fim de criticar a postura do Marechal, descrevendo que

Os abutres não podem viver sem as podridões; por isso mesmo, os que ahi estão corvejando sobre as desgraças que cavaram não desejavam sancado o ambiente pela critica dos jornaes independentes: os diarios da opposição foram suspensos e fechados, os directores, redactores e reporters mandados para os quarteis e navios de guerra; formaram as sentinellas das fortalezas para receber os generaes que chegavam presos, enquanto o idiota do presidente da Republica escancarava a bocca immensa, na gargalhada alvar com que applaude o “Corta Jaca” nos fandanguassús do Cattete, o ministro da Justiça, de cartola á banda, arrastava-se, bebedo, pela Avenida, depois das noites de esbornia nas casas de tolerancia, o chefe de segurança publica entoava, nas lanchas da Polícia Maritina, as parodias bregeiras da “Cabocla de Caxangá” e o sr. Pinheiro Machado andava das mesas do “poker”, onde são combinadas as imposições do P.R.C, para as cavallarias da Limpeza Publica, onde os seus animaes esmoem diariamente os milhos do Estado. (*A Epoca*, 31/10/1914, p. 1)

²⁶ A presença do instrumento também pode ser fator importante quando posto em comparação à outras recepções organizadas e protagonizadas pela primeira dama. Em uma das recepções realizadas em junho de 1914, alguns meses antes do acontecimento do Corta Jaca, veiculava a informação de que: “a Sra. Hermes da Fonseca teve a fina gentileza de cantar um trecho, acompanhada ao piano pela Sra. Nícia Silva, que depois cantou também, ambas muito applaudidas” (*O Paiz*, 26/06/1914, p. 3). Além disso, também foi destacada a apresentação da primeira dama, onde “Mme. Hermes da Fonseca cantou, em francez, uma *chanson philosophique* [...]” (*Gazeta de Notícias*, 26/06/1914, p. 3). Ou seja, diferentemente do espanto e das reverberações causadas meses depois pelo Corta Jaca, essa recepção, por exemplo, não impactou da mesma maneira a moral e os costumes da sociedade da época, alinhando-se com as concepções do que era possível (e permitido) à primeira dama.

Nesse trecho são percebidas, portanto, críticas em relação às ações de Hermes enquanto presidente, mas também a outras figuras presentes no cenário político nacional, especialmente o senador Pinheiro Machado, além da denúncia da censura aplicada à imprensa. Essa censura também foi denunciada através da descrição das prisões ordenadas pelo Marechal à alguns jornalistas, destacando-se o caso de Edmundo Bittencourt, igualmente mencionado no discurso de Ruy Barbosa na sessão de 11 de novembro de 1914 no Senado Federal.

Em seu discurso, além de referir-se à figura da primeira dama, o senador Ruy Barbosa se posicionou em defesa da liberdade de imprensa, destacando: “Sou pela liberdade total da imprensa, pela sua liberdade absoluta, pela sua liberdade sem outros limites que os do direito commum, os do Código Penal, os da Constituição em vigor” (*Anais do Senado Federal*, 1917, p. 105). Paralelo a isso, o senador comentou sobre a prisão de Edmundo Bittencourt, diretor do jornal *Correio da Manhã*. Em relação a esse acontecimento, Ruy Barbosa destaca que

Haja vista a confidencia do Sr. Francisco Valladares, chefe de Polícia da Capital, estampada na denuncia do Dr. Edmundo Bittencourt, pessoa da maior veracidade, com que se abriu, dizendo-lhe que não enxergava motivo à sua prisão, e só a attribuiu á vontade imperativa da mulher do presidente. (*Anais do Senado Federal*, 1917, p. 110)

Colaborando com essa perspectiva, alguns periódicos da imprensa também veicularam tal posicionamento, destacando a publicação de uma carta escrita pelo diretor do jornal *A Epoca* para o deputado Mauricio de Lacerda. Nesse documento, o jornalista destaca que sua prisão havia sido consumada ainda na noite anterior da declaração do estado de sítio e que até o momento não sabia quem havia o mandado prender. Sobre essa ação, ele destacou: “Não posso acreditar que fosse o marechal presidente, porque s. ex. que nada manda, não se lembraria de exigir, no meu caso, o cumprimento de uma vontade sua” (*A Epoca*, 31/10/1914, p. 1). A partir dessa declaração o jornalista deixou explícita a posição secundária que o próprio Marechal Hermes da Fonseca assumiu, diante dos olhares civis, em relação aos assuntos que envolviam a presidência do país. No entanto, seguiu sua carta narrando que a partir de informações partidas de Francisco Valladares à Edmundo Bittencourt, “[...] sei que esse nosso distinto amigo foi preso por ordem expressa da virtuosa esposa do venerando presidente, a Serenissima Senhora Dona Nair de Teffé von Honholtz Hermes Rodrigues da Fonseca” (*A Epoca*, 31/10/1914, p. 1). Realizada a Noite do Corta Jaca, portanto, a figura e as ações da primeira dama surgem enquanto pautas do debate político nacional envolvendo diferentes situações.

Ainda no discurso de Ruy Barbosa no Senado, as menções à Nair de Teffé não foram apenas essas. Ao atribuir a prisão do jornalista à vontade da primeira dama, Ruy reforçou que “exercer impunemente uma tal influencia, ainda ninguém o conseguiu, nem o conseguirá nunca” (*Anais do Senado Federal*, 1917, p. 110), referindo-se às interferências da mesma nas ações da política presidencial. Comparativamente, o senador também descreveu brevemente a figura da primeira esposa de Hermes da Fonseca, Orsina da Fonseca, sendo essa considerada, segundo a perspectiva de Ruy Barbosa, como “o exemplo da primeira marechala, cuja discricção não assumiu jamais a menor parte na vida official do presidente” (*Anais do Senado Federal*, 1917, p. 110). Explicitam-se, nesse sentido, as concepções do que era considerado adequado às mulheres ou não e quais os comportamentos lhes eram esperados, dentre os quais não estavam a participação e a ação política.

Além disso, outros aspectos podem ser observados a partir do discurso do senador. A menção à Orsina da Fonseca, repetidas vezes, pode ser observada enquanto a construção de um ideal feminino que deveria servir de exemplo às demais mulheres do país, especialmente pela utilização dos adjetivos que Ruy Barbosa utilizou ao descrevê-la, como “Santa senhora”, “consorte fiel do seu marido”, “a mãe desvelada de seus filhos” e “a regente modesta de sua casa” (*Anais do Senado Federal*, 1917, p. 110), por exemplo. A todas essas caracterizações, nenhuma – segundo o olhar masculino – era encontrada na figura da segunda esposa, Nair de Teffé.

Outra característica mencionada tanto por Ruy Barbosa quanto pela imprensa naquele período foi a participação – exagerada, segundo os mesmos – do Barão de Teffé, pai de Nair, nas ações políticas e nos assuntos presidenciais. Ruy Barbosa narrou, no mesmo discurso, que: “o ultimo estado de sítio constituiu uma victoria da nova família do marechal sobre os conselheiros do seu partido”, fazendo menção à família Teffé e completando sua fala com o alerta de que “quando uma família tem parte no governo, não pode ser irresponsável” (*Anais do Senado Federal*, 1917, p. 110). Na mesma carta publicada no jornal *A Epoca*, o diretor do jornal também menciona a figura do pai de Nair, destacando que “Garantem-me outros, que a violencia por mim soffrida resultou do odio implacavel que me vota o futuro avô dos futuros filhos do venerando presidente, o senador von Honholtz, almirante Barão de Teffé” (*A Epoca*, 31/10/1914, p. 1). Ou seja, podemos perceber que, ainda que tenha feito inicialmente oposição ao casamento da filha com o Marechal Hermes da Fonseca, o aceite do Barão para a consumação do casamento

não se restringiu apenas às insistências da filha, mas também às possibilidades que esse enlace poderia lhe trazer, como prestígio e influência nos altos círculos de poder político.

Em relação à noite do Corta Jaca, episódio que também foi largamente criticado, Ruy Barbosa comenta a atitude do Marechal Hermes da Fonseca. O senador diz que, o presidente, ao “conduzir por sua mão a esposa ao proscenio da vida official, [...] sentou a eleita do seu coração ao seu lado na omnipotência da sua ditadura”, destacando que a imprensa, por conta disso, posicionava-se certamente na denúncia de tais inconveniências, especialmente na “recepção official de ha poucos dias, onde, aos accents do violão, Terpsychore apresentou à sociedade brasileira e ao corpo diplomático as graças do *Corta Jaca*” (*Anais do Senado Federal*, 1917, p. 111). A narrativa elaborada nas memórias de Nair, no entanto, apresenta outra versão.

Destacando que sua escrita se localiza em um momento onde “as paixões estão anestesiadas pelo tempo, sem agressões, agravos ou devolução de insultos” (FONSECA, 1974, p. 10), Nair de Teffé apresentou ao leitor a sua versão dos fatos. Em relação à Noite do Corta Jaca a personagem descreveu que as críticas que lhe foram direcionadas, tanto pela imprensa quanto pelo senador Ruy Barbosa, “dormem esquecidas no fundo do mar ou da terra e só serviram para assinalar a luta que enfrentei contra os preconceitos de então” (FONSECA, 1974, p. 45). No entanto, percebe-se em sua narrativa o afeto cultivado pelo esposo e, por conta disso, um conjunto de memórias construídos a fim de defender as ações e os comportamentos do mesmo. Sobre tal defesa, destaca-se o posicionamento de Nair em relação ao Estado de Sítio e a censura que, segundo a personagem, apenas supostamente era aplicada à imprensa.

Nesse contexto ela descreveu sua memória sobre o contexto, dizendo que: “Apesar do Estado de Sítio, as liberdades eram garantidas, especialmente a de Imprensa, fonte geradora e inspiradora da exaltação dos ânimos e das paixões políticas que continuavam em franca efervescência” (FONSECA, 1974, p. 62). Contudo, sobre a responsabilidade em relação à prisão de Edmundo Bittencourt, a personagem nada comentou. O nome do jornalista foi mencionado por ela apenas no contexto da prisão do Marechal Hermes, já em 1922, onde Nair lembra da publicação das listas de pessoas detidas na imprensa, escrevendo que estavam “Dentre eles, nosso amigo Irineu Marinho, diretor de *A Noite*, e o nosso adversário do *Correio da Manhã*, Edmundo Bittencourt, recolhidos ao Batalhão Naval” (FONSECA, 1974, p. 108). A partir das caracterizações utilizadas por ela para se referir a ambas as figuras masculinas citadas, um enquanto amigo, outro enquanto adversário, seu posicionamento fica mais evidente.

Esse aspecto é fortalecido também a partir das várias menções de oposição da personagem ao jornal *Correio da Manhã* em outros momentos de sua narrativa. Quando Hermes renunciou ao cargo que havia concorrido no Senado, após a morte de Pinheiro Machado, a publicação das suas cartas à Borges de Medeiros foi feita pelo *Correio da Manhã*, mesmo jornal que, alguns dias depois, denunciaria o ganho de saldos mensais recebidos pelo Marechal em viagem de licença para a Europa. Nesse cenário, Nair se coloca enquanto defensora do marido apontando que “O ódio e a injustiça estavam de braços dados com os ‘papagaios louros’ da democracia ‘civilista’” (FONSECA, 1974, p. 69).

Já em outro período, em 1920 após o retorno do casal ao Brasil, Nair lembra da concessão de uma entrevista do Marechal ao mesmo jornal. Transcrita parte da entrevista dada por Hermes, direcionando-se ao jornalista Oswaldo Paixão, o mesmo iniciou comentando que: “Não tenho a menor dúvida em conversar lealmente com um redator do Correio da Manhã, jornal que tão francamente se opôs a mim, quando do meu quadriênio” (FONSECA, 1974, p. 82). A oposição e o envolvimento de Hermes da Fonseca com o jornal, no entanto, como lembrou Nair, não se dariam apenas no espaço de tempo de seu quadriênio. Protagonizando a publicação das famosas cartas atribuídas à Artur Bernardes, nas quais insultava as classes armadas e, conseqüentemente, a figura do Marechal Hermes da Fonseca, o *Correio da Manhã* novamente se fez presente em disputas políticas envolvendo o então ex-presidente, agindo, segundo o olhar de Nair, a partir de um “golpe jornalístico” (FONSECA, 1974, p. 96).

Descrito, portanto, o *Correio da Manhã* enquanto “o jornal que mais criticou e combateu o Marechal Hermes, no governo” (FONSECA, 1974, p. 114), a figura da primeira dama também apareceu em suas páginas. Lembrando a forte amizade estabelecida entre o senador Pinheiro Machado e o casal, sendo esse próximo tanto de Hermes quanto de Nair, o *Correio da Manhã* publicou uma notícia, em janeiro de 1914, onde descreveu alguns dos costumes do senador, destacando um presente dado à primeira dama:

Assim, o sr. Pinheiro estima muitíssimo apenas receber “lembranças” dos amigos. Só as dá em casos excepcionaes, como por exemplo o da offerta de um cavallo á hoje esposa do presidente da Republica, cavallo que se transformou em penhor de solidariedade presidencial e gratidão de mme. Nair da Fonseca. [...] O homem é um felizardo, não ha duvida. Não vá, entretanto, a estranha liberdade do vice presidente do Senado causar ciumes aos amigos que nunca lhe abiscoitaram coisa alguma. Sobretudo nesta quadra política, em que todas as solidariedades são poucas... (*Correio da Manhã*, 21/01/1914, p. 1).

Notam-se, nesse trecho da notícia, aspectos relacionados aos capitais sociais que envolviam a amizade e a relação política mantida por ambos. No entanto, a entrega do presente havia se dado ainda enquanto Nair era noiva do Marechal, no ano anterior, como destaca outra matéria ao informar que: “Como se trata dum acontecimento político de alguma importancia pois aquelle cavallo vae contribuir para o augmento do prestígio d’ P.R.C, damos acima a fotografia do mesmo [...]” (*Correio da Manhã*, 07/10/1913, p. 3). Entrelaçam-se, assim, as relações políticas e pessoais envolvendo a figura da primeira dama, destacando, ainda, a manutenção das estratégias de investimento simbólico, tanto para a conservação quanto para o aumento do capital de reconhecimento (BONNEWITZ, 2003, p. 70).

Em relação ao aparecimento de Nair nas páginas da imprensa da capital federal, podem ser observados aspectos que dialogam com o retorno de sua narrativa e da maioria de suas lembranças às figuras masculinas. Em suas memórias, recorrentemente a figura do pai foi elaborada pela primeira dama. Essa relação familiar, portanto, ocupou boa parte de sua formação social e, conseqüentemente, a aproximou dos espaços políticos e seus agentes. No entanto, esse aspecto não se apresenta apenas nas memórias da personagem.

Em edição de 15 de outubro de 1913, momento em que Nair já era noiva do Marechal, sua presença foi notada em espaços e reuniões majoritariamente ocupados pelos políticos e militares da época, como quando da sua participação no almoço a bordo do “New Zeeland”. Oferecido por almirantes ingleses, nessa reunião notou-se as presenças, segundo nota da imprensa, do “[...] almirante Alexandrino de Alencar, srs. William Haggard, secretario da legação, almirante Teffé e mlle. Nair de Teffé e os membros da casa militar do presidente da Republica” (*Correio da Manhã*, 15/10/1913, p. 3). Possivelmente enquanto a única mulher presente nessa reunião, ou permitida de estar, Nair auxilia a romper, pouco a pouco, com as concepções sobre a ocupação de espaços políticos por figuras femininas. Importa considerar sua posição enquanto noiva do presidente da República à época, por óbvio, mas destaca-se da mesma forma a menção apenas a ela enquanto figura feminina nessa reunião, não sendo mencionadas as esposas ou filhas dos demais almirantes (se estiveram presentes) ou até mesmo a figura de sua mãe, a baronesa de Teffé, dada a presença de seu pai e o acompanhamento dos casais nessas ocasiões.

Ainda em relação aos jornais da oposição, quando críticas eram direcionadas ao governo e à administração do Marechal na presidência, sua figura também era, ainda que de maneira indireta, invocada. Em 1913, no contexto de noivado de ambos os

personagens, o jornal *Correio da Manhã* publicou extensas críticas direcionadas à Hermes da Fonseca em suas páginas. Em uma delas, a finalização foi dada pelas palavras: “O marechal Hermes, devido á pernicioso attitude que tem observado na presidencia da Republica, é um homem positivamente incapaz de exercer cargos políticos. Deixem-n’o, pois, entregue aos seus affazeres militares ou aos seus ridículos amores” (*Correio da Manhã*, 16/09/1913, p. 1). Logo abaixo dessa notícia há, coincidentemente ou não, o anúncio da realização do almoço oferecido ao corpo diplomático e aos membros do governo, onde Hermes anunciaria “[...] oficialmente, o seu contrato de casamento com mlle Nair de Teffé” (*Correio da Manhã*, 15/09/1913, p. 1). Da comunicação do noivado do Marechal e da apresentação de Nair ao corpo diplomático, do mesmo modo, são delineadas outras aproximações da personagem feminina em relação às redes de sociabilidade que a envolviam. Quando realizada a comunicação oficial, a apresentação da noiva foi feita por Lauro Muller, ministro das relações exteriores do governo de Hermes (*Correio da Manhã*, 21/09/1913, p. 2). Em suas memórias, Nair também lembra da figura de Lauro Muller mencionando a presença do mesmo na inauguração do Teatro Municipal do Rio de Janeiro (FONSECA, 1974, p. 26) e, ainda, a atuação de Muller na política exterior do país, destacando que no quadriênio do Marechal Hermes na presidência “assinaram-se vários convênios e o nosso país foi ouvido em diversos conclaves na Europa e nas Américas” (FONSECA, 1974, p. 47).

Além desses aspectos, a partir da realização do almoço de comunicação oficial do noivado, na imprensa circularam posições contrárias e favoráveis ao mesmo. Em uma nota na edição de 18 de setembro de 1913, o jornal *A Imprensa* destacou que:

Esse acto de estricta correcção social, que nenhuma estranheza devia causar a quem quer que fosse, foi, todavia, pretexto para insolitas considerações da imprensa, que nesta terra se faz censora da propria vida intima do chefe da nação. Não hesitaram esses zangões da opinião publica em avançar conceitos e palavras que, noutras circunstancias, mereceriam, de certo, correctivo melhor que o silencio, que é desprezo. E, se até elles não descem ás pessoas visadas pelas phrases dos seus jornaes, que forjam o desaforo e a intriga, é lícito, todavia, aos homens de boa educação manifestar a repulsa que lhes causa essa maneira leviana e incorrecta de fazer opposição ao governo. (*A Imprensa*, 18/09/1913, p. 1)

Nesse sentido, a reportagem deixa explícita a posição do jornal em relação ao segundo casamento e, conseqüentemente, ao governo de Hermes da Fonseca. Na mesma também foram mencionados aspectos sobre aquela que viria a ser a futura primeira dama, evidenciando que ao comunicar sua aliança com Nair de Teffé, “[...] ninguém dirá que a sua posição de chefe do governo o eximia dessa gentileza, que se tem por obrigatória entre pessoas de tanta distincção social como s. ex. e a família de sua noiva” (*A Imprensa*,

18/09/1913, p. 1). A partir dessa breve menção tanto à Nair quanto a sua família demonstra-se, portanto, a composição do espaço social em que esses agentes estavam inseridos, sendo o mesmo “construído na base de princípios de diferenciação” (BOURDIEU, 1989, p. 133) e elaborado a partir do acúmulo e/ou manutenção de diferentes capitais sociais.

No entanto, outra figura relacionada ao Ministério das Relações Exteriores também foi mencionada nas memórias da personagem, o barão do Rio Branco, ocupando o cargo nesse ministério nos primeiros anos do governo de Hermes. Descrito por Nair enquanto um “querido amigo” (FONSECA, 1974, p. 21), o barão do Rio Branco participou de momentos em que a aproximação de Nair e Hermes foi facilitada, destacando a primeira vez em que ela lembra de ambos terem conversado em um baile no Itamaraty, como apresentamos no capítulo anterior. Além disso, após o falecimento de Rio Branco, Nair lembra dos esforços de Hermes para reunir um acervo sobre o mesmo, “perpetuando no Itamarati a figura inspiradora do magistral mestre, acatado, respeitado e consagrado no mundo inteiro” (FONSECA, 1974, p. 47). Paralelo a isso, na imprensa essa aproximação foi igualmente percebida a partir da presença de Nair na missa de falecimento de Rio Branco (*O Imparcial*, 11/02/1913, p. 6).

As articulações políticas em torno da figura da nova primeira dama, contudo, já partiam desde o anúncio do noivado. Em uma nota publicada em outubro de 1913, veiculava: “O proximo casamento do Sr. presidente da Republica promette dar motivo ao mais interessante ‘steep-le-chase’ destes últimos tempos”, adicionando, ainda, que “Os mais dedicados e arduos amigos do Sr. marechal Hermes estão trabalhando com a maior actividade para ver a qual cabe a victoria no offerecimento do ‘cadeau de noces’” (*A Noite*, 10/10/1913, p. 2). Na reportagem foram descritos os esforços realizados pelo senador Pinheiro Machado, pelo marechal Pires Ferreira e pelo conde de Frontin em busca daquele que seria o melhor presente para os noivos. O jornal posicionou-se, portanto, julgando a opção atribuída ao conde de Frontin a melhor entre todas elas, a qual utilizava-se do “nome actualmente mais caro ao marechal”, o de sua mais nova primeira dama, para batizar uma nova parada entre duas estações cariocas, a de Rio das Pedras e Marechal (*A Noite*, 10/10/1913, p. 1).

Percebemos, por isso, que em torno do casamento as preocupações foram múltiplas antes mesmo de sua realização. No entanto, tal fato acabou colocando de lado alguns dos assuntos preocupantes em relação à situação do país, como destaca o jornal *A Noite*, em 1913:

Quer nas regiões officiaes, quer mesmo entre o publico, o grande assumpto do dia é o casamento do Sr. Marechal Hermes da Fonseca. A reportagem jornalística tomou posse integram do assumpto, que preteriu quasi todos os outros, incluindo a situação financeira do paiz, e outras historias que occupavam até agora columnas e columnas dos nossos órgãos... (*A Noite*, 05/12/1913, p. 1).

Dado o contexto, aumentava a curiosidade da população em torno da vida privada do casal. Por conta disso, ao envolver-se na organização da cerimônia de casamento, Hermes decidiu não convidar o corpo diplomático para fazer-se presente no dia da cerimônia, atitude que foi alvo de notas na imprensa. Sobre essa decisão, veiculava que “O Sr. Presidente da Republica não quiz fazer esse convite para não tirar ao seu casamento o cunho particular que elle deve ter. Apenas a Exma. família Teffé, contando em suas relações varios diplomatas estrangeiros, dirigiu-lhes convites [...]” (*A Noite*, 05/12/1913, p. 3). Contudo, o acontecimento não teve nada (ou quase nada) de particular, e tal decisão do presidente foi fator importante para que aumentassem as curiosidades em torno de todo o cenário que se apresentava em torno dos noivos. A vida privada do mais novo casal, portanto, já inseria-se em meio às articulações do mandato de Hermes.

A ausência de alguns ministros do governo na cerimônia foi investigada pela imprensa e, a partir de algumas notas veiculadas é possível perceber a aproximação das fronteiras entre o público e o privado. Em edição d’*A Noite* os editores destacavam que

Embora a balburdia do momento, os assistentes notaram a falta dos Srs. Ministros da Marinha e da Guerra, do chefe de policia, do commandante da Brigada Policial, do commandante da nona região e de outras autoridades da Marinha e do Exercito. Isso, portanto, fez com que todos procurassem indagar a causa de semelhante fato. E soube-se, então, que o governo, devido a denuncias recebidas, resolvera ordenar a promptidão dos corpos da guarnição da capital, temendo qualquer movimento subversivo, principalmente no Exercito, donde se discriminavam varios nomes de altas patentes envolvidas num pretendido levante. (*A Noite*, 09/12/1913, p. 2)

A partir disso, observamos que não apenas a intimidade e a privacidade de seu casamento eram preocupações do noivo. Paralelo a isso, a presença da imprensa também pareceu incomodar o Marechal, que foi acusado de não saber “conter os ímpetos derivados das suas paixões pessoais” (*A Noite*, 08/12/1913, p. 1). A partir da presença de vários fotógrafos, os quais buscavam fazer registros da cerimônia e de seus preparativos, Hermes teria se irritado com tamanha especulação e exaltou-se dirigindo-se a um dos jornalistas acusando-o: “É elle o culpado de tudo quanto faz a ‘Gazeta’ e a ‘Notícia’. Se o tivesse encontrado hontem, tel-o-ia corrido a bengaladas ou tel-o-ia varado a tiros” (*A Noite*, 08/12/1913, p. 1). O presidente completou, ainda, dizendo:

Podem dizer de mim o que quizerem, como governo, mas não teem o direito de entrar nas intimidades que me dizem respeito. Elle devia tambem lembra-

se de que tem família, para não esquecer o respeito que deve á família dos outros. O que me consola é que me faltam apenas doze meses para deixar este posto; então liquidarei as minhas contas com essa gente. (*A Noite*, 08/12/1913, p. 1)

A falta de simpatia do Marechal para com a imprensa também foi manifestada em outros momentos relacionados ao casamento e, conseqüentemente, envolvendo a figura de Nair. Com uma redação posicionada de maneira crítica e contrária ao governo e à administração de Hermes da Fonseca, *O Imparcial* destacou alguns desses episódios. Ao noticiar a realização do almoço a bordo do *New Zeland* e a presença de Hermes junto de sua noiva, o jornal apontou um incidente ocorrido nessa ocasião, o qual teve como “causa involuntária a jovem escolhida do sr. Marechal” (*O Imparcial*, 19/10/1913, p. 2).

Ao aproximar-se da embarcação, Nair foi atingida por jatos de ar comprimido involuntariamente, pois estaria próxima das turbinas onde alguns funcionários trabalhavam, tendo, por isso, seu chapéu arrancado e seu penteado desarrumado. O jornal destacou que “o incidente não teve outra consequência para a gentil senhorita, mas o seu venerando noivo enfureceu-se, a ponto de perder a compostura que o seu cargo lhe imporia, quando a simples educação não o fizesse” (*O Imparcial*, 19/10/1913, p. 2). Apesar das desculpas terem sido direcionadas à Nair e sua figura ser descrita ao longo de toda a reportagem enquanto “gentil senhorita”, as críticas não foram poupadas ao seu noivo, tendo sido julgada a sua falta de postura e apontada a necessidade de maior discricção do mesmo “como noivo, e mais circunspecto como presidente da Republica, mesmo desta nossa” (*O Imparcial*, 19/10/1913, p. 2).

Além disso, *O Imparcial* apontava críticas à adoção de uma nova orientação do governo, a qual supostamente sofreria mudanças a partir do seu segundo casamento. A aliança e o contrato de casamento com a filha do barão de Teffé refletia em posicionamentos políticos e possíveis adequações, segundo o jornal, nas diretrizes políticas do presidente. Em um dos momentos onde a sucessão presidencial era pauta de discussões e até as orientações religiosas de Wenceslau Brás eram observadas, o jornal destacou que Hermes “desloca o seu eixo da família Fonseca, em cuja volta gravavam tantos e tão corajosos interesses do Exercito, que conseguiram abrir as portas do poder ao seu chefe, para a família Teffé, notoriamente monarchista e catholica” (*O Imparcial*, 17/09/1913, p. 2). Novamente a interferência da família da noiva foi apontada enquanto uma manobra a partir do casamento, utilizando sua figura e, dessa maneira, envolvendo-a nas articulações políticas do período e gerando reverberações na imprensa.

Da mesma forma, a questão financeira que envolveu os gastos com o casamento foram alvos de questionamentos. As dificuldades econômicas enfrentadas pelo país ao longo do quadriênio do Marechal foram narradas por Nair, especialmente quando da sua mudança para o Palácio do Catete, evidenciando o papel feminino ligado à administração das despesas relacionadas aos assuntos domésticos. Os assuntos domésticos, no entanto, nesse caso, eram os assuntos domésticos da Presidência da República, mesclando outra vez as fronteiras entre público e privado. Tomando consciência sobre as finanças do Palácio, a primeira dama lembra que a partir da concessão da “carta branca para agir” dada a ela por Hermes, sua “primeira providência foi dispensar ‘o sogra²⁷ [...]’ e “[...] daí em diante implantei um regime de economia” (FONSECA, 1974, p. 42).

Contudo, ainda antes dessa mudança para o Catete, envolvidos na organização do casamento, os gastos e o orçamento dispendido no mesmo foram alvo de críticas da imprensa. Em relação ao contrato das comidas para a cerimônia foram utilizadas, “mesmo em época de economias [...] comidas que mais de perto falem dos interesses nacionaes”, atitude que derivou comentários satíricos que evidenciavam que “foi mesmo para pagar essas comidas que o tio do venerado noivo fez a Republica” (*O Imparcial*, 03/12/1913, p. 2). Em outra edição do mesmo jornal, as acusações contra os gastos direcionados ao matrimônio partiram diretamente à figura da futura primeira dama. *O Imparcial* publicou, em matéria intitulada “A Camara vae pedir informações ao governo: Consequencias da recepção de mlle. Nair de Teffé a bordo do São Paulo”, questionamentos sobre a oferta daquela recepção e o motivo da mesma, indagando, ainda, quem seriam os responsáveis pelo pagamento das respectivas despesas e, “no caso de o serem pelos cofres publicos [...] por conta de que verba ou dotação orçamentaria foram effectuados?” (*O Imparcial*, 30/10/1913, p. 3).

Ainda sobre essa recepção organizada por Nair, outras notas circularam na imprensa, dentre as quais mencionavam sua posição e representação política a partir do contrato de casamento com o Presidente da República:

Seja qual for a respeitabilidade, o prestígio e a graça da família Teffé, não parece duvida que seus illustres membros não têm o direito de receber parentes e amigos, a bordo dos navios da esquadra e á custa dos cofres publicos. [...] É também impassível que a gentilíssima noiva do chefe do Estado, intelligente e

²⁷ O mordomo do Palácio do Catete nomeado durante o mandato presidencial de Hermes da Fonseca, denominado de “O Sogra”, também aparece em meio às articulações políticas do período. Segundo matéria do jornal *Correio da Manhã*, o mordomo era bastante estimado pelo Marechal, o qual buscava o proteger diante das críticas da imprensa (*Correio da Manhã*, 02/03/1913, p. 2). Além disso, em outra matéria, O Sogra foi associado a perseguições no Exército e a transferência do Capitão Mattos Costa de uma guarnição, o qual descreveu o mordomo a partir da declaração: “O Sogra é quasi o Estado...” (*Correio da Manhã*, 19/10/1913, p. 3).

arguta como é, não perceba o interecismo réles dos promotores destas inconcebíveis festanças, que estão compromettendo perante o paiz as sympathias que rodearam a sua mocidade e distincção, bem como a gravidade de sua illustre família. Não pode ficar esquecido o aspecto constitucional e protocollar desta lamentavel questão. A senhora do chefe de governo não tem direito a nenhuma representação official, conservando como esposa do presidente da Republica a mesma altíssima posição no seu lar, que não depende dos encargos políticos de seu marido. A situação de mlle. Nair de Teffé, em relação ao sr. marechal Hermes ainda não está definida por um acto legal e irrevogável. As festas publicas, as representações officiaes da graciosa *mademoiselle* não são apenas uma inconveniência social, mas tambem uma impertinencia política, que está surpreendendo desagradavelmente todo o paiz. (*O Imparcial*, 29/10/1913, p. 3)

Nesse contexto, a partir de declarações como essa é possível afirmar que o envolvimento de Nair com a política ao longo do período era constante e, suas ações, inclusive, julgadas pela imprensa. Sobre a mesma recepção, ainda, na mesma matéria o jornal destacou em uma pequena nota que a então noiva do presidente “escolheu a cor branca, com uma cinta verde, para serem pintados os navios da esquadra” (*O Imparcial*, 29/10/1913, p. 4). Em suas memórias, também sobre a cor dos navios da esquadra, ela lembra que, ao comparecer em uma solenidade no Itamarati durante o seu noivado, recebeu inúmeros elogios relacionados a sua vestimenta, “um vestido de cor marfim, com uma faixa azul elétrico na cintura”. Nair segue sua narrativa mencionando o quanto o Ministro da Marinha, Alexandrino de Alencar, havia gostado da cor de seu vestido e que, nos dias anteriores ao casamento, “mudaram a cor dos navios de guerra para branco marfim com uma faixa azul no costado” e, por conta disso, surgiram comentários direcionados a ela, dentre os quais a personagem destaca o imperativo: “Venham ver a mulher que mudou a cor da nossa Esquadra no dia do seu casamento!” (FONSECA, 1974, p. 35).

A confusão relacionada às cores de pintura dos navios pode ser um aspecto associado às subjetividades da memória e aos seus esquecimentos. No entanto, compreender sua narrativa individual torna-se importante a partir da concepção de que a mesma auxilia na compreensão de contextos mais amplos, ou seja, “não se esgotam nas singularidades individuais” (SCHMIDT, 1996, p. 183). A importância sobre a alteração das cores da esquadra, portanto, evidencia aspectos do capital social acumulado pela personagem, assim como sua notoriedade e, conseqüentemente, a influência da mesma sobre aspectos que poderiam parecer banais.

Dado o contexto, após o casamento, sua interferência e a aproximação com o contexto político foi estreitada. Relacionado à declaração do Estado de Sítio pelo Marechal, por exemplo, como mencionado anteriormente, no início de 1914 na imprensa

veiculavam especulações sobre as motivações do recuo do governo em relação à aprovação da medida. Dentre as diferentes hipóteses: “affirmam uns que o sr. Pinheiro Machado queria o estado de sítio e fora contrariado pelo marechal, por se haver oposto á medida mme. Nair da Fonseca, nesse sentido aconselhada pelo senador barão de Teffé” (*A Epoca*, 31/01/1914, p. 3). Ainda que essa fosse apenas uma hipótese, a partir da mesma é que seu nome chegou até as páginas da imprensa da capital enquanto uma possibilidade de demonstração de influência sobre as ações políticas dos homens que a cercavam.

Já após o final do mandato de Hermes da Fonseca enquanto presidente, a figura de Nair ainda circulou na imprensa em outros momentos de efervescência política. Na década de 1920, portanto, novamente seu nome estava estampado nos jornais da capital federal. Após terem passado alguns anos na Europa, dada a necessidade de tratamento decorrente de um acidente que Nair sofreu em 1915, o casal retorna ao Brasil. Em relação a esse retorno, ela narrou em suas memórias: “Algo estranho começou a acontecer e o Marechal manifestou vontade de regressar. [...] Não sei até hoje se foi chamado ou esteve com algum emissário. Fato é que insistiu para voltar ao Brasil” (FONSECA, 1974, p. 76). A personagem ainda comenta que por conta dessa volta, preocupou-se com a “fogueira política do Brasil, a qual voltaria a queimar novamente o Marechal em campanhas eleitorais, tirando o nosso sossego [...]” (FONSECA, 1974, p. 77). Apesar disso, as recepções lhes foram bastante acaloradas.

Retornando ao Brasil, missas de ação de graças foram celebradas para o casal, destacando a presença de “algumas dezenas de famílias e cavalheiros, entre os quaes se encontravam os Srs. Senador Azeredo e deputado Paulo de Frontin” (*A Noite*, 11/11/1920, p. 5), sendo esse último bastante próximo de ambos desde o quadriênio do Marechal na presidência. Além disso, manifestações de apreço popular também partiram das visitas realizadas por Hermes e Nair à Villa Marechal Hermes, na qual situava-se a escola que levava o nome da então ex primeira dama. Nair lembra que “O Marechal Hermes deixou o governo sem os aplausos populares, mas retornava ao Brasil cercado da maior manifestação pública que recebeu em toda a sua vida” (FONSECA, 1974, p. 80), aspecto percebido visto que ambos foram recepcionados por dezenas de pessoas nessa ocasião (Figura 5) e, as professoras da escola, em sinal de admiração por Nair, “offertaram então um lindo ramalhete de flores naturaes” à ela, além das homenagens prestadas ao ex-presidente (*Gazeta de Notícias*, 13/12/1920, p. 3).

Figura 5 – Visita do casal à Vila Marechal Hermes em 1920



Fonte: *Fon-Fon*, 18/12/1920, p. 17

A partir da imagem acima, portanto, notamos a popularidade do casal em determinadas regiões, dado o grande contingente de pessoas reunidas, especialmente em locais como a chamada Vila Proletaria Marechal Hermes. Na parte inferior da imagem, ainda, percebe-se a presença, em torno de Hermes e Nair, do Inspector Escolar do 16º Districto, Dr. Gustavo Barroso, da diretora do estabelecimento, D. Isabel Panasco B. de Menezes, bem como discentes da escola que levava o nome em homenagem à primeira dama, evidenciando esses aspectos (*Fon-Fon*, 18/12/1920, p. 17).

As recepções que partiram das classes armadas também foram variadas. A maior parte da atenção, nesse caso, estava voltada ao Marechal, dada a sua longa tradição com o Exército. No entanto, em um banquete oferecido no Palace Hotel, organizado pelo Exército e pela Marinha, uma imagem chama atenção e, justamente, pela presença de apenas uma mulher: Nair de Teffé (*Gazeta de Notícias*, 03/06/1921, p. 1). Ainda que o foco da manchete tenha sido a figura masculina, a imagem, por outro lado, possibilita uma percepção diferente ao coloca-la no centro e destaca-la a partir de sua vestimenta contrastante com os demais presentes, todos homens e com uniformes militares.

Figura 6 – Matéria sobre o banquete oferecido pelas classes armadas ao casal

O marechal Hermes e as classes armadas

BANQUETE OFFERECIDO HONTEM NO PALACE-HOTEL

A recepção - Manifestações populares

Excluiu-se hontem, ás 9 horas da noite, no salão terço do Palace Hotel, o grande banquete oferecido ás classes armadas, pelo Sr. marechal Hermes da Fonseca e Mme. Nair.

Em frente ao Palace, foram armadas duas coreias, onde tocaram duas bandas de musica militar, uma do Exército e outra de Marinha.

Muito antes da hora annunciada para o banquete, encheo-se a multidão que estacionava na avenida, nas proximidades do hotel, constantemente proclamando o nome do marechal.

Em vista da insistencia popular, o Sr. Nair, resolveo a chegar á porta principal do hotel, onde em flegra, allucioo agradeceu a manifestação que o novo desta cidade, vinha do banquete.

O Banquete

As 9 horas, pelo braço do Sr. marechal Bento Ribeiro, Mme. Hermes da Fonseca dava entrada no salão de banquetes. Logo após succedeo o grande numero de convidados, que com excepção unica dos representantes da imprensa local, pertenciam todos ao Exército e á Marinha Nacional. Ahi se encontravam o que ás mesmas classes armadas tem do mais representativo.

Marcheões, almirantes, generaes, coronels e varios centenas de officios superiores e subalternos se achavam distribuidos pelas duas mesas que enchem o vasto salão terço do banquete.

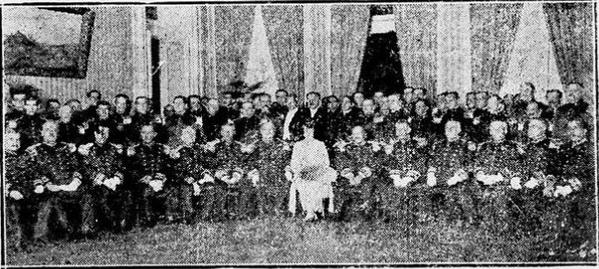
As costas da mesa principal tocava legar o Sr. marechal Hermes, deita á direita com Mme. Nair da Fonseca, e á esquerda o Sr. marechal Bento Ribeiro. Distribuiamse pelas demais mesas.

Republica, interrompido a grande por fervorosas applausos, terminou entre palmas e entusiasmadas acclamações.

Fala o Marechal Bento Ribeiro

Seguiu-se com a palavra o marechal Bento Ribeiro, que em nome das classes armadas, saudou a

tuição nacional, em meio a clica politica e luctuosas circumstancias de diversa affirmações de direitos heres, uma como torrente de revoluções. Nair, como hoje, realçou portanto não evadindo a necessidade da Patria forte, e o Indio dessa fortaleza é dado pelo Exército, que é a moeda da patria. Nair, como hoje, centro no evadencia não promete a obrigação os torças armadas se se merecem



No salão do Palace-Hotel antes do banquete, vendo-se o marechal Hermes e Mme. Nair da Fonseca entre os convidados

Fonte: *Gazeta de Notícias*, 03/06/1921, p. 1

Ainda em relação às classes armadas, outra recepção importante para compreender o contexto de retorno do casal ao país diz respeito ao Club Militar, sendo manchete da imprensa que: “grande era o numero de officiaes do Exército e famílias que aguardavam no Club Militar a chegada do marechal Hermes” (*Gazeta de Notícias*, 05/11/1920, p. 1; p. 2). Nas memórias de Nair, essa recepção também foi narrada. A personagem lembra que “Quando passamos pelo Clube Militar, o ministro Pandiá Calógeras fez sinal para parar e dirigiu-se ao Marechal: - Fostes eleito, por unanimidade de votos, Presidente do Clube Militar!” (FONSECA, 1974, p. 80). Essa eleição delinear a o retorno mais forte da política nacional e suas articulações na vida de ambos, sendo lembrada por Nair quando ela menciona: “Não gostei. Confesso que as palavras ‘eleito presidente’ deixaram-me profundamente preocupada. [...] aquela eleição importava na reabertura de velhas feridas já cicatrizadas [...]” (FONSECA, 1974, p. 80).

Nesse contexto, em sua narrativa ela menciona a percepção do Marechal sobre sua preocupação, mencionando a interpelação do mesmo quando a questionou: “Você parece que não gostou da minha eleição para a Presidência do Clube Militar” (FONSECA, 1974, p. 81). A personagem, todavia, lembra que sua insatisfação e a preocupação iminentes dessa situação estavam relacionadas igualmente com as aproximações e alianças políticas em busca de vantagens, destacando que no contexto das eleições de 1922, “todo mundo queria sair do ‘bolso do colete’ de Epitácio e segurar-se nas dragonas do Marechal

Hermes” (FONSECA, 1974, p. 95). Dentre essas aproximações, a mais presente nas memórias de Nair refere-se a uma figura pela qual a personagem já nutria desgostos passados: o senador Ruy Barbosa.

Em uma das recepções realizadas ao casal, Nair lembra de um diálogo com Paulo de Frontin, seu “primo e amigo íntimo”, no qual ela o questionou:

- Dr. Paulo, que negócio é esse? O senhor é nosso amigo ou amigo do Ruy Barbosa? Não gostei de saber que o senhor está de amizade com um inimigo do Marechal.

Com um riso amargurado e incisivo, respondeu-me:

- Nair! Político não tem amigos! Só temos amigos enquanto estamos mandando e podemos servi-los. (FONSECA, 1974, p. 85)

Entretanto, a relação entre o Marechal e Ruy Barbosa também sofreu alterações, considerando o contexto eleitoral da década de 1920. Buscando articular-se em uma nova candidatura, Ruy estava em busca de alianças políticas e, por conta disso, aproximou-se de Hermes, estando presente em momentos importantes, como quando da posse do mesmo na diretoria do Clube Militar. Nair, entretanto, não parecia aceitar tão tranquilamente essas tentativas de aproximação, especialmente quando consciente da presença do senador nessa ocasião, manifestando sua indignação e lembrando do quanto as acusações direcionadas ao Marechal também lhe eram sentidas:

- Bem, se ele for, eu não vou!

- Nair, não ligue. Ele é político. Era amigo do meu tio Deodoro. Naqueles tempos chegamos a ser amigos.

- Não sou política! Não tenho que aguentá-lo. Eu não vou.

- Não faça isso. Isso é feio! Será uma desfeita aos meus amigos e camaradas de armas.

Em Petrópolis, o Marechal falou com os meus pais do meu propósito. Ambos procuraram demover-me da minha rebeldia. Concordei então da seguinte maneira:

- Se ele for eu não falarei com ele.

Sempre tive verdadeira ojeriza das pessoas que criticavam o Marechal. Quando ainda na Presidência da República, várias vezes, vetei e risquei nomes de pessoas nas solenidades oficiais só porque faziam oposição ao Marechal. (FONSECA, 1974, p. 90)

Na ocasião da posse no Club Militar, ela lembra ainda que Ruy Barbosa veio até o Marechal cumprimenta-lo e dar-lhe um abraço, oportunidade na qual ela o questionou: “Como é que o senhor pode agora dizer isto do Marechal, depois de tudo que já disse?”, referindo-se ao discurso proferido anteriormente pelo senador onde a figura de Hermes fora largamente elogiada. Em resposta, Ruy Barbosa lhe disse: “Estou hoje aqui, cativo e lisonjeado, e não seria ilítico deixar de reatar de público as relações de amizade com o Marechal, a quem pessoalmente muito admiro, inclusive a ilustre família Teffé” (FONSECA, 1974, p. 93). Apesar disso, Nair descreveu em suas memórias que “O ‘eterno

candidato' Ruy Barbosa tinha reatado relações de amizade com o Marechal, de maneira pública, na esperança de ser apoiado por ele" (FONSECA, 1974, p. 94), referindo-se à sucessão presidencial de 1920 e apontando o caráter interesseiro dessas atitudes.

Sobre o contexto das eleições de 1920 envolvendo as candidaturas de Nilo Peçanha e Artur Bernardes, o Marechal Hermes da Fonseca também teve protagonismo, especialmente no episódio conhecido como o das cartas falsas veiculadas pela imprensa, como mencionamos no primeiro capítulo. Nesse sentido, envolvendo tal cenário político, as prisões de Hermes da Fonseca e a revolta dos tenentes em 1922, Nair não se manteve em silêncio – tanto ao longo dos acontecimentos quanto após, quando escreve sobre os mesmos. Relacionado ao episódio das cartas falsas, Nair deu uma entrevista à imprensa, explicitando que “o boato não tem o menor fundamento, pois, o Sr. Marechal não dirigira, nem com a sua responsabilidade, e muito menos como presidente do Club Militar, carta de espécie alguma ao Sr. Dr. Epitácio Pessoa”. Na mesma matéria, o jornal destacou:

Finalizando a sua palestra conosco, Mme Nair Fonseca frisou que estava autorizada por seu esposo a fazer-nos estas declarações, pois, tendo o Sr. marechal Hermes sahido do “vilino”, a passeio matinal, havia autorizado a sua Exma. esposa a fazer essas declarações, caso lhe fossem pedidas. (*O Combate*, 27/04/1922, p. 1)

Tivesse a fala autorizada ou não pelo marido, ela manifestava-se. Quando da declaração da prisão de Hermes, ela narrou em suas memórias o diálogo que teria estabelecido com o esposo momentos antes: “- Nair, vá para Petrópolis. Fique junto de seus pais. – Vou com você, dê no que der” (FONSECA, 1974, p. 103), mantendo-se ao lado dele. Na imprensa, da mesma forma, sua presença foi pontuada quando da chegada ao quartel do 3º Regimento: “A Sra. Hermes da Fonseca acompanhou o Sr. marechal Hermes até o quartel, onde foram todos recebidos pelo commandante interino do corpo, tenente-coronel Severiano Ribeiro” (*O Paiz*, 03/07/1922, p. 2). Na mesma ocasião, quando da movimentação para que fosse efetuada a prisão de Hermes, o marechal Botafogo ficou responsável por leva-lo ao quartel. Dada a companhia de Nair junto ao marido, assim como sua indignação pelo fato, ela se dirigiu ao marechal Botafogo dando-lhe o que a imprensa chamou de “uma resposta digna da Sra. Hermes da Fonseca”, a partir do ocorrido:

Ao chegar áquelle edificio, o marechal Botafogo ponderou:
- Aqui se formaram bellos e altos caracteres.
Mme. Nair da Fonseca retrucou:
- É bem possível... Foi aqui que o marechal Hermes formou o seu.
E depois, prosseguindo com fina ironia:
- E V. Ex. marechal Botafogo, onde teria formado o seu? (*O Imparcial*, 04/07/1922, p. 12)

Além disso, relacionado ao episódio da prisão e da liberação de Hermes pelo presidente da República, Epitácio Pessoa, antes do prazo previamente determinado, inúmeras foram as manifestações de apoio ao mesmo, inclusive de outras mulheres como a professora Leolinda Daltro, amiga da primeira esposa do Marechal. Leolinda declara sua solidariedade à Hermes, reiterando em seu discurso que era “lamentável a situação actual do paiz” e, posiciona-se narrando:

Se os homens têm medo senão sabem castigar o judas que tem traído o paiz, que apelem para as mulheres, pois estas não supportariam tanta oppressão, tantas humilhações, tamanho desprezo, se dellas fosse a responsabilidade da direcção dos negócios publicos. (*O Imparcial*, 04/07/1922, p. 1)

A condição feminina, portanto, é colocada em pauta. Alguns anos depois, Nair iria se posicionar sobre tal aspecto. Contudo, ainda em relação aos episódios de 1922, quando da ocorrência da revolta no Forte de Copacabana, ela lembra que Hermes negou seu pedido para que ela pudesse lhe acompanhar, deixando-a na casa de Elvira Dodsworth, sua prima, para que ela pudesse ficar próxima aos acontecimentos. Nesse contexto, Nair lembra: “Foram horas horríveis naquele casarão, sem ter com quem falar. Cada tiro do Forte, Elvira tremia de medo” (FONSECA, 1974, p. 107). Alguns dias depois, Nair lembra de ter recebido uma carta onde lia: “Minha querida amiga: És muito jovem para ficares presa a um homem que teve a sua carreira interrompida e liquidada. Por isso te devolvo a liberdade. Segue teu caminho, pois mereces o bem” (FONSECA, 1974, p. 108). A partir desse recado, a personagem lembra de suas movimentações para ir ao encontro de Hermes, reiterando que “se alguma coisa acontecer ao Marechal, Epitácio e o Ministro da Marinha serão responsabilizados publicamente pela morte dele” (FONSECA, 1974, p. 108). Através da influência de seu pai, Nair conseguiu permissão para visitar Hermes diariamente na prisão, acompanhando-o até a sua liberdade e, quando essa ocorreu, ela lembra que “O Marechal Hermes ficou verdadeiramente traumatizado pelo choque moral de consequências físicas com o movimento de 5 de julho de 1922, pelas perdas de vidas, danos materiais e as prisões de velhos e jovens companheiros” (FONSECA, 1974, p. 116).

Honrando a promessa de casamento que previa a união “até que a morte os separe”, Nair esteve ao lado de Hermes até o momento do falecimento do mesmo, pouco tempo depois, em 1923. Suas memórias e escolhas pessoais limitaram sua narrativa até esse acontecimento, quando a personagem destacou que “A morte poupou-lhe a humilhação de ser julgado. Fora anistiado por Deus, levando no peito a minha fotografia, cuja dedicatória tem sido a síntese de minha vida: Com o amor de Nair” (FONSECA,

1974, p. 118). A partir dessa perda, portanto, as páginas da imprensa carioca já não a representaram mais na mesma intensidade. No entanto, sua participação política, sua notoriedade social e importância no meio artístico e aristocrático da época não a deixaram só. Nesse contexto, em sua vida pública destaca-se a entrevista concedida por Nair ao *Jornal de Petrópolis* em 1924, onde “pela primeira vez, após o falecimento de seu esposo, Nair vinha a público para analisar um assunto tão palpitante: a participação da mulher na vida política brasileira” (SANTOS, 1999, p. 71). Nessa entrevista foram elaboradas seis questões: 1) É pela entrada da mulher na política?; 2) Até que ponto?; 3) O nosso meio social está preparado para isso?; 4) Disso advirão vantagens para o país?; 5) E não haverá inconvenientes? E, por fim, 6) Não seria melhor que a mulher brasileira continuasse na sua função de mãe e de preceptora dos brasileiros?

A todas as perguntas, suas respostas se delinearam a favor da condição feminina e dos direitos pelos quais muitas mulheres vinham lutando desde o século XIX, como a questão do sufrágio (apesar de, em sua primeira resposta, revelar sua inicial posição contrária à questão). Contudo, já no segundo quesito a própria entrevistada ressaltou que: “A posição vexatória em que os países sul-americanos colocaram a mulher, desde que se tornaram livres, negando-lhes até o direito de voto na eleição dos seus ‘Lycurgos’, tende, dia-a-dia, a desaparecer por completo” (SANTOS, 1999, p. 70). Ou seja, percebemos o gradual alinhamento de Nair à expansão das ideias feministas, apesar de ainda nesse período as mulheres não possuírem direito ao voto no Brasil. Além disso, a orientação do jornal ao entrevistá-la e questionar uma ex-primeira dama sobre a questão das mulheres na política também revela a importância de sua opinião no ambiente público do período.

Em outra entrevista, também versando sobre o feminismo e a conquista do voto pelas mulheres, o escritor da *Revista da Semana*, Basílio de Magalhães, publica um trecho da carta que Nair havia o endereçado em dezembro de 1924, na qual lia-se:

E lembro-me agora da frase de um norte-americano illustre, ao qual, exaltada, eu expuzera a questão palpitante do feminismo, e que, em tom calmo, me disse: “Eu quizera saber aonde é que vae chegar... *Egualar* as mulheres aos homens? Mas eu sempre julguei que a mulher nos fosse superior! Ahi está porque a grande republica norte americana é hoje o expoente do progresso no mundo cultural. Emquanto isso, no Brasil, para vergonha nossa, a mulher politicamente não passa de escrava teúda e manteúda...” (*Revista da Semana*, 20/12/1924, p. 30).

Assim, a partir dessa declaração podemos perceber as influências exteriores que a marcaram não apenas nesse assunto, mas em toda a sua trajetória. Sua formação

educacional com influência europeia – destacadamente francesa²⁸ – refletia em suas concepções sobre as atitudes e condutas femininas. Nessa perspectiva, em relação à condição das mulheres naquela sociedade, Nair deu outras entrevistas, inclusive antes do casamento, demonstrando o vocabulário formado a partir de inúmeras expressões relacionadas à moda francesa, por exemplo. Em entrevista ao jornal *A Imprensa*, em 1911, foi solicitado à artista que comentasse sobre aspectos considerados pertinentes para a elegância feminina e as posturas indicadas as mesmas, assunto sobre o qual comentou: “Como quer *A Imprensa* que uma caricaturista defina a elegância, si o seu officio é exagerar, deformar mesmo os typos mais elegantes? A questão é delicadíssima” (*A Imprensa*, 25/04/1911, p. 3).

Fosse para falar das condutas e da elegância femininas ou das personalidades políticas de sua época, suas caricaturas fizeram sucesso. Estampando a artista francesa Réjane ou os políticos Nilo Peçanha e Artur Bernardes, as caricaturas de Rian também foram parte importante de sua trajetória na política. Dessa maneira, a partir do exposto até aqui, buscamos contextualizar um pouco o leitor e a leitora acerca da trajetória de Nair de Teffé Hermes da Fonseca em meio ao ambiente político da Primeira República. Buscamos, ainda, demonstrar as diferentes maneiras de atuação da personagem em meio aos variados campos sociais a que teve acesso e, paralelo a isso, visamos apresentar um pouco de quais foram algumas das memórias por ela selecionadas sobre os acontecimentos da época, intencionando compreender quais foram suas escolhas narrativas, tanto sobre os ambientes públicos quanto privados. A partir disso, portanto, esperamos que essa pesquisa colabore com a construção de uma concepção que seja capaz de associar a trajetória e a história das mulheres, como a de Nair, às três primeiras palavras desse capítulo, as quais, coincidentemente, são também substantivos femininos.

²⁸ Essa relação foi exemplificada a partir da condecoração que Nair recebeu do governo francês enquanto Oficial de Instrução Pública daquele país (*O Imparcial*, 10/11/1913, p. 7). Em relação à atribuição desse título à filha, o Barão de Teffé deu uma entrevista onde declarou que acreditava que tal atitude havia partido da generosidade do Sr. Lalande, ministro francês e amigo íntimo da família. O Barão completou ainda: “Como sabe, Nair, filha de um amigo ex-diplomata, sempre conviveu e convive entre os nossos e os diplomatas estrangeiros, cultivando relações íntimas com suas Exmas. esposas e filhas”, evidenciando o caráter de importância dos capitais sociais cultivados pela família e as redes de sociabilidade em que estava inserida a família Teffé. Além disso, ao final da entrevista ele completou: “O Sr. de Lalande, conhecendo-a e admirando os seus méritos, poz o seu governo a par do talento de Nair, a quem, envés de ser conferidas as ‘Palras Academique’, foi distinguida com a nomeação de official de Instrução Publica, honra que só se dá a literatos e a homens de notavel valor” (*A Noite*, 10/11/1913, p. 1), demonstrando o quanto, para uma mulher, tal atitude era distintiva.

Considerações finais

Do emaranhado aos fios e de um dos fios à outras perspectivas sobre o emaranhado. A partir da apresentação e da análise individual da trajetória de Nair de Teffé, buscamos demonstrar outras possibilidades de leitura acerca do período da Primeira República. A incorporação da voz feminina em uma narrativa elaborada por suas práticas de memória e a contraposição desse relato com a imprensa do período, visando observar as subjetividades das lembranças narradas e as suas escolhas, foram as bases que guiaram as páginas anteriores.

Ainda que lido tradicionalmente através das trajetórias e articulações políticas protagonizadas por figuras masculinas, o contexto da Primeira República também pode ser compreendido a partir de vozes e trajetórias femininas, por vezes pouco lembradas. No entanto, sem a intenção de generalizar aspectos importantes à História das Mulheres, como a interseccionalidade, considerar os recortes necessários também foi uma preocupação. A análise da trajetória política de Nair de Teffé envolveu a compreensão de sua formação social, intelectual e educacional em meio às elites aristocráticas da virada do século XIX para o século XX. Sua circulação nesses ambientes públicos, as redes de sociabilidade em que ela estava inserida e as aproximações e amizades que estabelecia também foram influenciadas por seu contexto e posição sociais.

Dessa maneira, localizando-a historicamente, a compreensão de seu papel e das suas ações enquanto primeira dama foram objeto de análise do presente trabalho. No entanto, sua trajetória política também foi elaborada antes da ocupação desse cargo. Enquanto artista e primeira mulher caricaturista a publicar na imprensa brasileira, suas expressões no campo artístico também delinearam alguns de seus posicionamentos.

No primeiro capítulo, portanto, foi apresentado um panorama sobre o contexto político da Primeira República que se refere ao recorte temporal analisado nesse trabalho, sendo esse de 1910 a 1922. Compreendendo os processos que envolveram as articulações políticas, as corridas pela sucessão presidencial e as alianças firmadas entre os principais partidos e figuras masculinas do período, buscamos demonstrar um pouco mais sobre a caracterização do cenário tanto regional – a partir do estado de origem do Marechal, sendo esse o Rio Grande do Sul – quanto nacional. Paralelamente, foram apresentadas as alianças políticas a favor e contra o governo de Hermes da Fonseca, destacando a figura de Ruy Barbosa e a campanha civilista, a qual caracterizou-se enquanto uma de suas maiores frentes de oposição.

No mesmo sentido, através da utilização da literatura, ainda no primeiro capítulo, contrapontos foram estabelecidos com os relatos memoriais reunidos por Nair, visando elucidar de que maneira as ações e movimentações políticas do período eram retratadas por escritores da época. Destacaram-se as críticas à administração presidencial de Hermes da Fonseca, bem como aspectos sociais, econômicos e políticos de seu mandato, como as declarações de Estado de Sítio e a censura aplicada à imprensa. Além disso, a partir de uma breve análise sobre a trajetória da primeira esposa de Hermes da Fonseca, Orsina da Fonseca, buscamos apresentar um pouco sobre suas ações, relações sociais e, conseqüentemente, foram encontradas lacunas envolvendo o estudo de trajetórias relacionados às primeiras damas, dadas as poucas produções encontradas sobre a mesma. Dessa maneira, um panorama familiar também foi observado, evidenciando as relações já estabelecidas, antes mesmo do contrato do segundo casamento, entre as famílias Fonseca e Teffé. Por fim, ainda em relação ao contexto histórico, foram delineados alguns dos acontecimentos políticos envolvendo Hermes da Fonseca após o seu mandato presidencial, especialmente em relação aos levantes tenentistas ocorridos em 1922. De 1913 à 1922, dessa maneira, evidencia-se a figura da segunda esposa, Nair de Teffé, enquanto sua fiel admiradora e, conseqüentemente envolvida nos acontecimentos políticos de ambos os contextos, a maior defensora das ações do marido.

Já no segundo capítulo os esforços foram voltados para a apresentação e descrição da trajetória e da formação social de Nair de Teffé. Apresentando aspectos de sua infância, juventude e vida adulta, foram possíveis de serem delineadas algumas das influências que a cercaram – tanto no período estudado nessa pesquisa, o da Primeira República, quanto no momento em que ela escreve suas memórias, já na década de 1970. Apresentamos um pouco sobre a narrativa que a personagem desenvolve acerca de seu pai, uma das figuras mais recorrentes em suas memórias, e a maneira com que as posições do mesmo também a influenciaram em atitudes, posicionamentos e, ainda, na ocupação de determinados espaços sociais.

Além disso, no segundo capítulo foram abordados aspectos sobre a formação artística de Nair de modo mais específico, evidenciando-a enquanto a primeira mulher caricaturista a publicar no Brasil e o quanto esse pioneirismo relacionou-se com o ambiente político da época. Paralelamente foram demonstradas algumas de suas relações pessoais e sociais, destacadamente com a figura do senador Pinheiro Machado, amigo próximo da família Teffé, mas também com o Barão do Rio Branco, com seu primo Paulo de Frontin e, conseqüentemente, com seu futuro marido, o Marechal Hermes da Fonseca.

A partir da realização do casamento, portanto, Nair foi envolvida de maneira mais direta aos acontecimentos políticos da Primeira República. Esses envolvimento e as consequências dos mesmos, foram abordados no terceiro capítulo.

Refletindo sobre as características relacionadas à uma escrita de si, no terceiro capítulo analisamos aspectos presentes nas memórias de Nair, reunidas no livro *A Verdade sobre a Revolução de 22* (1974). Compreendendo a importância de uma leitura atenta às subjetividades, às escolhas narrativas e aos possíveis apagamentos da memória, buscamos analisar alguns dos episódios em que sua trajetória política era constituída, elaborada e conseqüentemente, criticada. Da mesma forma, visando contrapor essa narrativa com outras fontes, foram analisadas as ocorrências de menções à Nair de Teffé nos jornais da imprensa do Rio de Janeiro entre 1910 e 1922, dentre os quais estão: *O Combate, A Imprensa, A Epoca, A Noite, A Noticia, A Tribuna, Correio da Manhã, Fon-Fon, Gazeta de Notícias, Jornal do Brasil, O Imparcial, O Jornal, O Paiz e Revista da Semana*.

A partir da análise desses materiais foi possível perceber as diferentes formas que a figura da primeira dama foi representada e, assim como quando suas ações foram levadas para o âmbito das discussões nos *Anais do Senado Federal* em 1914, foi possível observar a maneira com que os discursos masculinos, primordialmente, versavam sobre ela e suas ações. Também foram apresentadas algumas das relações que Nair mantinha naquele contexto, visando compreender quais eram as redes de sociabilidade em que ela estava imersa, destacando nesse caso a recorrência às figuras masculinas em sua narrativa.

Nesse sentido, enquanto mulher, o ambiente político muitas vezes lhe apresentou limites. No entanto, ainda que tradicionalmente encarada a partir da função de primeira dama, sendo essa concebida enquanto mera coadjuvante naquele cenário, Nair também fez suas escolhas e agiu politicamente (racional ou emocionalmente) em seu contexto. Assim, já em 1974 ela escreveu: “É possível que amanhã outros historiadores [...] venham dizer que eu também analisei, narrei e vi os fatos com veneração ao Marechal Hermes” (FONSECA, 1974, p. 107). O presente trabalho, a partir das análises metodológicas realizadas, da busca por outras fontes e das leituras propostas, ocupa um lugar de confirmação dessa fala. Sua escrita foi percebida, em inúmeros momentos, enquanto envolvida pelo afeto e pelo carinho dedicados a figura de Hermes. No entanto, ao longo dessa pesquisa também buscamos evidenciar o quanto sua trajetória individual foi cercada por outras influências e, ao ocupar a função de primeira dama ao lado do Marechal, Nair desenvolveu distintas formas de participação e envolvimento com a política da época.

Logo, o casamento, acontecimento que ocupou grande parte das páginas de suas memórias – e também desse trabalho – foi um aspecto importante na construção de sua trajetória política.

Assim, não restringindo-se apenas à ocupação de espaços e papéis que lhe eram tradicionalmente postos, à sua maneira, ela se posicionou e atuou politicamente. Com todas as suas subjetividades e afetos, buscamos apresentar um pouco da trajetória de uma mulher que, fosse enquanto primeira dama, enquanto caricaturista ou enquanto primeira dama e caricaturista, também elaborou sua própria trajetória política em um contexto expressivamente masculino. Nas memórias, ela lembrou, em um diálogo, da sua frase: “Mas, eu serei uma senhora importante. Vou ser muito importante. ‘Very important’” (FONSECA, 1974, p. 71). Por conta disso, esperamos que esse trabalho, além de colaborar nas leituras sobre a Primeira República, seja um impulso para que sejam consideradas, cada vez mais, as importâncias das trajetórias femininas e as perspectivas trazidas por elas para as compreensões sobre diferentes momentos históricos.

Referências bibliográficas:

- ABREU, Martha; GOMES, Angela de Castro. A nova ‘Velha’ República: um pouco de história e historiografia. **Revista Tempo-UFF**, 19 (35): p. 1-14, 2009.
- ANGELI, Douglas. BOMBARDELLI, Maura. A minha presença nesta Casa: a trajetória política de Suely de Oliveira (1945-1964). In: ALMEIDA, Diego Orgel Dal Bosco. BOMBARDELLI, Maura. TORRES, Anderson Vargas. (org.). **Trajetórias políticas no trabalhismo no Rio Grande do Sul. (anos 1940-1960)**. Passo Fundo: Acervus, 2022, p. 199-220.
- BARRETO, Lima. **Numa e a Ninfa**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956.
- BARRETO, Lima. **Os Bruzundangas**: incluindo outras histórias dos Bruzundangas. São Paulo: Ática, 1985.
- BARRETO, Lima; SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). **Contos completos de Lima Barreto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- BONNEWITZ, Patrice. **Primeiras lições sobre a sociologia de Pierre Bourdieu**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. [trad. Fernando Tomaz]. Coleção Memória e Sociedade. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína (Org.) **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 183-191.
- CALDWELL, Kia Lilly. Fronteiras da diferença: raça e mulher no Brasil. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 1-18, 2000.
- CAMPOS, Maria de Fátima Hanaque. **Nair de Tefé**: artista do lápis e do riso. Curitiba: Appris, 2016.
- CARLONI, Karla. Rosalina e Helena: o corpo da mulher branca emancipada no Rio de Janeiro da década de 1920 pelas lentes da literatura de Benjamin Costallat. In: CARLONI, Karla. MAGALHÃES, Livia (org.). **Mulheres no Brasil Republicano**. Curitiba: CRV, 2021, p. 21-41.
- CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento . **Estudos Avançados**, [S. l.], v. 17, n. 49, p. 117-133, 2003.
- CHAGAS, Mario. Nair de Tefé: Uma mulher entre a arte e a política. In: ASSIS, Maria Elisabete Arruda de. SANTOS, Taís Valente dos. (org.). **Memória feminina: Mulheres na História/História das mulheres**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Editora Massangana, 2016, p. 58-65.
- CHARTIER, Roger. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 7, nº13, p. 100-113, 1994.
- CORADINI, Odaci Luiz. **“Grandes famílias” e elite “profissional” na medicina no Brasil**. Cadernos de ciência política (série: pré-edições), Porto Alegre, UFRGS/PPGCP, n. 2, 1995.
- COUTINHO, Amélia. Jose Joaquim Seabra. In: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. **Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro**. Disponível em: <https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jose-joaquim-seabra> Acesso realizado em 11/09/2022.

DAL FORNO, Rodrigo. **“Como se em política fosse possível agir sem manha, sem o senso de oportunidade”**: o processo de formação e atuação do Partido Libertador e suas lideranças no Brasil Republicano (1922-1933). 2020. Tese (Doutorado) - Programa de Pós Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Quotidiano e Poder. In: DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. 2ª ed rev. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 13-67.

DIGITAL, Biblioteca Nacional. **Personalidades: Laurinda Santos Lobo, a “marechal da elegância”**. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/personalidades-laurinda-santos-lobo-a-marechala-da-elegancia/> Acesso realizado em: 30/08/2022.

FREIXO, Bárbara. É pelas mulheres brasileiras! Os sufragismos da poetisa Gilka Machado durante a Primeira República. In: CARLONI, Karla. MAGALHÃES, Lívya (org.). **Mulheres no Brasil Republicano**. Curitiba: CRV, 2021, p. 75-92.

GALETTI, Camila Hildebrand. SIMILI, Ivana Guilherme. Mulheres, casamento e política: a artista e primeira dama Nair de Teffé. **Revista CDHIS**, Uberlândia, v. 26, n. 1, p. 129-151, jan./jun. 2013.

GRIJÓ, Luiz Alberto. **Origens sociais, estratégias de ascensão e recursos dos componentes da chamada “Geração de 1907”**. Porto Alegre: UFRGS. Dissertação (Mestrado em Ciência Política). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

GRIJÓ, Luiz Alberto. **Ensino Jurídico e Política Partidária no Brasil: a Faculdade de Direito de Porto Alegre (1900-1937)**. Rio de Janeiro: UFF, 2005. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2005.

GOMES, Angela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Angela de Castro (org.) **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 7-24.

GUEDES, Cíça. MELO, Murilo Fiuza de. **Todas as mulheres dos presidentes – a história das primeiras damas desde o início da República**. Rio de Janeiro: Máquina dos Livros, 2019.

HAHNER, June E. **A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: (1850-1937)** São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

HEINZ, Flávio Madureira. (org.). **Por outra história das elites**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo**. Políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

IBGE. **Recenseamento Geral do Brasil em 1872 – (Quadros gerais)**. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv25477_v1_br.pdf Acesso realizado em 13/10/2022.

KARAWEJCZYK, Mônica. **As filhas de Eva querem votar: dos primórdios da questão à conquista do sufrágio feminino no Brasil (c.1850-1932)**. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Porto Alegre, 2013.

LETRAS, Academia Brasileira de. Coelho Neto. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/coelho-neto> Acesso realizado em: 30/08/2022.

- LETRAS, Academia Brasileira de. Artur Azevedo. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/artur-azevedo> Acesso realizado em 30/08/2022.
- LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína (Org.) **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 167-182.
- LOVE, Joseph. **O regionalismo gaúcho e as origens da Revolução de 1930**. [tradução: Adalberto Marson] Coleção Estudos. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975.
- MOREIRA, Regina da Luz. Antonio Augusto Borges de Medeiros. In: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. **Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro**. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/antonio-augusto-borges-de-medeiros> Acesso realizado em 10/09/2022.
- MOURA, Cristina Patriota de. José Maria da Silva Paranhos do Rio Branco. In: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. **Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro**. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/RIO%20BRANCO,%20Bar%C3%A3o%20do.pdf> Acesso realizado em 11/09/2022.
- NEPOMUCENO, Bebel. Protagonismo ignorado. In: PINSKY, Carla Bassanezi. PEDRO, Joana Maria. **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2018, p. 382-409.
- NÓBREGA, Isabela Silva. Gilka Machado, uma poetisa negra e sufragista: agregando o conceito de interseccionalidade aos estudos de história e literatura. **Revista Aedos**, Porto Alegre: V Encontro Discente de História da UFRGS. v. 13, n. 29, p. 629-639, 2022.
- PAULA, Debora Clasen de. **Da mãe e amiga Amélia: cartas de uma Baronesa para sua filha** (Rio de Janeiro – Pelotas, na virada do século XX) 264f. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS. Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós Graduação – Estudos Históricos Latino-Americanos. São Leopoldo, 2008.
- PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**, São Paulo, v.24, n. 1, p. 77-98, 2005.
- PENNA-FRANCA, Luciana. Teatro Amador no Rio de Janeiro: trajetórias femininas no final do século XIX e início do XX. In: CARLONI, Karla. MAGALHÃES, Livia (org.). **Mulheres no Brasil Republicano**. Curitiba: CRV, 2021, p. 42-56.
- PEREIRA, Juliana da Conceição. O protagonismo da artista Júlia Martins: questões de raça e gênero no teatro de revista carioca (1890-1932). In: CARLONI, Karla. MAGALHÃES, Livia (org.). **Mulheres no Brasil Republicano**. Curitiba: CRV, 2021, p. 93-106.
- PERROT, Michelle. **Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. [tradução Angela M. S. Côrrea] 2ª ed. 6ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2019.
- PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 9, nº 18, p. 09-18, 1989.

RÉMOND, René. **Por uma história política**. [tradução: Dora Rocha] 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In.: _____. (org.) **Jogos de escala: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 15-38.

RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins. **Nair de Teffé: Vidas Cruzadas**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

RODRIGUES, Dayanny Deyse Leite. Ser coadjuvante ou protagonista no cenário político: o impasse das primeiras-damas. **Saeculum – Revista de História**, v. 24, nº 41, p. 176-195, 2019.

RODRIGUES, Rogério Rosa. **Guerra do Contestado**. Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: <https://atlas.fgv.br/verbetes/guerra-do-contestado> Acesso realizado em 05/10/2022.

SANTOS, Paulo César dos. **Nair de Teffé: símbolo de uma época**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Sermograf, 1999.

SCHMIDT, Benito Bisso. Biografia e regimes de historicidade. **Métis: história & cultura**, v. 2, n.3, p. 57-72, jan./jun. 2003.

SCHMIDT, Benito Bisso. O gênero biográfico no campo do conhecimento histórico: trajetória, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação. **Anos 90**. Porto Alegre, nº6, p. 165-192, dez. 1996.

SCHMIDT, Benito Bisso. Os múltiplos desafios da biografia ao/à historiador/a. **Diálogos**. Maringá, v. 21, n.2, p. 44-49, set. 2017.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 71-99, 2017.

SCOTT, Joan Wallach. **A cidadã paradoxal: As feministas francesas e os direitos do homem**. Florianópolis, Mulheres, 2002.

SILVA, Beatriz Coelho. Revolta da Chibata. **Atlas Histórico do Brasil**. Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: <https://atlas.fgv.br/verbetes/revolta-da-chibata> Acesso realizado em 05/10/2022.

SILVA, Izabel Pimentel da. Julio de Castilhos. In: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. **Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro**. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CASTILHOS,%20J%20C3%20BALio%20de.pdf> Acesso realizado em 10/09/2022.

SILVA, Izabel Pimentel da. Pinheiro Machado. In: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. **Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro**. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/MACHADO,%20Pinheiro.pdf> Acesso realizado em 11/09/2022.

SILVA, Ivanete Paschoalotto. SIMILI, Ivana Guilherme. Nair de Teffé: uma narrativa biográfica para as mulheres dos séculos XIX e XX. **Diálogos & Saberes**. Mandaguari, v. 7, nº1, p. 121-134, 2011.

SILVA, Luara dos Santos. O nosso feminismo e a arte de ensinar crianças: professoras primárias entre práticas de controle e agências no Brasil Republicano (1900-1920). In: CARLONI, Karla. MAGALHÃES, Livia (org.). **Mulheres no Brasil Republicano**. Curitiba: CRV, 2021, p. 57-73.

SIMILI, Ivana Guilherme. **Mulher e política: a trajetória da primeira-dama Darcy Vargas (1930-1945)**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

SOIHET, Rachel. COSTA, Suely Gomes. Interdisciplinaridade: história das mulheres e estudos de gênero. **Gragoatá**, Niterói, RJ, nº 25, p. 29-49, 2008.

TORRES, Iraíldes Caldas. **As primeiras damas e a assistência social: relações de gênero e poder**. São Paulo: Cortez, 2002.

VARGAS, Jonas Moreira. **Entre a Paróquia e a Corte – Os mediadores e as estratégias familiares da elite política do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, UFRGS. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2007.

VISCARDI, Claudia Maria Ribeiro. **O Teatro das Oligarquias: uma revisão da “política do café com leite”**. 2ª ed. Coleção História. Belo Horizonte, Editora Fino Traço, 2012.

ZIMMERMANN, Tânia Regina; MEDEIROS, Márcia Maria de. BIOGRAFIA E GÊNERO: Repensando o feminino. **Revista de História Regional**, [S. l.], v. 9, n. 1, 2007.

Fontes

Livro

FONSECA, Nair de Teffé Hermes da. **A verdade sobre a Revolução de 22**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Gráfica Portinho Cavalcanti LTDA, 1974.

Hemeroteca Digital Brasileira

A Imprensa, Rio de Janeiro, 24 de julho de 1911, p. 2

A Imprensa, Rio de Janeiro, 06 de fevereiro de 1912, p. 2

A Imprensa, Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1911, p. 4

A Imprensa, Rio de Janeiro, 22 de junho de 1912, p. 1.

A Imprensa, Rio de Janeiro, 08 de junho de 1912, p. 2.

A Imprensa, Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1911, p. 4

A Imprensa, Rio de Janeiro, 18 de setembro de 1913, p. 1

A Imprensa, Rio de Janeiro 25 de abril de 1911, p. 3

A Imprensa, Rio de Janeiro, 17 de novembro de 1913, p. 2

A Epoca, Rio de Janeiro, 18 de setembro de 1913, p. 1.

A Epoca, Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1914, p. 1

A Epoca, Rio de Janeiro, 31 de janeiro de 1914, p. 3.

A Noite, Rio de Janeiro, 08 de setembro de 1916, p. 1

A Noite, Rio de Janeiro, 25 de novembro de 1912, p. 3.

- A Noite*, Rio de Janeiro, 17 de setembro de 1913, p. 2
- A Noite*, Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1913, p. 1
- A Noite*, Rio de Janeiro, 08 de dezembro de 1913, p. 1
- A Noite*, Rio de Janeiro, 09 de dezembro de 1913, p. 2
- A Noite*, Rio de Janeiro, 05 de dezembro de 1913, p. 1
- A Noite*, Rio de Janeiro, 05 de dezembro de 1913, p. 3.
- A Noite*, Rio de Janeiro, 10 de outubro de 1913, p. 2
- A Noite*, Rio de Janeiro, 11 de novembro de 1920, p. 5
- A Notícia*, Rio de Janeiro, 05 e 06 de março de 1914, p. 1
- A Tribuna*, Rio de Janeiro, 01 de agosto de 1911, p. 2
- Careta*, Rio de Janeiro, 13 de setembro de 1913, p. 13.
- Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 02 de março de 1913, p. 2
- Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 19 de outubro de 1913, p. 3
- Correio da Manhã*, Rio de Janeiro 21 de setembro de 1913, p. 2
- Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 16 de setembro de 1913, p. 1
- Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 15 de outubro de 1913, p. 3
- Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 17 de novembro de 1913, p. 2
- Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 07 de outubro de 1913, p. 3
- Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 21 de janeiro de 1914, p. 1
- Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 18 de dezembro de 1920, p. 17
- Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 1913, p. 26.
- Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 31 de julho de 1909, p. 40.
- Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 25 de outubro de 1914, p. 6
- Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 26 de junho de 1914, p. 3
- Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 05 de novembro de 1920, p. 1; p. 2
- Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 1920, p. 3
- Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 03 de junho de 1921, p. 1
- Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19 de outubro de 1910, p. 8
- Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 30 de junho de 1912, p. 11
- Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 de dezembro de 1911, p. 7
- O Combate*, Rio de Janeiro, 27 de abril de 1922, p. 1
- O Imparcial*, Rio de Janeiro, 13 de novembro de 1913, p. 2
- O Imparcial*, Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1913, p. 7
- O Imparcial*, Rio de Janeiro, 03 de dezembro de 1913, p. 2

- O Imparcial*, Rio de Janeiro, 29 de outubro de 1913, p. 3
- O Imparcial*, Rio de Janeiro, 29 de outubro de 1913, p. 4
- O Imparcial*, Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1913, p. 3
- O Imparcial*, Rio de Janeiro 11 de fevereiro de 1913, p. 6
- O Imparcial*, Rio de Janeiro, 19 de outubro de 1913, p. 2
- O Imparcial*, Rio de Janeiro, 15 de fevereiro de 1913, p. 3
- O Imparcial*, Rio de Janeiro, 04 de julho de 1922, p. 1; p. 12.
- O Jornal*, Rio de Janeiro, 02 de novembro de 1927, p. 8
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 25 de outubro de 1914, p. 5
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1914, p. 4
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 26 de junho de 1914, p. 3
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 03 de julho de 1922, p. 2.
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 05 de julho de 1914, p. 3.
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1911, p. 2.
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 13 de maio de 1911, p. 1
- Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 20 de dezembro de 1924, p. 30

CPDOC

Fundo AVAP vpr cp 1971.11.22

Anais do Senado Federal

FEDERAL, Annaes do Senado. **Sessões de 1 a 30 de novembro de 1914**. Volume VII. Congresso Nacional. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1917.

Museu Histórico Nacional

Item NT13 (032.250) – Caricatura de Artur da Silva Bernardes e Nilo Peçanha, por Rian. Disponível em: <https://atom-mhn.museus.gov.br/index.php/caricatura-de-artur-da-silva-bernardes-e-nilo-pecanha> Acesso realizado em: 30/08/2022.